



REYNALDO ODILO

JESUS CRISTO VOLTARÁ

**Fé e Perseverança para o Glorioso
Dia com o Senhor da Igreja**

JESUS CRISTO VOLTARÁ

Fé e Perseverança para o Glorioso
Dia com o Senhor da Igreja

REYNALDO ODILO

JESUS CRISTO VOLTARÁ

**Fé e Perseverança para o Glorioso
Dia com o Senhor da Igreja**

1ª Edição



CPAD

Rio de Janeiro
2021

Todos os direitos reservados. Copyright © 2021 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na web e outros), sem permissão expressa da Editora.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento

Revisão: Ester Soares

Adaptação da capa: Elisangela Santos

Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

Conversão para ebook: Cumbuca Studio

CDD: 242 – Literatura devocional

e-ISBN: 978-65-5968-175-4.

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2021



PREFÁCIO

Com muita alegria, mais uma vez, venho prefaciар um livro do pastor Reynaldo Odilo, um amigo que tem servido a Deus com toda a dedicação na Assembleia de Deus no Estado do Rio Grande do Norte, especialmente agora, como co-pastor no templo central em Natal. Desta vez, o assunto que ele desenvolverá diz respeito à escatologia bíblica: *Jesus Cristo Voltará*, nossa bem-aventurada esperança, com enfoque especial nos acontecimentos descritos em Apocalipse, que é um livro maravilhoso, o qual conclui o que Deus começou em Gênesis.

Ora, no princípio (Gênesis), céus e terra são criados; aparecem Sol e Lua; há um jardim; ocorre o casamento do 1º Adão; inicia-se, entre os homens, o pecado; surge o grande adversário, Satanás; e, logo no alvorecer da história da humanidade, Deus constata com tristeza a Queda do Homem.

Em Apocalipse (área primordial de abordagem deste livro), entretanto, narra-se como tudo será encerrado; o surgimento de novos céus e nova terra; menciona-se, agora, a desnecessidade de Sol e Lua, porque o Cordeiro será a luz da Cidade Santa (os seus filhos não habitarão mais em um jardim). O casamento, aqui, será entre Cristo e a sua Igreja sem nenhuma intercorrência desagradável. O fim do pecado também é anunciado na revelação em Patmos, bem como a condenação e ruína de Satanás e os demônios, que serão lançados no lago de fogo. No crepúsculo da história da humanidade, Deus anuncia a condenação dos ímpios

com justiça e, certamente, o perfeito estado eterno dos justos com alegria.

Assim, a história contada em Apocalipse glorifica em todos os momentos o nome do Senhor Jesus, que está na sala de controle dos fatos da história humana, bem como do Universo, sendo que, infelizmente, muitos não a compreendem, o que não é o caso do autor deste livro, que, com a maestria e o brilhantismo que lhes são afetos, trata esses assuntos com uma linguagem simples e acessível, propiciando uma leitura tanto prazerosa quanto teologicamente reveladora.

Nos laços do Calvário,

Pastor Martim Alves da Silva

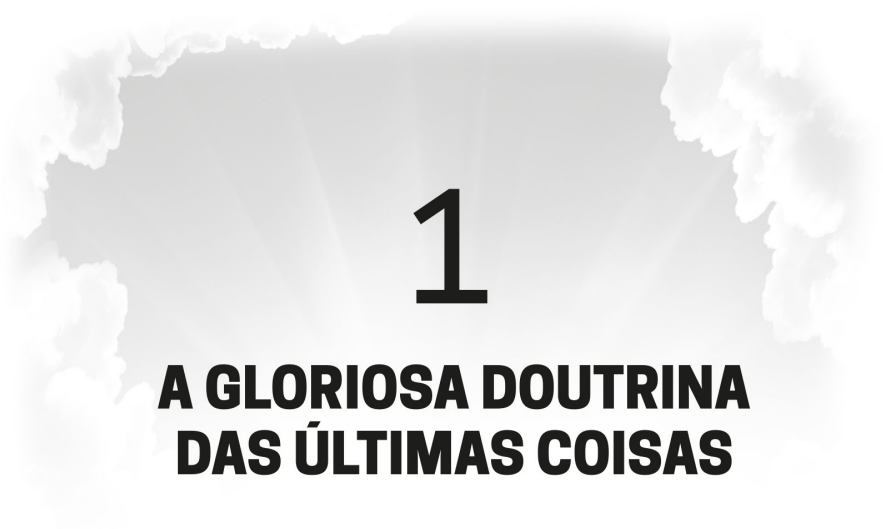
Presidente da IEADERN e CEMADERN

SUMÁRIO

Prefácio

1. A Gloriosa Doutrina das Últimas Coisas
2. Sinais da Volta de Cristo
3. O Arrebatamento da Igreja
4. Tribunal de Cristo: o Dia de Prestar Contas
5. As Bodas do Cordeiro: o Dia de Alegria
6. A Grande Tribulação: o Período de Juízo
7. O Aparecimento do Anticristo
8. A Singularidade de Israel nos Últimos Dias
9. O Retorno Triunfal de Cristo
10. O Reino do Messias: o Milênio
11. Julgamento Final, Novos Céus e Nova Terra
12. Destino Final dos Mortos
13. Esperando Jesus para Hoje

Bibliografia



1

A GLORIOSA DOUTRINA DAS ÚLTIMAS COISAS

E estudar acerca do fim dos tempos apresenta-se como uma tarefa de cunho, sobretudo, espiritual. Assim, a mera curiosidade pelos temas escatológicos não deve servir de único estímulo, haja vista que a verdadeira escatologia tem como objetivo trazer um reconhecimento mais profundo da majestade e soberania de Jesus. Essa rápida abordagem já qualifica, por si só, o *status* de “gloriosa”, na epígrafe, à doutrina das últimas coisas. Aqueles, pois, que amam a Deus veem o desfecho da história do mundo como o motivo de celebração, não pelas consequências nefastas que alcançarão o Universo, mas, sim, pela sublimidade da Glória que será manifestada quando, por fim, o Filho entregar o Reino ao Pai. Esse é o propósito que Deus planejou como finalidade para o estudo escatológico.

Entretanto, infelizmente, em que pese a majestade e excelência do tema, alguns indivíduos que enveredam pelo estudo da escatologia bíblica apresentam sentimentos pouco nobres sob o prisma espiritual, pois a vaidade, o *marketing* pessoal e o orgulho intelectual assenhorearam-se deles em alguns instantes, quando, na verdade, quem os deveria dominar era uma profunda humildade diante da grandiosidade do Poder que governa todas as coisas desde o começo até o fim.

Um dos erros comuns nesses casos é a inclinação à especulação, decorrente do desejo de produzir dados sedutores e impressionantes, “furos de reportagem” escatológicos, os quais —

lamentavelmente — não se encontram detalhados na revelação escriturística. Deus, desde muito cedo, advertiu que havia coisas inescrutáveis e irreveláveis que Ele guardaria para Si mesmo (Dt 29.29). Todavia, alguns estudiosos, inconformados com a restrição da revelação escatológica, oferecem os “palpites” mais diversos e criativos sobre o futuro. Dessa maneira, as passagens proféticas são subdimensionadas em importância, e a opinião dos “intelectuais” é elevada ao *status* de Palavra de Deus mediante um trágico exercício hermenêutico.

Por outro lado, observa-se também a tendência, denominada por alguns, como *cinismo desistente* sobre os temas das coisas futuras, decorrente do desânimo pelos resultados pouco alvissareiros, sob o prisma da realidade factível, resultando na minimização ou desprezo dos textos escatológicos pela dificuldade de conhecer em detalhes o que acontecerá no amanhã. Para esses, o conhecimento bíblico é basicamente oriundo do raciocínio humano e, quando chegam a um “beco sem saída” ou mesmo a uma encruzilhada, escolhem retroagir, desistir, demonstrando que não desejam vislumbrar a glória de Jesus nos fatos relacionados ao fim do mundo, pois preferem a glória para si mesmos. Tanto essa tendência como a anterior não estão calcadas em estímulos cristocêntricos, sendo, portanto, inadmissíveis biblicamente, constituindo-se em duas valas perigosas.

Essas duas tendências são inservíveis, porque se arrimam, como observado, em pensamentos egocêntricos. Existe, também, um terceiro grupo que se atreve a estudar escatologia, mas que não necessariamente é egocêntrico, porém, dedica-se a uma análise desordenada, solta, aleatória. Nesse caso, a pessoa pode até conhecer muito a Bíblia, porém não organiza o estudo. Então, uma vez que não obedece às regras de sistematização ortodoxa das Escrituras, resultará em tumulto, desconexão — como as informações contidas nos catálogos telefônicos —, ocasionando ausência de unidade conceitual, o que ensejará enormes confusões. O conhecimento escatológico, por isso, precisa ser regular, esquematizado, para, assim, cumprir o propósito de glorificar o nome de Jesus, trazendo grande edificação e consolação à Igreja.

No desiderato de estabelecer padrões para a interpretação dos textos apocalípticos, surgiram várias escolas. Há, por exemplo, os que advogam que os fatos do Apocalipse estão limitados ao passado e aconteceram no tempo do Império Romano — Escola Pretérita; outros, adeptos da Escola Futurista, entendem que as profecias apocalípticas são totalmente escatológicas e, assim, ensinam que os cumprimentos iniciaram-se no fim do primeiro século, perdurando através dos séculos até o fim do mundo. Apareceram, também, os estudiosos que acreditam que a mensagem do Apocalipse é exclusivamente simbólica ou espiritual — esses são da Escola Idealista, que entendem que o Apocalipse

nada mais é que uma predição do conflito entre o bem o mal; dessa forma, não existe para eles cumprimento histórico de fatos simbólicos, devendo a literalidade textual ser desprezada completamente. Há, ainda, os que admitem que o Apocalipse trata apenas de profecias históricas, tendo como ponto de partida o mundo na época em que o livro foi escrito — Escola Histórica. Com arrimo nessa ideia, Champlin diz que, até o capítulo 19 de Apocalipse, são descritos acontecimentos de nossa própria época; assim, em relação às sete igrejas da Ásia, aduz que elas representam fases da História da Igreja: a) Éfeso – a igreja apostólica; b) Esmirna – a igreja perseguida (séculos II e III); c) Pérgamo – igreja sob o favor imperial (ano 300 até o 500); d) Tiatira – a igreja da Idade Média (ano 500 até o início do século XVI); e) Sardes – igreja da reforma e renascença (séculos XVI a XVIII); f) Filadélfia – igreja das missões modernas (século XIX e primórdios do século XX); e g) Laodiceia – igreja do tempo do fim (meados do século XX até a volta de Jesus).¹

Na verdade, todas as ferramentas de interpretação oferecidas são válidas, porém, incompletas em si mesmas, na medida em que a Palavra de Deus é riquíssima em detalhes e sentidos, não sendo razoável querer encapsulá-la e vinculá-la a alguma corrente ao bel-prazer do intérprete. Diante disso, tem-se a Escola Eclética, que não descarta completamente as análises das escolas anteriores, mas funde-as, por entender que, se os padrões interpretativos das

escolas anteriormente mencionadas forem utilizados isoladamente, não se chegará ao verdadeiro sentido das mensagens do livro de Apocalipse. Assim, acredita-se, com prudência e equilíbrio, que os fatos mencionados no livro de Apocalipse são uma revelação pretérita, atual e futura do plano de Deus para a humanidade.

Diante de tantas concepções divergentes na análise escatológica, muitos teólogos discrepam entre si. Os amilenistas, por exemplo, entendem que não acontecerá um Milênio físico, mas apenas espiritual. Os pós-milenistas, por seu turno, creem que a Igreja (não glorificada) viverá no Milênio e, somente após, haverá o arrebatamento. Os pré-milenistas, com melhor exegese do texto sagrado (corrente majoritária), pregam que a Igreja será arrebatada antes do Milênio. Todavia, ainda aqui, alguns defendem, com razão, que a Igreja será arrebatada antes da Grande Tribulação. Afinal, será nesse período que haverá a manifestação da ira divina, não sendo coerente que a Noiva do Cordeiro padeça pelos erros do mundo (1 Ts 5.14) — esses são os pré-tribulacionistas. Outros teólogos, porém, creem que o arrebatamento ocorrerá no meio da Grande Tribulação — esses são os midi-tribulacionistas. E, por fim, há ainda os pós-tribulacionistas, que defendem que o arrebatamento ocorrerá somente após a Grande Tribulação.

Como mencionado anteriormente, adotando a interpretação preconizada pela Escola Eclética, o estudioso da Palavra de Deus será conduzido ao reconhecimento das verdades escriturísticas do

pré-milenismo e o pré-tribulacionismo; ou seja, a vinda de Jesus acontecerá antes do Milênio, antes da Grande Tribulação e será em duas fases, sendo a primeira conhecida como o arrebatamento, e a segunda, como a vinda em glória, quando todo olho o verá.

A autoria do livro de Apocalipse, como sendo uma obra de lavra do apóstolo João, foi defendida por Papias, em 130 d.C., Justino Mártir, em 140 d.C., e Irineu, em 180 d.C. Eusébio de Cesareia, numa época em que o Cânon não estava definido, início do século IV, lançou dúvida sobre a autenticidade joanina de Apocalipse; porém, no ano 397 d.C., no Concílio de Cartago, as dúvidas caíram por terra, e o livro foi incorporado ao Cânon Sagrado. Isso nos traz bastante confiança, pois houve uma investigação exaustiva para a definição desse livro extraordinário dentre aqueles que foram dados por Deus para orientar a sua Igreja nesses séculos de história. Existem nele muitos aspectos difíceis; todavia, quanto a isso, há uma questão primordial: não convém interpretar o livro de Apocalipse de maneira distinta dos demais, ou seja, deve ser utilizado o método histórico-gramatical, no afã de, respeitando-se o estilo gramatical de um texto, bem como o contexto cultural, histórico e literário, desvendar o sentido original da revelação. Ora, nos livros de Ezequiel, Daniel, Zacarias, Mateus, etc., também existem revelações difíceis de compreender, com visões grandiosas, mas, nem por isso, as pessoas consideram figurativas todas as profecias.

Obviamente, alguns enigmas proféticos são apresentados por meio de linguagem simbólica, notadamente quando se trata de grandezas como tempo, espaço e matéria. Nesses casos, entretanto, a exegese não deve ser realizada com base na imaginação descontrolada do intérprete, mas dentro do próprio texto, bem como levando em consideração outras passagens escriturísticas. Com isso, a escatologia cumprirá genuinamente uma nobre missão de desviar nosso olhar das coisas efêmeras desta vida, elevando-o ao Céu e estendendo-o à eternidade. O certo é que devemos estudar o livro de Apocalipse literalmente e, dentro desse prisma, quando se tratar de linguagem figurativa, aplicar uma interpretação correspondente.

Observe-se, entretanto, que, sendo Jesus o objetivo maior da escatologia bíblica, não se pode pretender que ela sirva para apresentar um roteiro detalhado, passo a passo, acerca das condições precisas sobre a volta do Salvador e o fim do mundo; porém, longe das especulações, o seu foco deve ser extrair dos textos o real sentido, que apontará — como dito — para a supremacia de Jesus no desenrolar e na consumação da história do Cosmos.

Nesse passo, é mister citar que:

O plano de Deus sempre foi mostrar a sua glória em todo o cosmos *em* Jesus e por intermédio de Jesus. De acordo com o apóstolo Paulo, Deus propôs o intento “de tornar a

congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra” (Ef 1.10). A atual irmandade de cristãos que, um dia, culminará na comunhão do céu é uma consequência do plano de Deus de congregar tudo em Jesus, o Messias. Jesus é a origem da criação de Deus e a meta do plano de Deus.²

Assim, o objetivo da obra de Deus na história da humanidade não se traduz a uma série específica de acontecimentos apocalípticos, mas, sobretudo, como já mencionado, acerca de uma Pessoa, Jesus de Nazaré, e a sua glória no desfecho de todas as coisas: “Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!” (Rm 11.36).

I – A BÍBLIA E A DOCTRINA DAS COISAS FUTURAS

1. Tipos de Doutrinas

Em todo conhecimento, para ser considerado digno de confiança, é indispensável que haja sistematização. Até mesmo uma história que é contada no dia a dia da vida carece de uma narrativa encadeada, razoável, para ser considerada historicamente viável. Caso contrário, as pessoas ficarão, como se fala corriqueiramente, “com uma pulga atrás da orelha”. Nesse contexto, o estudo, seja na área secular, seja da Bíblia Sagrada, necessita de parametrização.

O saudoso pastor norte-rio-grandense Antonio Gilberto, ao estabelecer a categorização das doutrinas bíblicas, inclui, por isso mesmo, a escatologia como uma doutrina das *mais difíceis* de entender. Ele também menciona as doutrinas da salvação como as mais fáceis e as doutrinas da vida cristã como as menos fáceis de entender.³

Partindo dessa premissa, vislumbra-se o grande desafio que se impõe àqueles que almejam aprofundar-se no estudo das profecias. Como diz o adágio popular, sobretudo neste caso: “O poço é profundo, e a corda é curta” para nós, seres que possuímos a capacidade de conhecer “somente em parte”.

2. As Doutrinas mais Difíceis?

Falar sobre o passado não é fácil, pois muito do diagnóstico diz respeito a fatos que não foram presenciados por quem os comenta. Contudo, mesmo aqueles que vivenciaram determinado episódio, até que ponto estão comprometidos com a verdade real? Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), a Alemanha, ora derrotada, foi dividida pelo Muro de Berlim, e, a partir daí, surgiram narrativas sobre o maior ou menor protagonismo dos países vencedores (EUA, URSS e Inglaterra), segundo a ideologia dos historiadores, o que se convencionou chamar de *Kalter Krieg der Geschichtswissenschaftler*, que significa *Guerra Fria dos Historiadores*. Ou seja, cada um contava a versão que melhor lhe

parecia, valorizando o capitalismo ou o comunismo. Sendo assim, podemos encontrar um grande espectro de narrativas distintas, contraditórias, tendenciosas, nos livros de História, muitos deles contaminados com a ideologia do narrador. Esse fenômeno não aconteceu somente na Alemanha pós-guerra. Em nossos dias, no Brasil, isso é bem latente entre historiadores, jornalistas, blogueiros, etc., daí o crescente descrédito que muitos veículos de imprensa têm amargado, pela manifesta tendenciosidade e subserviência aos grupos políticos que se engalfinham na aventura desmedida pelo poder.

Assim sendo, submergir nos fatos do passado e interpretar corretamente os momentos do presente constituem-se um exercício exaustivo, que exige muito estudo e observação, inteligência argumentativa e neutralidade ideológica para a produção de um conteúdo respeitado, digno de ser suportado e lido. Caso contrário, poderá ser considerado apenas propaganda proselitista, nada mais que isso, caindo o esforço narrativo empreendido em desdita.

A verdade é que, para alguém falar sobre o que acontecerá amanhã, necessita de Revelação divina. E não apenas da revelação, mas, sobretudo, da interpretação correta da Revelação, que é outro desafio gigantesco. Dessa forma, o que acontecerá no amanhã, tanto em relação às individualidades, o dia a dia das pessoas, quanto à coletividade — qual o futuro do mundo — traduz-

se, sem dúvida, com razão, como um dos assuntos doutrinários *mais difíceis* da Bíblia.

3. A Linguagem de Deus

A linguagem pedagógica de Deus é a linguagem do futuro. O Senhor chamou a Abraão e prometeu que o seu futuro seria magnífico como as estrelas do céu. Para Moisés, Deus sempre apontou o caminho da Terra Prometida. Quanto a Davi, a promessa acerca do futuro dizia respeito a um descendente que reinaria para sempre. E assim, Deus frequentemente levantou profetas para falar ao seu povo sobre — e principalmente — o futuro. Deus, o Senhor do tempo, relaciona-se com o homem sempre o lembrando de que há escolhas a fazer na vida e que elas determinarão como será o fim de cada um de nós. Se houvesse predestinação, por exemplo, esse diálogo divino perderia o sentido, pois as escolhas sobre o futuro não estariam disponíveis, haja vista que o Altíssimo já as teria determinado no lugar dos homens. Assim, se uns nascessem “carimbados” para serem salvos e outros para irem para o Inferno, as profecias escatológicas, ao invés de serem instrumentos de persuasão para conversão dos perdidos ou para a consolação dos crentes, seria um discurso tirano, assustador, irremediavelmente amargo e quase sarcástico. Deus, porém, com a escatologia bíblica, em face do livre-arbítrio concedido aos homens, continua bradando: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo;

arrependei-vos e crede no evangelho” (ARA), “Vinde a mim todos [...] e eu vos aliviarei” (verbo conjugado no “futuro do presente”). O futuro sempre esteve presente nos lábios de Jesus como fator decisivo de esperança para os homens.

II – POR QUE ESTUDAR A DOCTRINA DAS ÚLTIMAS COISAS

1. Para Despertar Desejo por uma Vida Santa

O apóstolo Pedro escreveu que o mundo será destruído, e, por isso, deveríamos ser santos e irrepreensíveis (2 Pe 3.11). Assim, na ideia do apóstolo, ao conhecer mais acerca do futuro, o crente deseja viver dia a dia mais perto do Salvador.

Que esse livro possa, destarte, servir de estímulo à construção de uma comunhão perfeita entre nós e o Senhor. A Terceira Pessoa da Trindade tem o título (saberemos o Seu nome na eternidade) de Espírito Santo porque tem a missão preciosa, na Terra, de moldar as vidas das pessoas para que, gradualmente, sejam transformadas na imagem de Jesus (2 Co 3.18). Isso se chama santificação progressiva, e, através da expectativa da volta iminente do Senhor, o Espírito intensifica esse desejo de o crente ser mais santo.

2. Para Alertar sobre os Tempos do Fim

Deus alerta aos homens em todo o lugar que se arrependam (At 17.30), e os eventos escatológicos mencionados nas Escrituras

possuem exatamente este objetivo: alertar os homens sobre o fim de todas as coisas e a necessidade de arrependimento. Observa-se que, em nenhum momento da história, Deus teve o desejo de atormentar os seres humanos com os cataclismas que sobrevirão sobre a humanidade, mas, sim, adverti-los de que haverá um dia de prestação de contas e, assim, fazê-los vigilantes e precavidos sobre o juízo divino que virá sobre o mundo rebelde.

Um exemplo disso está na mensagem que o Senhor determinou que Jonas pregasse em Nínive (Jn 3.2): “[...] Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida” (Jn 3.4). Aquela pregação não era para que eles ficassem desesperados, mas tratava-se de um alerta de que densas trevas consumiriam os que viviam em rebeldia contra o Senhor. O povo de Nínive arrependeu-se, e a cidade não foi destruída naquele tempo. Objetivo alcançado.

3. Para Refutar as Heresias

As sementes de heresias, que já estão espalhadas pelo mundo, possuem grande possibilidade de florescer no solo da escatologia. Diante disso, a Igreja necessita estar preparada para responder com mansidão àqueles que questionarem sobre a esperança de nossa fé (1 Pe 3.15). O apóstolo Paulo também ordenou que Tito agisse de maneira a rechaçar os que falavam heresias (Tt 1.10,11,13).

Não se pode desprezar o efeito danoso de ervas daninhas numa lavoura. Às vezes, parece uma coisa insignificante, pequena,

localizada, porém, depois, se não for eficazmente combatida, as pragas espalhar-se-ão e destruirão toda a plantação.

Da mesma maneira, distorções doutrinárias podem até aparentar serem inofensivas, só que a Bíblia adverte-nos que “um pouco de fermento pode levedar toda a massa”. Interpretações bíblicas equivocadas, como o pós-tribulacionismo (que diz que o arrebatamento ocorrerá após o fim da Grande Tribulação), universalismo (todos serão salvos), o aniquilacionismo (as almas dos condenados no Inferno serão aniquiladas), etc., precisam ser combatidas. Ora, o crente que acredita que Jesus só virá após a Grande Tribulação pode descuidar-se e viver de maneira displicente; o que crê no universalismo não se preocupará em pregar o evangelho e também deixará de preocupar-se com a santidade pessoal, e, por fim, só para exemplificar, acreditar que a alma não é imortal, mas que será aniquilada no lago de fogo, desconstruirá a noção de castigo eterno, abrandando, assim, o severo juízo que Jesus derramará sobre os ímpios. E isso é importante? Sem dúvida! O Senhor disse que ali o “o bicho não morre, e o fogo nunca se apaga” (Mc 9.48) e que a fumaça daquele lugar de juízo sobe pelos séculos dos séculos, certamente dando a entender a perenidade da sentença sobre os maus. Se a Bíblia faz questão de enfatizar algo, não se pode, com uma justificativa humanista, minimizar as consequências.

III – VIVENDO A ESPERANÇA CRISTÃ

1. Aguardando a Bem-aventurada Esperança

Os muitos enfermos que ficaram à margem do tanque de Betesda (Jo 5.1-14) aguardando o movimento das águas não pensavam em outra coisa a não ser: “Quero ser curado!”. Essa era a bem-aventurada esperança de cada um. Então, segundo eles criam, o primeiro a entrar na água após o movimento causado pela descida de um anjo seria instantaneamente curado.

Imaginemos a tensão que envolvia cada um dos doentes e os seus acompanhantes quando até uma leve brisa soprava sobre a lâmina d’água daquele grande tanque. Provavelmente se, naqueles instantes, alguém oferecesse aos que esperavam a descida do ser angelical uma faustosa refeição, fazer uma viagem, ou qualquer outra atividade paralela, seria prontamente rechaçado.

Como aguardamos nosso Salvador? Fazemo-lo como se fosse uma coisa qualquer, ou sentimos o mesmo que Simeão, para quem a chegada do Messias era o maior projeto da sua vida?

2. Vivendo com a Expectativa da Bem-aventurada Esperança

Os doentes mencionados na história do item anterior aguardavam a qualquer momento e com muita expectativa a chegada da cura tão almejada para os seus corpos físicos, o que faria com que todos ali

tivessem o foco voltado única e exclusivamente para o mover das águas.

A vida daquele que serve a Deus precisa ser voltada para a vinda de Jesus a tal ponto que o lema de todo cristão deve ser: “Hoje será o dia do arrebatamento da Igreja!”. Não é por acaso que os crentes da Igreja Primitiva tinham a saudação: “Maranata! Ora, vem, Senhor Jesus!”. Eles assim falavam porque amavam a volta do Senhor. A prioridade de quem anseia pela volta de Jesus é o Céu, e isso faz toda a diferença na vida sobre a Terra. C. S. Lewis, nesse diapasão, dizia: “Desde que os cristãos deixaram de pensar amplamente no mundo vindouro, tornaram-se ineficazes neste mundo. Aspire o Céu e terás a terra de ‘lambuja’; aspire a Terra, e não terás nenhum dos dois”.⁴ Assim, anelando o que é perene, alcança-se também o que perece, porém, o inverso não funciona: amando o que perece, nada se lhe aproveitará.

Sem dúvida, muitos crentes não levam a sério a sua vida devocional porque as suas prioridades estão invertidas. O interesse pelas coisas que abastecem o corpo massageia o ego, engorda os sentimentos e tem primazia sobre os aspectos básicos da vida espiritual, a saber, oração, leitura da Bíblia e busca pela santificação. O fim de tudo isso pode terminar tragicamente, como na parábola das dez virgens: “E, depois, chegaram também as outras virgens, dizendo: Senhor, senhor, abre-nos a porta! E ele,

respondendo, disse: Em verdade vos digo que vos não conheço” (Mt 25.11,12).

3. A Iminente Chegada da Bem-aventurada Esperança

Escrevi, há alguns anos, acerca da chegada do Salvador:

A vinda do tempo de Deus para esta geração não tarda. As profecias bíblicas indicam que Ele “certamente virá e não tardará” (Hc 2.3; Hb 10.37).

Paulo, pelo Espírito, disse que “o tempo se abrevia” (1 Co 7.29), a mesma ideia trazida por Jesus, em relação ao tempo do fim (Mt 24.22). Era sob essa égide que a igreja do primeiro século caminhava.

Os cristãos não tinham as suas vidas por preciosas e viviam sem amar as coisas do mundo, como Paulo orientou “os que compram” que vivessem como se nada possuíssem (1 Co 7.30). O foco deles era o encontro maravilhoso com o Senhor, por isso a perseguição romana não lhes era um pesadelo. Jerônimo disse que não havia dia que não fossem martirizados, pelo menos, uns 5 mil cristãos, entretanto “a atitude constante de todos esses mártires sempre foi a mesma”.⁵ Eles podiam declarar como Paulo: “Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda” (2 Tm 4.8).⁶

Tenho que viver uma vida digna da ressurreição, que acontecerá em breve. Portanto, a escatologia, como uma parte da teologia, propõe-se a refletir sobre o futuro desde os sinais da vinda de

Cristo, o momento do arrebatamento, o Tribunal de Cristo, as Bodas do Cordeiro, a Grande Tribulação, a vinda de Jesus em glória, o Armagedom, o Julgamento das Nações, o Milênio, o Juízo Final (Grande Trono Branco), bem como sobre o último e definitivo estado da existência humana, incluindo a denominada “segunda morte” e a vida eterna dos redimidos, que será um eterno Dia de Primavera para a Noiva do Cordeiro.

Esse é o arcabouço, de forma abreviada, dos últimos acontecimentos do mundo. Entretanto, o anelo prioritário deve ser a iminente volta de Jesus, o arrebatamento da Igreja, que é a bem-aventurada esperança que alimenta o coração de cada cristão genuíno, da mesma forma como os servos de Deus que viveram antes de Cristo, que eram consolados em função da expectativa da chegada do Messias.

Na verdade, o Senhor pode vir a qualquer momento, pois todas as profecias e sinais já se cumpriram. A Igreja deve estar atenta, olhando para cima, pois a sua redenção está próxima.

CONCLUSÃO

A escatologia mostra-nos que, no fim, Deus transformará tudo o que foi estragado pelo pecado. Será criado um novo Céu e uma nova terra, a relação entre Deus e os homens será restaurada como era no Paraíso antes do pecado. Ele enxugará toda lágrima, não haverá

mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, as coisas velhas serão passadas, tudo se fará novo (Ap 21.4).

Essa é uma expectativa, uma esperança, que todos os crentes em Jesus Cristo devem trazer consigo, como uma âncora para a alma. Assim, quando as tempestades quiserem arrastar nosso barquinho pelo mar revolto das inquietudes, essa âncora espiritual irá manter-nos firmes e inabaláveis (Hb 6.19).

¹ CHAMPLIN, R. N.. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. 1.ed., vol. 6, São Paulo: Hagnos, 2014, pp. 488, 489.

² JONES, Timothy Paul. **Guia Profético para o Fim dos Tempos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 17.

³ GILBERTO, Antonio. **Manual da Escola Dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 94.

⁴ LEWIS, C. S.. **Cristianismo Puro e Simples**. 1.ed., Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 99.

⁵ FOXE, John. **O Livro dos Mártires. (iBook)** São Paulo: Mundo Cristão, 2013, p. 15.

⁶ SOARES, Reynaldo O. Martins. **Tempo para todas as Coisas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, pp. 152,153.



2

SINAIS DA VOLTA DE CRISTO

Quando Jesus referiu-se aos sinais da sua vinda, comparou-os às dores que decorrem das contrações progressivas anteriores ao nascimento de uma criança. Um mundo melhor estava “se aproximando”, mas isso não aconteceria sem, antes, Deus julgar àqueles que seguiram a rebelião de Satanás, vivendo e difundindo o pecado, assim como sendo inimigos de Deus e, em um nível humano, visível, da Noiva do Cordeiro.

Falar sobre esses sinais corresponde a ler as matérias jornalísticas do dia. No momento em que escrevo agora, por exemplo, dia 23 de maio de 2021, há muitas informações sobre o crescimento da epidemia do coronavírus (COVID-19) no Brasil e no mundo, uma virose que, apesar da vacinação em massa, se reinventa frequentemente em cepas distintas, assustando a todos. A guerra entre Israel e o Hamas também é destaque, com um frágil cessar-fogo acertado entre as partes beligerantes. O Ministério da Cidadania anunciou que 14,5 milhões de famílias atualmente vivem em extrema pobreza no Brasil. Dois terremotos abalam as províncias chinesas de Qinghai e Yunnan. Há, enfim, uma grande quantidade de notícias que retratam os sinais da volta do Senhor, e todas essas informações são de sofrimento, dor e tristeza para a humanidade. Não obstante a grande evolução da ciência, como profetizou Daniel, os homens não têm conseguido resolver os seus problemas mais graves.

Ao observar os efeitos terríveis impingidos pela Covid-19 — certamente, um dos sinais da volta do Senhor —, o ex-presidente do Uruguai, Pepe Mujica, afirmou: “Se eu pudesse acreditar em Deus, diria que a pandemia é uma advertência aos ‘sapiens’.” Interessante que, mesmo ateu, Mujica entende razoavelmente que algum crente interpreta as dores destes dias de pandemia como uma advertência divina para as pessoas. Essa percepção, ainda que imperfeita, de que Deus pode falar (e fala) aos homens mediante o sofrimento, também foi observada por Alister McGrath, forte em C. S. Lewis, que aduz: “Deus sussurra para nós em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nossas dores; elas são seu megafone para despertar um mundo surdo”.¹

Os abundantes eventos contemporâneos como guerras, terremotos, epidemias, surgimento de falsos profetas e falsos cristos, o esfriamento do amor de muitos cristãos (é só observar o que está ocorrendo com o cristianismo na Europa), são “pistas proféticas”, sinais que antecedem o arrebatamento da Igreja. “A Bíblia é mais atual que o jornal de amanhã”, acentuava o saudoso pregador americano Billy Graham.

Obviamente, eventos que demonstram certo desequilíbrio da natureza e a existência de rebeliões e tensões sociais, morais e espirituais sempre estiveram presentes no mundo, mas não como se vê atualmente, em que há um perceptível incremento na

quantidade e intensidade desses fenômenos, como prenúncios da iminente e bendita vinda de Cristo.

Por isso, neste instante crucial da história humana, a Igreja não pode ficar indiferente. É, pois, momento de despertar, fazer a escolha correta, haja vista o tempo do fim que se aproxima velozmente.

I – O QUE SÃO ESSES SINAIS?

1. A Convulsão da Natureza

Deus sempre se comunicou com os homens através da natureza. No Salmo 19, há a menção de que a natureza é uma mensagem do Altíssimo ao mundo. Quando se indignou, as águas do Dilúvio cobriram a Terra; fogo e enxofre desceram sobre Sodoma e Gomorra. Em momentos de alegria, como no nascimento de Jesus, o Senhor fez uma estrela reluzente brilhar no firmamento. Em momentos de dor e sacrifício, como na morte do Filho, houve abalo do mundo natural, marcado por terremoto e eclipse.

Escrevi, no ano de 2017, um texto que hoje, quatro anos depois, se encontra tão atual quanto antes:

Jesus alertou no sermão profético que, antes de sua vinda, sobreviriam fomes, pestes e terremotos, em vários lugares (Mt 24.7). Isso denota a abrangência do juízo que pairaria sobre a humanidade. Nos últimos anos, a revolta da Natureza causou grande destruição. Acredita-se que o número de terremotos no Século XX foi superior ao total de

terremotos de todos os tempos e que entre 2000 e 2010, conforme conceituado Órgão norte americano, “aconteceram mais de 200 mil terremotos”. Por causa dos terremotos em 2004 (Indonésia), 2010 (Haiti), 2011 (Japão) e 2015 (Nepal), somadas, aproximadamente 500 mil pessoas foram mortas.

Por outro lado, segundo agências da ONU, em 2015, 795 milhões de pessoas passaram fome no mundo. Nos últimos 25 anos, o número dos países africanos que enfrentam crises alimentares duplicou. Com relação às pestes, elas, ao longo da história, já vitimaram mais pessoas que todas as guerras juntas. Nos séculos XX e XXI inúmeras foram as epidemias que atingiram o mundo: gripe aviária, gripe suína, ebola, aids, dengue, zika... E os cientistas avisam: as próximas epidemias podem ser com “supervírus”. O mundo está sendo preparado para o início do grande dia do Senhor. Estes são o princípio de dores.²

Assim, a natureza não assiste inerte ao que se passa no planeta. Com o aumento da maldade, há um tensionamento e desequilíbrio dos seus ciclos e, à proporção que se aproxima o grande Dia do Senhor, pode-se perceber claramente que ela convulsiona, provocando eventos que foram profetizados por Jesus como sinais da sua volta — fomes, terremotos, pestes, em vários lugares (Mt 24.7; Lc 21.11), servindo tudo isso de aviso à população mundial. Como o Senhor é misericordioso!

2. Aumento da Rebelião ou Guerras

Jesus mencionou sobre o rompimento da longínqua *pax romana* ao falar sobre guerras, rumores de guerras, nação contra nação e reino contra reino (Mt 24.6,7). O princípio de dores seria marcado por um crescente processo de rebelião. De lá para cá, o mundo nunca mais experimentou longos períodos de paz, e as guerras foram atônicas. Em 2014, por exemplo, uma pesquisa realizada entre 162 países demonstrou que somente onze não estavam envolvidos em guerras.

Matthew Henry, ao comentar sobre isso, acentua:

O Senhor prediz guerras e grandes perturbações entre as nações (Mt 24.6,7). Quando Cristo nasceu, havia uma paz universal no império, o templo do deus Jano estava fechado; mas não pense que Cristo veio para trazer a paz, ou dar prosseguimento àquela paz (Lc 12.51). Não, a sua cidade e o seu muro devem ser construídos até mesmo em tempos difíceis, e até mesmo as guerras contribuirão para o avanço da sua obra. Desde a ocasião em que os judeus rejeitaram a Cristo, e Ele deixou a casa deles desolada, a espada nunca deixou esta casa, a espada do Senhor nunca se aquietou [...].

[...] Uma predição dos eventos da época: Em breve, “ouvireis de guerras e de rumores de guerras”. Quando houver guerras, elas serão ouvidas; pois cada peleja do guerreiro se dá com confuso ruído (Is 9.5). [...] Deus tem uma espada pronta para vingar a disputa do seu concerto, do seu novo concerto, e assim se “levantará nação contra nação”, isto é, uma parte ou província da nação judia contra outra, cidade contra cidade (2 Cr 15.5,6); e na mesma província e cidade, um grupo ou facção se levantará contra outro, de modo que eles se devorarão, e serão despedaçados, um contra o outro (Is 9.19-21).³

A verdadeira paz só virá ao mundo quando o Príncipe da Paz tiver lugar para reinar no coração dos homens. Enquanto isso, conflitos intermináveis continuarão sem parar, ceifando milhões de vidas, destruindo os sonhos e o futuro de gerações. É o fim dos tempos.

3. Tensões Generalizadas

À proporção que as contrações aumentam, sabe-se que a criança está perto de nascer. Assim, nos instantes mais próximos à volta de Jesus, o conflito cósmico alcançará uma tensão nunca vista antes. Por conta disso, Jesus previu o aumento da atividade diabólica, com o aparecimento de falsos cristos e falsos profetas (Mt 24.5,11; 1 Jo 2.18) e perseguições aos crentes (Mt 24.9), além da multiplicação das iniquidades.

As notícias de jornais abordam diariamente, e vemos no cotidiano o aumento do conflito ideológico, moral, social, espiritual e, diante disso, não se deve duvidar: trata-se do acréscimo da atividade diabólica no planeta Terra. Paulo fala claramente: “Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios” (1 Tm 4.1).

Esses espíritos enganadores manipulam doutrinas diabólicas, vestindo-as a caráter, para iludirem os homens, preparando-os para a chegada do Anticristo. O Mal usa a mesma estratégia que o Altíssimo utilizou, quando da encarnação do Messias: “Eis que eu

vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do SENHOR; e converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais” (Mt 4.5,6). O espírito do Anticristo, assim, empreende o acirramento das tensões e a tentativa de adulteração do que é bom e santo.

Paulo adverte que, nos últimos tempos, os homens terão como “comichão nos ouvidos” (2 Tm 4.3) para não escutarem a doutrina de Deus. O mundo jaz no maligno, e, por isso, temos que ficar atentos aos sinais e tensões generalizadas, pois a volta de Jesus está próxima. Não podemos deixar-nos levar por vento de doutrina estranha que aparece. É preciso ter raiz, ser sóbrio, vigiar, “[...] porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar” (1 Pe 5.8).

II – SINAIS PARA A IGREJA

1. Sofrimento e Martírio

Durante o ministério terreno de Jesus, sempre aconteceram polêmicas com os judeus, porque Jesus era um pregador politicamente incorreto. As suas palavras vinham do Céu e, por isso, causavam forte impacto nas mentes e corações. Então, algumas pessoas convertiam-se, mas outras se revoltavam; é bom frisar, porém, que Jesus e mesmo os discípulos nunca tiveram sequer uma gota de sangue derramada antes da noite da traição.

Observe, entretanto, que, no sermão profético, Jesus alertou os seus discípulos sobre momentos de muito sofrimento e martírio: tormentos, prisões e morte e que eles seriam odiados por todos (Mt 24.9). Acerca disso, é mister relatar que existem estatísticas que atestam o efeito da perseguição religiosa aos cristãos. Por exemplo, no Oriente Médio, nos últimos cem anos, mais precisamente em 1910, os cristãos eram cerca de 13,6% da população; mas, em 2010, esse percentual caiu para 4,3%. Uma crescente perseguição islâmica propiciou, ao longo desse período, expulsão de lares, cidades, tortura ou até a morte caso não se negasse a fé em Cristo Jesus.

Agências de notícias informaram que, no ano de 2013, 100 mil cristãos foram mortos por causa da sua fé. Já no ano de 2018, a morte de cristãos por perseguição religiosa aumentou 40% no mundo. No ano de 2019, mais de 250 milhões de cristãos foram perseguidos no mundo. No ano de 2020, 350 milhões de cristãos foram perseguidos no mundo. Um em cada oito cristãos são discriminados no mundo. O ódio contra quem serve a Deus, profetizado por Jesus, está cada vez mais evidente hoje em dia.

2. Falsos Profetas

No que diz respeito ao surgimento de falsos profetas (Mt 24.11), há que se mencionar que, durante a história, muitos falsos profetas

levantaram-se, mas, sem dúvida, esse número tem aumentado significativamente.

Observe que, no século XX, pessoas como Jim Jones (nascido em 1931, nos EUA), Marshall Applewhite (nascido em 1931, nos EUA), José Luís de Jesus Miranda (nascido em 1946, em Porto Rico), Shoko Asahara (nascido em 1955, no Japão), Vissarion (nascido em 1961, na Rússia), David Shayler (nascido em 1965, na Inglaterra), dentre muitos outros, intitularam-se Cristo ou o seu profeta e atraíram muitas pessoas a si. Satanás atua fortemente na Terra. A Igreja precisa despertar, pois o Noivo está às portas (Mt 25.6).

3. O Amor de muitos Esfriará

Jesus disse que a rebelião, no princípio das dores, alcançará as pessoas individualmente (Mt 24.10,12; 1 Tm 4.1; 2 Tm 3.1,2). Será um tempo difícil, que será marcado pela multiplicação da iniquidade e a consequente diminuição do padrão de amor, falta de discernimento espiritual, escândalos, traições e ódio — uma grande apostasia da fé.

O Reino de Deus é chamado de o “[...] Reino do Filho do seu amor” (Cl 1.13), porque aqueles que se envolvem com as coisas de Deus agem, sobretudo, baseando as suas atitudes no amor, seja para com Deus ou com o próximo. O amor, o vínculo da perfeição, foi a principal característica da Igreja Primitiva, tendo o Senhor

repreendido, no Apocalipse, a igreja em Éfeso, já perto do fim do século I, porque perdeu o seu primeiro amor (Ap 2.4,5).

Assim, perder o primeiro amor significa, em outras palavras, deixar de amar da forma como Deus pretende que amemos. Destarte, quando o homem distanciou-se do Senhor por causa da iniquidade, isso gerou conseqüentemente a diminuição da característica do divino nele, fazendo com que tudo se tornasse vazio e sem sentido do ponto de vista espiritual. Afinal, onde existe amor existe milagre, vida, alegria, pureza, e, por outro lado, a falta do amor genuíno entre os cristãos provoca o maior dano que se pode mensurar: perder a essência daquilo que era o projeto do Criador, que é ser transformado na imagem de Cristo.

III – ESTEJA ALERTA E VIGILANTE

1. Tempo de Olhar

Jesus disse: “Olhai, vigiai e orai, porque não sabeis quando chegará o tempo” (Mc 13.33), alertando sobre a necessidade de estar preparado para o arrebatamento da Igreja. A primeira ação mencionada é “olhar” (gr. *blepo*), que significa, metaforicamente, ver com os olhos da mente, perceber, tendo sido traduzida na ARA como “estai de sobreaviso”.

O escritor Timothy Paul Jones estimula-nos a olhar na direção certa no que tange à análise dos fatos que antecedem a volta de Jesus. Ele diz que, quando focamos na direção certa: a) estamos

prontos para Jesus voltar a qualquer momento; b) vemos nossa responsabilidade de proclamar o Evangelho o tempo todo; c) descansamos na certeza de que Deus endireitará o mundo.

No seu entendimento, o Senhor não desejava que detivéssemos nosso olhar na compreensão dos detalhes dos sinais da volta de Jesus, mas que estivéssemos focados para, a qualquer momento, encontrarmos-nos com Ele, bem como que despertássemos em nós o anelo de proclamar o Evangelho em todas as nações (At 1.8) e que nos permitíssemos ser consolados pela promessa de que Deus, um dia, fará novas todas as coisas.⁴

Esse olhar que o Senhor determinou, portanto, deve ser na direção certa, e não em detalhes acerca dos tempos ou das estações que o Pai reservou para o seu próprio poder, mas olhar para aquilo que glorifica a Jesus, o alvo do plano do Altíssimo e o sinal final da obra de Deus na história da humanidade.

Olhando na direção certa, despertaremos do sono da indolência (Rm 13.11) e adentraremos em um tempo de avivamento espiritual. Esse olhar “com os olhos da mente” é fator decisivo para a manutenção do padrão de espiritualidade que agrada a Deus. Sempre é tempo de recomeçar.

2. Tempo de Vigiar

O segundo verbo usado por Jesus foi “vigiar” (gr. *agrupneo*), que também pode ser traduzido como estar ou permanecer acordado,

estar atento, pronto, cuidadoso. Interessante, porém, é perceber que, logo a seguir, em Marcos 13.35,37, o Senhor repete a ordem de vigiância, porém, utilizando o verbo *gregoreuo*, que possui um sentido mais específico, profundo, que significa estar bastante atento, ser cauteloso, a fim de evitar que, por causa de negligência e indolência, alguma calamidade destrutiva repentinamente surpreenda alguém.

Assim, em Marcos 13.33, o Senhor fala sobre estar atento e, adiante, explicita que tal postura tem razão de ser para inibir tragédia que aconteça de forma inesperada. Como pano de fundo desse ensino, Ele profere uma parábola cheia de suspense, na qual um homem viaja para outro país, entregando responsabilidades aos seus servos, mas ao porteiro é dito: “vigiai” (*gregoreuo*). Jesus, então, dá o tom da responsabilidade que pesa sobre os ombros dos trabalhadores, ao aconselhar que eles estivessem sempre vigilantes porque não sabiam se o dono da casa voltaria à tarde, à meia-noite, ao cantar do galo ou pela manhã. Observe a tensão dos obreiros daquele homem, os quais não poderiam ficar displicentes em nenhuma hora, haja vista que o empregador deles era exigente e, quando voltasse, queria tudo em ordem.

Observe que Jesus não mencionou que os trabalhadores tinham que ter cuidado em não roubar nada enquanto o senhor deles não chegava, mas em não dormir! Que grande fardo para eles, pois não poderiam sequer dormir sossegados ante à expectativa do retorno

do dono da casa. Assim, Jesus enfatizava acerca da importância de uma vigilância eficiente, constante, enquanto se aguardava o seu retorno.

O certo é que a recompensa para quem é vigilante será uma eternidade deleitosa com Deus. Aqueles, porém, que enveredam em distrações perderão o melhor dos seus esforços e, provavelmente, até a sua própria vida. Assim sendo, nunca se distraia com os prazeres transitórios do pecado, trocando bênçãos duradouras da sua vida por experiências de curto prazo.

3. Tempo de Orar

A última ação determinada por Jesus foi orar (gr. *proseuchomai*). A última, mas não menos importante, determinação do Senhor é, pois, que o servo viva em oração. Observe que as duas primeiras condutas, olhar e vigiar, dependem exclusivamente dos cuidados daquele que espera o seu senhor, mas esse terceiro imperativo, orar, demonstra que o homem que espera pelo senhor apenas “olhando e vigiando” não obterá êxito total no seu desiderato.

Na verdade, esperar por alguém sem importância não é difícil. Não exige preparo especial. Pode-se aguardar com roupas inadequadas para a ocasião, sem os devidos cuidados pessoais, ou até dormindo; afinal, trata-se somente de mais uma visita, um amigo que deseja “jogar conversa fora”. Todavia, para esperar o retorno do Filho de Deus, faz-se necessário muita cautela, pois Ele pode

chegar inesperadamente e exigirá a prestação de contas naquele mesmo instante.

Por isso, além de olhar e vigiar, é preciso orar na medida em que, “[...] se o SENHOR não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela” (Sl 127.1). A oração é o canal que faz o crente conectar-se com o seu Criador, deixando claro os planos e as estratégias necessárias para vencer os obstáculos da vida. Experiência, *expertise*, são coisas importantes na tarefa de olhar e vigiar, mas somente através de uma vida de oração é que o crente estará plenamente preparado para encontrar-se com o seu Senhor.

Orar é entrar simultaneamente como filho e súdito na Sala do Trono e falar com o Soberano do Universo, sentindo profundo deleite em simplesmente estar na sua presença, não por causa dos possíveis presentes que pode receber, nos moldes do que está escrito: “Deleita-te também no SENHOR, e ele te concederá [...]” (Sl 37.4). Nesse texto, Deus age como um pai perspicaz: fica feliz quando a criança não é interesseira, porém, alegra-se com a companhia paternal e, por isso, concede os desejos do coração dela. Que grande descoberta! Há galardão nesta vida e na vindoura para o adorador!

Enquanto a presença de Deus não for um deleite para o discípulo, haverá uma grande falha no relacionamento com o Criador. Davi, no Salmo 40.8, afirmou que se deleitava em fazer a vontade do Senhor.

Ele foi considerado um homem segundo o coração de Deus (At 13.22).

CONCLUSÃO

Os sinais são alertas para não ficarmos aqui quando a trombeta de Deus soar (1 Co 15.51,52). Na perícope de Marcos 13.34,35, “o servo está vigiando pela chegada de seu senhor, mas aquele não sabe quando este aparecerá. O resultado é um mandamento de vigilância que ele dificilmente pode ser mais dramático em seu poder retórico”.⁵ Jesus, com essa história, mostra como devemos focar na direção correta. Todo nosso sentimento deve estar voltado para o encontro com Ele. Nada pode ser mais precioso, urgente e desejado do que tal momento. Os sinais que Ele pronunciou devem servir apenas como marcos históricos e temporais para esse grande e iminente evento, e nunca como fonte de especulações, ou mesmo para tentar marcar o dia e a hora desse acontecimento, pois não existe a mínima probabilidade de acerto. Muitos agendaram ao longo da história o dia do arrebatamento da Igreja, porém, foram fragorosamente envergonhados.

Aos que esperaram prudentemente pelo Senhor durante a existência terrenal, quando Ele vier, se já tiverem morrido, ressuscitarão, e os seus corpos serão, em uma fração de segundos, transformados e, em seguida, subirão ao encontro com o Senhor nos ares. Se permanecerem vivos, não passarão pela morte, mas

terão os corpos instantaneamente transformados e, após isso, subirão ao encontro do Senhor nos ares. Maranata!

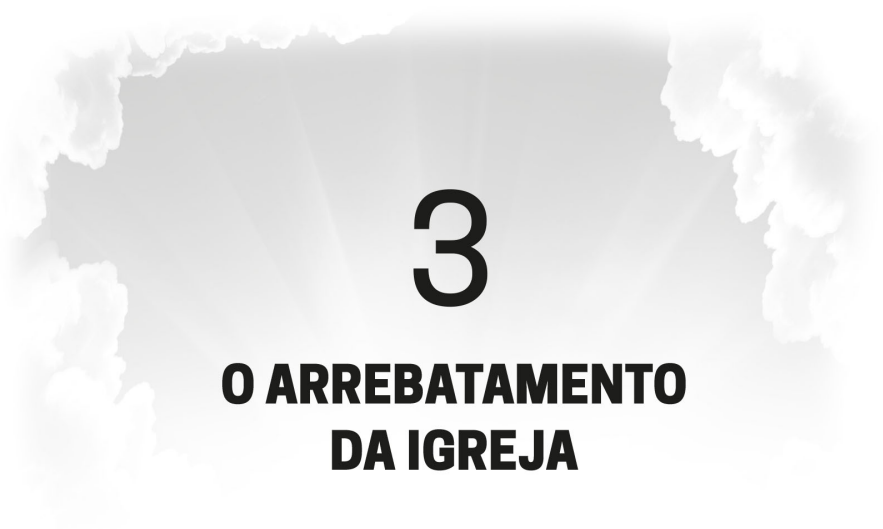
¹ McGRATH, Alister. **Conversando com C. S. Lewis**. 1.ed., São Paulo: Planeta, 2014, p. 158.

² SOARES, Reynaldo O. Martins. **Tempo para todas as coisas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 105.

³ HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico do Novo Testamento**. vol. 5, Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 312.

⁴ JONES, Timothy Paul. **Guia Profético para o Fim dos Tempos**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2016, pp. 20, 21.

⁵ ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal**. 2.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 13.



3

O ARREBATAMENTO DA IGREJA

Os judeus esperavam com muita expectativa pelo Messias; quando Ele veio, entretanto, Deus escondeu-o dos olhos do mundo, fazendo-o nascer em um lugar pobre e, logo após, conduziu-o ao Egito, vindo a manifestar-se publicamente só aos trinta anos, quando aconteceu o seu batismo no Rio Jordão. No seu ministério, de pouco mais de três anos, igualmente houve a fase da notoriedade, na qual Ele andava com os seus discípulos, habitualmente acompanhado de multidões, por todas as cidades e vilarejos fazendo a obra de Deus, e a fase em que Ele vivia nas “sombras”, sem assumir nenhum compromisso com a presença de multidões, apenas fazendo aparições pontuais, privadas, conforme está escrito: “Jesus, pois, já não andava manifestamente entre os judeus, mas retirou-se dali para a terra junto do deserto, para uma cidade chamada Efraim; e ali andava com os seus discípulos” (Jo 11.54).

Semelhantemente, quando for cumprir a promessa de voltar a este mundo, fá-lo-á em duas fases: a primeira em oculto para o mundo, num piscar de olhos, ante o ressoar da última trombeta, e a outra, sete anos depois, publicamente, em glória, quando todo o olho o verá. Ambos os eventos de manifestação do poder de Deus serão marcantes para o mundo e trarão surpresa aos que habitam na Terra. Serão intervenções incisivas divinas no curso da história, que alterarão drasticamente as condições da vida.

Esses episódios distintos foram profetizados frequentemente nas Escrituras. Ocorre que, nalgumas vezes, o Senhor mencionou em uma mesma ministração fatos que aconteceriam nos anos, décadas e milênios que se seguiriam, como no sermão profético (Mt 24), em que Jesus falou sobre a destruição de Jerusalém (ano 70 d.C.) e, logo após, acerca do arrebatamento da Igreja. Como compreender, então, essa ausência de unidade temporal nesse sermão e em algumas das profecias bíblicas?

É que Jesus, assim como os profetas, pode ser comparado a um alpinista que escala um alto monte e, quando chega no cume, vê descortinar diante de si toda a exuberante natureza, com os seus relevos peculiares, todos muito distantes, alguns sendo vistos apenas como pontos no horizonte. Ao tentar descrevê-los, de onde se observa, aquele que profetiza vislumbra que se encontram perfeitamente sequenciados, emparelhados e próximos; todavia, se alguém pretender visitar todos os lugares citados, perceberá o distanciamento que separa a cada um deles.

Dessa forma, a primeira e a segunda fase da vinda de Cristo são apresentadas, por vezes, em um mesmo discurso profético, como visto, ou até num único versículo (e.g., “aguardando a bem-aventurada esperança [primeira fase, arrebatamento] e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo [segunda fase, vinda em glória]” Tt 2.13). Certamente, esse é um dos motivos pelos quais alguns teólogos entendem que a vinda

de Jesus acontecerá apenas numa fase, fundindo esses dois eventos num só e, com isso, alterando a percepção escatológica.

Por isso, o estudo das coisas do futuro precisa ser bastante criterioso, isento de quaisquer palpites ou ideias preconcebidas para, dessa forma, compreender-se o alcance e a coerência da palavra profética, mormente sobre a vinda do Senhor.

I – O QUE É O ARREBATAMENTO DA IGREJA?

1. A Bem-aventurada Esperança

O velho Simeão tinha uma bem-aventurada esperança: ver o Messias (Lc 2.25). Por isso, quando ele tomou o menino Jesus nos seus braços, “louvou a Deus, e disse: Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra, pois já os meus olhos viram a tua salvação” (Lc 2.28-30). Uma vez que a esperança foi cumprida, nada mais importava na sua vida. A Igreja também possui uma bendita, bem-aventurada, feliz (gr. *makarios*) esperança: o seu arrebatamento ao Céu (Tt 2.13).

A esperança mais importante para um caminhoneiro reside em entregar a sua carga no destino certo e sem nenhuma avaria; um agricultor, por seu turno, concentra a sua expectativa em observar a lavoura florescer e dar frutos; uma costureira, porém, anela, mais do que tudo, concluir uma roupa que sirva perfeitamente e que deixe a pessoa contratante feliz. Se essas pessoas amam o que fazem e sentem-se vocacionadas para tal, a expectativa desses resultados

respectivos dará força para elas prosseguirem trabalhando até o fim. Usando essa mesma linha de raciocínio, Paulo afirma que “ninguém que milita se embaraça com negócio desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra (2 Tm 2.4), ou seja, o soldado sabe qual é a sua missão e, por isso, não se distrai com outros compromissos para cumprir as ordens do seu comandante.

A Igreja é chamada pelo Espírito Santo de Noiva, ou Esposa, do Cordeiro. Pergunta-se, nesse sentido: qual a maior (e única, quiçá) expectativa de uma noiva, senão chegar o grande e aguardado dia da festa do seu casamento? O noivo, igualmente, tem a mesma esperança. Assim, esse desejo está abrigado não somente no coração daqueles que fazem parte da Noiva do Cordeiro, os seus servos, que foram lavados pelo seu sangue e guardam a sua Palavra, mas também pelo próprio Noivo, ou Esposo, o Senhor Jesus.

Acerca disso, A. W. Tozer afirmou que Deus tem dois planos para a restauração da humanidade. Um deles diz respeito ao restabelecimento da glória de Israel, que acontecerá quando da volta gloriosa do Senhor; e o outro será a glorificação do seu Corpo, a Igreja, quando do arrebatamento.¹ Assim, pode-se dizer que o arrebatamento da Igreja, a bem-aventurada esperança, constitui-se o cerne do Cristianismo. Sem essa esperança, os que integramos a Igreja de Cristo poderíamos ser reputados como os mais miseráveis entre os homens (1 Co 15.19). Nossos corpos deixarão de ser

mortais e corruptíveis e passarão ao *status* de *gloriosos*, semelhantes ao corpo do Cristo Ressurreto (Fp 3.21), e, assim, estaremos para sempre com o Senhor.

2. O Cortejo Nupcial

O rapto da Noiva, conforme narrado nas Escrituras, possui semelhanças notáveis com a forma como acontecia o casamento hebreu. Uma parte cerimonial importante era a inicial, na qual havia pessoas que acompanhavam o noivo, em cortejo, para o encontro com a noiva (como se vê na parábola das dez virgens — Mt 25.1-13). No arrebatamento, haverá igualmente esse cortejo nupcial (o noivo virá acompanhado) para o encontro, nos ares, com a sua Noiva e, assim, estaremos para sempre com o Senhor (1 Ts 4.17).

Observe esta citação:

A cerimônia de casamento começava com o noivo vestido com uma coroa de flores ou coroa matrimonial (Ct 3.11). Os amigos dele aproximavam-se da casa da noiva (Ct 3.7), que estava coberta de véu e adornada com joias e vestes cerimoniais [...]. Ela era escoltada até a casa do noivo com o acompanhamento de cantos e danças [...]. Fazia-se uma festa sumptuosa (Gn 29.22), seguida de festividades que duravam uma ou duas semanas (Jz 14.12).²

Assim, o arrebatamento da Igreja dar-se-á em clima de cortejo nupcial. Cristo e os seus servos entrarão em unidade plena, amorosa, eterna e vitoriosa.

3. A Derrota da Morte

Durante a vida, os cristãos desfrutaram de muitas vitórias, mas há uma que, de tão especial, é singularizada. Está escrito: “E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória” (1 Co 15.54).

Acerca desse tema, veja o seguinte comentário:

A frase: “Tragada [*katapino*] foi a morte na vitória” (v. 54) origina-se de Isaías 25.8. Em uma passagem paralela, o apóstolo fala daquilo que é “mortal” sendo “absorvido pela vida” (2 Co 5.4). A frase: “Onde está, ó morte, o teu aguilhão [*kentron*]? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” (v. 55) é uma adaptação de Oséias 13.14, em que a morte e o Sheol são personificados. Paulo está confrontando a morte, dizendo que para o crente seu aguilhão e sua vitória são somente temporários. [...] Paulo explica que o aguilhão não é propriamente a morte, mas o pecado (v. 56).

Portanto, para o crente cujos pecados foram perdoados, a morte já não tem nenhum aguilhão. A morte é ganho, não perda (Fl 1.21,23). [...] A morte, juntamente com os inimigos que trouxeram a morte a todos (o pecado e a lei), foram vencidos pela ressurreição (Fee, 805).³

Essa vitória maiúscula, definitiva, que se dará sobre a morte, acontecerá simultaneamente com a redenção dos justos. É mister ressaltar que a morte será tragada pelos méritos de Jesus Cristo, e não pelas boas obras dos cristãos. Na verdade, assim como em um

casamento hebraico, todos os itens e preparativos para a festa eram de responsabilidade do noivo.

II – QUANDO E COMO SERÁ O ARREBATAMENTO DA IGREJA

1. O Tempo do Arrebatamento

Dia e hora incertos

A Bíblia enfatiza veementemente que ninguém sabe o dia da volta de Jesus. Está escrito: “Mas, daquele Dia e hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai” (Mc 13.32). Entretanto, apesar dessa advertência cristalina, ao longo da história, muitas pessoas aventuraram-se a marcar o dia e a hora em que o Senhor havia de vir. Na cidade de Tessalônica, por exemplo, algumas décadas após Jesus ressuscitar, falsos profetas ensinavam que o Senhor já havia vindo, razão pela qual Paulo precisou escrever uma epístola (2 Ts 2.2,3). Joseph Smith, no século XIX, afirmou que Jesus traria a Nova Jerusalém para o Condado de Jackson, Missouri. Até hoje, os mórmons esperam o cumprimento dessa profecia. William Miller, adventista do 7º dia, por sua vez, no mesmo século, predisse que a volta de Jesus Cristo ocorreria antes de 21 de março de 1844. Sobrevinda a data, a previsão foi refeita para o dia 18 de abril de 1844 e, depois, para 22 de outubro de 1844. Charles Taze Russell, o fundador das “Testemunhas de Jeová”, profetizou que a volta de Jesus ocorreria no ano de 1914.

Em 1987, Edgar C. Whisenant escreveu o livro *88 Razões Por Que o Arrebatamento será em 1988*. Houve também predições da volta de Jesus para o ano 2000, bem como para o dia 21 de maio de 2011, dentre tantas outras. Mas nada aconteceu!

Que fique registrado que, sendo Jesus a Segunda Pessoa da Trindade, Ele sabe todas as coisas; entretanto, quando Ele mencionou essa frase, estava na condição humana e, como tal, naquele momento, sob o prisma da humanidade, a afirmação era verdadeira. Quando ressuscitou, porém, Ele falou que todo o poder tinha-lhe sido dado no céu e na terra! Assim, hoje, Ele tem conhecimento acerca do dia e da hora da sua vinda!

Sinais que indicam a época

O Senhor falou que vários acontecimentos marcariam a época profética do seu retorno, sendo esses fatos conhecidos como “o princípio de dores”. Isso, porém, não deve servir para saciar a curiosidade das pessoas; o propósito de Deus é que todos estejamos preparados para subir naquele Dia, e não curiosos sobre esses acontecimentos. A. W. Tozer aduz, com entendimento, que “a razão pela qual Jesus afirmou que voltaria e, no futuro, receberemos sinais sobre a sua vida não era para encorajar uma curiosidade indolente em nós, mas para nos capacitar, a fim de estarmos preparados e prontos para quando ele vier”.⁴

Na *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, consta que o arrebatamento terá as seguintes características:

Será um evento repentino e secreto, precedido pelos sinais gerais da apostasia, guerras, fomes, catástrofes naturais, perseguições, de maneira que esse evento não pode ser visualizado antecipadamente nem datado por esses ou por nenhum outro sinal. A condição para fazer parte desse glorioso evento é estar em Cristo. Essa é a primeira fase da Segunda Vinda de Cristo que precederá a Grande Tribulação, período em que a ira de Deus será derramada sobre os moradores da terra.⁵

Esses sinais denominados de “princípios de dores” são uma “amostra grátis” da Grande Tribulação, que assolará o mundo durante sete anos, um período em que a ira de Deus será derramada sobre os que habitam na terra.

2. O Processo do Arrebatamento

A palavra de ordem

Haverá um alarido (*keleusma*), que também é traduzido como “palavra de ordem” (ARA), para determinar que o exército celestial entre em ação. O Príncipe do Exército do Senhor (Js 5.14) estava dando a autorização para uma invasão muito esperada: o Esposo sairá da Casa do seu Pai e resgatará a Esposa da sua casa paterna (a Terra). Serão instantes de grande emoção quando “os mortos em Cristo e os santos do Antigo Testamento serão ressuscitados

primeiro, seguindo-se a transformação dos salvos vivos e o simultâneo encontro de ambos os grupos com o Senhor nos ares”.⁶

No momento posterior (não obstante alguns advoguem que o alarido e a voz do arcanjo sejam a mesma coisa), o arcanjo determinará que os exércitos celestiais acompanhem o cortejo do Filho para buscar a sua Noiva. A verdade é que, diante da pequenez e finitude da mente humana, Deus apropriou-se de elementos hierárquicos e organizacionais conhecidos para que compreendêssemos minimamente o seu agir nesse dia glorioso.

A última trombeta

O Senhor determinou que Moisés fabricasse duas trombetas de prata (a prata é símbolo da redenção na Bíblia), que serviriam para conclamar o povo para reunir-se e dar o sinal de partida do acampamento, bem como deveriam ser tocadas “no dia da vossa alegria, e nas vossas solenidades, [...] e vos serão por lembrança perante vosso Deus” (Nm 10.2,10). O toque dessa trombeta também foi mencionado pelo apóstolo Paulo (1 Co 15.52), representando a conclamação da reunião do povo do Senhor para a maior festa de todos os tempos.

A descida dos céus e a ressurreição

Após o soar da última trombeta, acontecerão eventos numa fração ínfima de tempo (gr. *atomos*), a descida do Senhor do Céu e a

ressurreição dos justos (Dn 12.2). Na *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, há o seguinte entendimento:

Esse advento será invisível aos olhos do mundo, porém seus efeitos serão perceptíveis. Isso ocorrerá em fração de segundos, e nosso corpo será transformado num corpo glorioso, que estará revestido de incorruptibilidade e imortalidade por ocasião do rapto da Igreja.⁷

No instante glorioso da volta de Jesus, haverá a concretização de um anelo do coração de Deus. Está escrito em Cantares 2.9-12, em linguagem amorosa e poética, o sentimento desse encontro, que não se havia concretizado ainda pelo impedimento das “grades” da corruptibilidade, as quais, naquele instante, com a ressurreição, já não existirão mais. Será, a partir de então, para a Igreja um eterno dia de Primavera.

III – VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA O ARREBATAMENTO?

1. A Necessidade da Vigilância

Em várias passagens bíblicas, o Senhor deixa muito claro que precisamos estar preparados para o arrebatamento. Aliás, estar preparado não é um pré-requisito só dos crentes do Novo Testamento. No Antigo Testamento, da mesma forma, há inúmeras passagens nas quais Deus exorta o seu povo a manter-se vigilante, como, por exemplo, na seguinte Escritura: “Portanto, assim te farei,

ó Israel! E, porque isso te farei, prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus” (Am 4.12).

No seu grande amor, o Altíssimo olha com ternura para os filhos dos homens sabendo que o arrebatamento acontecerá imprevisível, surpreendente e instantaneamente, e, por isso, aconselha que o caminho da sensatez é a única alternativa que resta para o servo fiel. As distrações da vida — tentações que acometem os que estão há muito tempo na jornada — não podem ser admitidas por aqueles que anelam habitar eternamente com Deus.

Aliás, Jesus alertou sobre a importância da preparação e da prudência em três parábolas sequenciais no sermão profético, as quais, na verdade, têm uma só mensagem central.

Os dois servos

Diante dos discípulos, no Templo em Jerusalém, poucos dias antes da crucificação, Jesus, ao abordar os últimos fatos da história humana, faz uma narrativa de “tirar o fôlego” (Mt 24.45-51). Trata-se da história de duas pessoas, (representantes das opções de escolhas que se apresentam perante os que habitam na Terra), que decidem tomar posições distintas, embora, a princípio, estivessem no “mesmo barco”: ambos eram servos.

A primeira hipótese da parábola indica alguém fiel e prudente que, no dia do retorno do senhor, será aprovado pelo seu cuidado e dedicação. Receberá prêmio por ter-se mantido atento e cuidadoso

com as suas responsabilidades. O outro, porém, começou “a espancar os seus conservos, e a comer, e a beber com os bêbados” (Mt 24.49), demonstrando que o compromisso firmado com o seu senhor tinha sido desprezado, esquecido, transgredido. Que tristeza! Pois “virá o senhor daquele servo num dia em que o não espera e à hora em que ele não sabe” (Mt 24.50) e terá uma surpresa muito desagradável! Na verdade, deveria ser um momento de alegria”, quando ele receberia o galardão pelo seu trabalho, mas o que se viu foi “pranto e ranger de dentes”.

Não devemos perder a sobriedade e a obediência, acreditando que o ajuste de contas com Deus tarda, porque, ainda que não pareça, o Senhor breve virá.

As dez virgens

Na parábola seguinte (Mt 25.1-13), as dez virgens, o padrão de comportamento repete-se. No entanto, dessa vez, não se menciona que as moças virgens que sofreram decepção — elas foram proibidas de entrar na festa de casamento — eram más, como o personagem da história anterior; elas eram “apenas” imprudentes. Cinco delas tinham azeite nas suas vasilhas (símbolo do Espírito Santo), mas não o suficiente para serem admitidas na celebração matrimonial.

O aviso é claro: não adianta tentar esconder-se “atrás” das roupas, fazendo o papel de ter compromisso com o Noivo, quando, na verdade, só se preocupa com o seu conforto e satisfação. Quando o

“Esperado das Nações” chegar, não haverá nova oportunidade de preparação. O arrebatamento surpreenderá a todos, mas somente quem estiver com os seus depósitos de azeite cheios irá ao encontro do Noivo bendito.

Os talentos

Na terceira história, que encerra a trilogia parabólica escatológica (Mt 25.14-30), Jesus aborda o problema vivenciado não por um servo que se tornou violento e alcoólatra, ou por moças que não tinham um verdadeiro compromisso com o Noivo. Os três homens da parábola seguinte eram pessoas de confiança do senhor, haja vista que receberam muito dinheiro (talentos) para investir, e o dono do patrimônio saiu do país e só voltaria depois de muito tempo — essa era a perspectiva de todos os servos, dando a ideia de que nós, cristãos, acreditamos que o Senhor voltará, mas não hoje; por isso, muitas vezes fazemos planos a longo prazo que não envolvem o Reino.

No caso desta parábola, dois servos, enquanto esperavam o seu senhor, investiram os talentos que receberam, só que outro ficou improdutivo por enterrar o tesouro recebido. Ele arrumou uma desculpa para ficar na sua zona de conforto, assim como muitos de nós, cristãos, procedemos, dormindo o sono da indiferença. Observe que o grau de importância no Reino, inclusive desse homem que recebeu apenas um talento, era superior ao do servo

que deveria cuidar da casa ou das virgens que participariam da festa do casamento. Mesmo assim, teve um destino semelhante aos demais “decepcionados”.

2. Você Está Preparado?

Estar preparado para a volta de Jesus não é uma opção entre outras, mas um dever, oriundo do compromisso firmado no dia em que a pessoa entregou a vida a Cristo. Jesus falou sobre um rei que fez o casamento do filho e, no dia da festa, havia um convidado — a quem o rei chamou de amigo — que foi retirado da mesa do banquete e lançado nas trevas (Mt 22.1-13), porque ele não usava roupas adequadas, que eram fornecidas pela realeza. Que tremenda decepção! Tudo foi consumado no Calvário. Basta, pois, somente, que andemos constantemente com vestes de justiça.

CONCLUSÃO

O arrebatamento será um fato tangível, e não mera alegoria como alguns pensam. Se Deus prometeu enviar Jesus para ferir a cabeça da serpente (Gn 3.15), e isso demorou aproximadamente 4 mil anos, podemos confiar que Ele efetivará a promessa de vir buscar a sua Igreja (Jo 14.3). A sua Palavra será cumprida, ainda que, aparentemente, pareça demorada.

Enquanto esperamos prudentemente pelo Amado de nossas almas para o dia de hoje, trabalhemos para Ele incansavelmente,

olhando para os campos que estão brancos para a ceifa, como se o arrebatamento da Igreja não fosse acontecer pelos próximos cem ou duzentos anos.

¹ TOZER, A. W.. **Preparando-se para a Volta de Jesus**. 1.ed., Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2018, pp. 130, 131.

² YAMAUCHI, Edwin M.; WILSON, Marvin R.. **Dicionário da Vida Diária na Antiguidade Bíblica e Pós-Bíblica**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 397.

³ ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal**. 2.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2004, pp. 1057, 1058.

⁴ TOZER, A. W.. **Preparando-se para a Volta de Jesus**. 1.ed., Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2018, p. 41.

⁵ SOARES, Esequias (Organizador). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 186.

⁶ SOARES, Esequias (Organizador). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017 p. 186.

⁷ Idem.



4

TRIBUNAL DE CRISTO: O DIA DE PRESTAR CONTAS

Imaginemos um jovem cristão (Pedro), entregando literatura evangélica numa praça pública; uma anciã (Maria) caminhando de madrugada até um pequeno templo na periferia de uma grande cidade a fim de participar de um culto matutino, ou o esforço de um senhor de meia-idade (Antônio), que passa horas a fio estudando a revista da Escola Dominical com o auxílio de uma Bíblia de estudo, dicionário e concordância para dar aula no domingo pela manhã a meia dúzia de adolescentes. O que esses três personagens têm em comum? Eles estão servindo a Jesus. Fazem tudo para agradar ao Senhor, que transformou as suas vidas. Foi para eles que o apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 15.58, exortou que fossem “firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor.” Ou seja, os cristãos deveriam dar o seu melhor para Deus, porque todo o empreendimento realizado com o objetivo de agradar a Deus não seria em vão.

As pessoas poderosas, ricas, influentes deste mundo, jamais se ocupariam, dariam atenção ou mesmo recompensariam a um jovem, uma anciã ou a um senhor de meia-idade que, mesmo sinceros, não lhes prestassem grandes contribuições. O que cada um dos três cristãos imaginários (porém bem reais) fizeram não teria nenhum valor para a maioria dos homens, contudo têm elevada recompensa diante de Deus. Eles, se permanecerem fiéis, um dia receberão prêmios e lauréis no Tribunal de Cristo. Que grande ideia de Deus!

Entregar honrarias por alguém distribuir folhetos, orar, estudar a Bíblia... mas não só por isso; porém, sobretudo, por aquilo que os moveu a realizar esses atos singelos e, ao mesmo tempo, significativos, diante do Céu.

Em Tiago 1.12, está escrito que o Senhor dará a “coroa da vida” àqueles que o amam (gr. *agapao*). Que coisa maravilhosa! Em Apocalipse 2.10, o Senhor Jesus também reforçou a promessa acerca dessa coroa àqueles que fossem fiéis até à morte.

O apóstolo Pedro fala sobre uma “coroa de glória” que está reservada aos obreiros que trabalharem para Jesus com altruísmo, exercendo a sua autoridade com comedimento, voluntariamente, por amor a Deus e às almas (1 Pe 5.2-4).

Também há na Bíblia a promessa de uma “coroa da justiça” para aqueles que amarem a vinda do Senhor (2 Tm 4.8). Amar a vinda (gr. *epiphaneia*) do Senhor significa que a pessoa demonstra total desapego às coisas desta vida e anela o Céu, pela presença de Jesus. Dessa forma, há galardão para quem ama a vinda de Cristo, o Dia grandioso do seu retorno do Céu para buscar a sua Igreja, em que a morte será vencida (1 Co 15.54). Que continuemos servindo a Jesus durante toda nossa vida, não só começando bem, mas, acima de tudo, terminando vitoriosamente nossa carreira, de tal maneira que alcancemos a coroa “incorrutível” (1 Co 9.24,25), que será entregue pelo Senhor Jesus naquele dia glorioso.

O Tribunal de Cristo será o momento do recebimento das recompensas pelo esforço que os cristãos fazem nesta vida em prol do Reino de Deus. A *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* diz que, após o arrebatamento da Igreja será estabelecido, no Céu, o Tribunal de Cristo, que tratará a respeito da recompensa de nossas obras em favor da causa de Cristo na terra, como está escrito: “o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra (Ap 22.12).¹

Assim como os ímpios já condenados serão julgados no Juízo Final por conta das suas obras, os salvos serão julgados no Tribunal de Cristo por conta das suas obras. São duas reuniões completamente diferentes, as quais acontecerão com uma separação de 1.007 anos. Infelizmente, porém, muitas pessoas frequentemente as confundem. A única coisa em comum entre as duas audiências de julgamento é que, como dito, os indivíduos que comparecem serão recompensados “segundo as suas obras”, mas, obviamente, há uma enorme distinção entre a reunião que Deus fará com os crentes — com corpos gloriosos — após o arrebatamento, para aquela na qual Ele castigará os homens profanos, reputados como inimigos (Tg 4.4).

I – O QUE É O TRIBUNAL DE CRISTO?

1. Julgamento no Céu

O Tribunal de Cristo será o primeiro evento após o arrebatamento da Igreja, no qual os salvos terão escrutinados os seus serviços prestados em prol do Reino de Deus na Terra. Homens de Deus como Abraão, Isaque, Davi, Pedro, etc., participarão, juntamente com a Igreja glorificada, daquela magnânima cerimônia, para a qual todos os crentes estaremos intimados a comparecer a fim de que cada um receba “o que tiver feito por meio do corpo, ou bem ou mal” (2 Co 5.10).

Esse Tribunal, portanto, não acontecerá para tratar acerca da salvação, até porque todos estaremos com corpos gloriosos, em comunhão com Deus, mas apenas estabelecer os galardões. Sobre isso, Lawrence Olson escreveu:

Esse julgamento não foi estabelecido para demonstrar se as pessoas que diante dele comparecem são culpadas ou inocentes, isto é salvas ou perdidas, uma vez que este julgamento é exclusivamente para os salvos. A questão da salvação individual já foi resolvida há muito. Agora se trata da questão das recompensas, que será resolvida conforme a fidelidade ou infidelidade do crente, como mordomo na Casa do Mestre.²

O Tribunal de Cristo, portanto, será o ambiente das recompensas em que as obras dos salvos serão provadas. É importante ressaltar, porém, que ali não haverá qualquer temor, vergonha, tensão, sentimento de injustiça, pois teremos a mente de Cristo e viveremos em uma dimensão na qual compreenderemos perfeitamente as

decisões do Senhor e sempre nos alegraremos com elas. Eventuais “obras perdidas”, que serão “queimadas”, porque não as realizamos com sentimento de perfeita adoração, não nos trarão sofrimento, impressão de tempo perdido, haja vista que, na presença do Senhor, o gozo será contínuo e inefável.

2. Prestação de Contas pelas Obras

A Bíblia diz-nos que fomos chamados para realizar as boas obras (Ef 2.10), bem como que o Senhor habilitou-nos — deu-nos talentos — para que as realizássemos com êxito (Mt 25.15). Então, diante disso, há responsabilidades sob nossos ombros para que realizemos a obra do Senhor abundantemente (1 Co 15.58), diligentemente (Jr 48.10), perseverantemente (Mt 24.13). Destarte, haverá no Tribunal de Cristo um acerto conosco para recebermos a recompensa por nossos atos de amor e piedade. Não é à toa que Paulo disse que “[...] a piedade para tudo é proveitosa” (1 Tm 4.8).

Assim, como nossa mente finita não consegue alcançar a profundidade da Justiça de Deus, o Espírito Santo mostrou a Paulo uma figura de como será o julgamento: nossas ações serão equiparadas, para fins de compreensão do padrão de Deus, como ouro, prata ou pedras preciosas (razoavelmente resistentes ao fogo) e madeira, feno e palha (materiais altamente combustíveis). Lawrence Olson arremata:

Na descrição de Paulo sobre este julgamento, as obras dos crentes feitas por motivos indignos comparam-se a feno, palha e madeira, substâncias de fácil combustão, enquanto as obras realizadas no amor de Deus [...] são como ouro, prata e pedras preciosas. [...] Diante do Seu olhar coisa nenhuma será oculta. Bom será então que a pessoa hoje muito utilize o seu privilégio de auto-juízo.³

Assim, no Tribunal de Cristo, “se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo” (1 Co 3.15). A palavra detrimento (gr. *zemioo*) também pode ser traduzida como dano (ARA), prejuízo (A21), perda (NAA), o que ajuda a entender que o problema pela perda não está em Deus, mas em nós, que fizemos coisas de maneira carnal, oportunista, etc. Quantas vezes foram que o Senhor advertiu-nos acerca da necessidade de uma mudança radical, mas sempre fomos adiando e, nesse instante, colher-se-á o que foi plantado.

3. Lugar de Surpresa

A expressão popular “nem tudo que reluz é ouro” traduz-se em uma das mais adequadas para ser aplicada no Tribunal de Cristo. Ora, quantos de nós, cristãos, destacamo-nos na Terra pelos trabalhos sociais, ao cuidar de pessoas, ou, então, em trabalhos espirituais, com belas pregações, estudos bíblicos, hinos lindamente entoados nos cultos, mas assim o fizemos por motivações equivocadas, como, por exemplo, pensando em receber dinheiro, tornar-se

famoso e ocupar lugares de prestígio no Reino de Deus, como aconteceu com Tiago e João (Mc 10.37).

Nesse passo, é mister observar que o Senhor Jesus deixou o modelo com a sua própria vida. Ele tinha alegria em falar e tratar em oculto com um intelectual fariseu, como Nicodemos, ou evangelizar uma mulher desprezível, como a samaritana (que nem aparece o nome), com a mesma intensidade e amor. Quem, porém, faz acepção de pessoas certamente sofrerá “detrimento” (Tg 2.1-4).

Doutro lado, o Senhor falou sobre a importância de orar, dar esmolas e jejuar, mas em secreto, para não perder o galardão no Céu (Mt 6.1-21). João adverte, da mesma forma, sobre essa possibilidade (2 Jo 8). Assim, no Tribunal de Cristo, haverá surpresas: alguém que se achava grandemente usado por Deus — reluzente como ouro — poderá ter as suas obras reprovadas, enquanto outra pessoa não tão destacada — como um desprezado publicano (Lc 18.9-14) — surpreenderá sendo grandemente honrado pelo Eterno.

II – O QUE ACONTECERÁ NO TRIBUNAL DE CRISTO?

1. Entendendo o Tribunal de Cristo

A ideia da palavra usada para “tribunal” em português não alcança perfeitamente o sentido atribuído por Paulo quando utilizou o vocábulo *bema*, que denota um lugar elevado no qual se sobe por

meio de degraus, servindo como plataforma da qual oradores proferiam os seus discursos (At 12.21); atletas eram conduzidos para receberem coroas, troféus, e os “juízes” proferiam julgamentos (At 18.12-17). É importante ressaltar, por oportuno, que os cargos de “juízes” mencionados na Bíblia não devem ser confundidos com os integrantes do Poder Judiciário dos dias atuais. Por exemplo, Gálio, que subiu ao *bema* (At 18.12-17), era procônsul, ou seja, desempenhava o papel de governador de província, sorteado ou escolhido pelo senado, durante o Império Romano.

Assim, o *bema* de Cristo traz consigo a ideia de julgamento, mas também de coroação, premiação — representando a contento a mensagem de Paulo acerca desse evento. A análise do comportamento e a recompensa pelos resultados obtidos durante a caminhada cristã serão realizadas pelo Senhor Jesus, oportunidade em que serão reveladas nossas motivações quando da realização das boas obras (não há nada encoberto que não venha a ser revelado — Lc 12.2,3), e Ele mesmo galardoará os escolhidos (“o meu galardão está comigo” — Ap 22.12). Que momento sublime!

2. Julgamento Individual

O mesmo critério da justiça divina que será aplicado às obras dos ímpios no Juízo Final alcançará as obras dos crentes no *bema* — Deus não usa de dois pesos e duas medidas! Assim, “tanto no julgamento do tribunal de Cristo, como no julgamento do grande

Trono Branco, cada um receberá de acordo com a sua obra” (1 Co 3.15; 2 Co 5.10; Rm 2.16; Ap 20.12).⁴ Dessa forma, o mal feito por um ímpio, por exemplo, ao mentir deliberadamente, levantando falso testemunho, traindo o cônjuge, enganando os clientes, terá um grau de punição específico no Juízo, pois as obras serão julgadas individualmente, ou, numa linguagem coloquial, se realizará uma análise “no varejo”, caso a caso, não “no atacado”. Tratando-se de *bema*, similarmente, haverá essa individualização. Nessa hipótese, se alguém pregar a Cristo por inveja e porfia (Fl 1.15) e essa pessoa for arrebatada, essas pregações possivelmente, por mais bem esboçadas que tenham sido, serão desconsideradas por Deus quando do recebimento dos galardões, pois não atingiram o padrão de qualidade do Céu (ouro, prata ou pedras preciosas) — única maneira de ensejarem recompensa. Está escrito que “todos os caminhos do homem lhe parecem certos, mas o Senhor avalia as nossas verdadeiras intenções” (Pv 16.2, NBV-P).

De tudo o que foi realizado por meio do corpo, nenhuma obra ficará impune em relação às recompensas a serem recebidas pelos salvos. Repito: não se trata de castigar os malfeitos dos crentes, mas, sim, de não honrar as obras de cunho espiritual que foram realizadas de maneira imperfeita, e.g., que não glorificaram a Deus, e sim ao homem, que foram executadas sem a unção e direção do Alto, ou que visavam algum objetivo escuso, e não nobre.

3. A Qualidade Precederá a Quantidade

Deus valoriza o servir e o serviço do crente, isto é, como ele faz o trabalho — qualidade — e o resultado final — quantidade. Em Atos 2.14-41, depois de uma pregação de Pedro, cheio do Espírito (qualidade), menciona-se a quantidade de salvos — quase 3 mil almas. Todavia, para a quantidade ser levada em conta no Tribunal de Cristo, primeiro é necessário que ela tenha qualidade — aos olhos de Deus, ela precisa ser considerada ouro, prata ou pedras preciosas. Stanley Horton, no mesmo diapasão, ensina que o “julgamento será baseado não na quantidade de obras, mas no espírito, motivação e amor que a pessoa demonstrou para com as coisas de Deus (Mt 18.23-25; 25.14-30; 1 Co 3.13-15; 13.3).”⁵

Dessa forma, de nada adianta ter realizado muitas obras se elas não forem valiosas perante Deus pelas motivações e objetivos; os bons resultados (sob o prisma humano) não aplacarão o fogo da justiça divina se a qualidade não for excelente. Todavia, mesmo que existam poucas obras valiosas, o fogo não as devorará e haverá galardão.

III – O QUE RECEBEREMOS NO TRIBUNAL DE CRISTO?

1. Recompensas Eternas

O homem médio, em regra, possui um campo de visão muito limitado. Geralmente se contenta com aquilo que os seus olhos

podem contemplar. Somente os grandes baluartes da fé, como Abraão, Moisés, João Batista, expandiram os seus horizontes, perspectivas, para os lugares mais distantes e altos, adquirindo uma compreensão que enxergava além da neblina dos silogismos e das impossibilidades circunstanciais, que os fizeram ser considerados, respectivamente, o amigo de Deus, um profeta que seria semelhante ao Messias e o maior homem nascido de mulher. Os prazeres do mundo para eles valiam tanto quanto o “bagaço da cana que os porcos rejeitaram”. Eles contemplavam as recompensas eternas!

Nesse mesmo sentido, Jesus disse que devíamos ajuntar tesouros nos céus, onde “[...] nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam” (Mt 6.19,20). Nesse momento, “Jesus contrasta tesouros terrenos, que inevitavelmente se decompõem, com a incorruptibilidade das riquezas celestiais. [...] As coisas que entesouramos mostram as coisas que verdadeiramente estimamos.”⁶ Abraão, Moisés e João Batista, nossos heróis, raciocinavam exatamente dessa maneira. Por óbvio, o Senhor, com essa palavra, mostrava qual deveria ser nosso foco na vida: as recompensas que nunca se acabarão! Os galardões que recebemos nesta vida possuem prazeres temporais, mas as recompensas juntadas no Céu, que nos serão dadas no Tribunal de Cristo, não terão data de validade — serão nossas por toda a eternidade!

2. Recompensas Inimagináveis

Outra característica gloriosa das recompensas celestiais é que elas são inalcançáveis pela imaginação humana — sempre tão fértil e inventiva em tentar descobrir como é o Céu. Matthew Henry arrazoa: Há coisas que Deus tem preparado para aqueles que o amam e esperam por ele [...] que a inteligência não pode descobrir, nenhuma informação presente pode transmitir aos nossos ouvidos, nem podem entrar em nossos corações.⁷ Paulo acentua, nesse sentido, que “as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam” (1 Co 2.9).

As imagens celestiais reveladas em Apocalipse explicitam os atributos, a essência das maravilhas celestiais que João interpretava com a sua mente finita, mas não o fazia em realidade profunda, como elas realmente o são. C. S. Lewis, no seu livro de ficção *O Grande Abismo*, descreve como eram as coisas no Céu:

A luz, a grama e as árvores é que eram diferentes, feitas de alguma substância diferente, tão mais sólidas que as coisas de nossa terra que os homens pareciam fantasmas perto delas. Motivado por uma súbita ideia, abaixei-me e tentei arrancar uma margarida, perto dos meus pés. O talo não se partia; tentei torcê-lo, mas ele não se torcia. [...] Aquela florzinha era sólida, não como a madeira ou mesmo o ferro, mas como o diamante. [...] contemplando a margarida, percebi que conseguia ver a grama não só entre meus pés, mas através deles. Eu também era um fantasma.⁸

Lewis, com o seu brilhantismo habitual, mencionava que a realidade das coisas celestiais era tão intensa que os homens, ali, mais se assemelhavam a fantasmas. O material das coisas do Céu era tão diferente, indescritível, que uma margarida era, realmente, uma flor, porém, feita de diamante! Por isso, não é possível imaginar as coisas que estão reservadas no Tribunal de Cristo aos servos do Senhor. O ouro dali, por exemplo, “é tão puro quanto o ‘vidro transparente’ (v. 21). [...] mais puro e tão livre de imperfeições que poderá ser trabalhado até ficar virtualmente transparente.”⁹ Obviamente, esse material pode ser qualquer coisa, menos o metal que conhecemos na Terra. Como a margarida de Lewis, pode ser feita de qualquer coisa, menos de diamante. Na verdade, o Senhor inspirou João e deu sabedoria a C. S. Lewis para escreverem coisas de maneira que os leitores pudessem compreender e, de alguma forma, chegarem mais perto do entendimento do Altíssimo.

Por isso, as coroas que serão recebidas das mãos do Eterno serão presentes inefáveis, que excedem a capacidade humana de compreensão pela beleza, magnanimidade, importância e poder que elas encerram. É verdade que os que têm o Espírito vislumbram alguns desses mistérios, mas sempre — e somente — em parte (1 Co 2.10; 13.12).

3. Recompensas Imerecidas

No Tribunal de Cristo, apesar de o parâmetro para o julgamento serem as obras, cada um dos galardoados tem motivos sobejos para dar glória a Deus, pois todas as recompensas foram recebidas por causa da graça de Deus; o tipo do serviço, a qualidade excelente, que ensejou a recompensa, e os resultados alcançados: tudo isso aconteceu por causa da graça de Jesus. Assim, em última análise, tudo é dEle, e por Ele, e para Ele, a quem rendemos glória eternamente (Rm 11.36). “Foi o SENHOR que fez isso, e é coisa maravilhosa aos nossos olhos” (Sl 118.23).

Por tal razão, os galardões a serem recebidos no Céu das mãos do próprio Jesus não possuem uma vinculação meritória direta de causa e efeito, embora tenham como critério, como já dito, as obras praticadas na Terra. Na parábola dos talentos, o Senhor disse aos que receberam galardão: “[...] Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei” (Mt 25.21). Ressai prudente recordar que nossas melhores obras são como trapos de imundície (Is 64.6).

O Altíssimo, no Tribunal de Cristo, na sua benevolência, dará muito aos que “fizeram pouco” — e isso é um padrão, uma constante — no que tange ao relacionamento com Deus tanto nesta vida quanto no porvir. Na parábola dos trabalhadores da vinha, essa generosidade divina é mencionada por Jesus ao responder aos que

não acharam justa a recompensa dos obreiros da última hora: “Ou não me é lícito fazer o que quiser do que é meu? [...]” (Mt 20.15).

CONCLUSÃO

As coroas que receberemos no Céu são motivos de muita alegria para nós, principalmente porque teremos algo para oferecer àquele que está assentado sobre o trono (Ap 4.10). Devemos trabalhar de maneira firme e constante, sempre abundantes na obra do Senhor, para, assim, nosso esforço ser reconhecido como valioso (ouro, prata ou pedras preciosas) no Céu (1 Co 15.58). O reconhecimento apenas diante dos homens conduzirá toda nossa atividade espiritual a ser reputada aos olhos de Deus como “sacrifícios de tolos” (Ec 5.1). Todo cuidado é pouco, pois “nosso Deus é um fogo consumidor” (Hb 12.29).

¹ SOARES, Esequias (Organizador). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 186.

² OLSON, N. Lawrence. **O Plano Divino através dos Séculos**. 2.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 188.

³ Idem.

⁴ HORTON Stanley M. **Apocalipse – As Coisas que brevemente Devem Acontecer**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 320.

⁵ HORTON Stanley M. **Apocalipse – As Coisas que brevemente Devem Acontecer**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 320.

⁶ ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal**. 2.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 56.

⁷ HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico do Novo Testamento**. Vol. 6, Rio de Janeiro: CPAD, 2010 p. 434.

⁸ LEWIS, C. S. **O Grande Abismo**. São Paulo: Vida, 2009, pp. 38,39.

⁹ ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal**. 2.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 1923.

5

AS BODAS DO CORDEIRO: O DIA DE ALEGRIA

O casamento é uma importante instituição tanto diante da sociedade como diante de Deus, pois foi Ele quem teve essa brilhante ideia. As ciências humanas e sociais, por seu turno, desde épocas mui remotas, a partir de uma análise da realidade feita pelo filósofo Aristóteles, respalda essa necessidade primordial para a construção da sociedade.¹ A sua magnitude apresenta-se tão destacada que sempre foi utilizada como símbolo, nas religiões helenistas, bem como nas romanas, para definir a união entre os adoradores e o deus que cultuavam.² Referido simbolismo também foi adotado no judaísmo, retratando Deus como sendo o marido da nação de Israel, conforme se vê fomentado em Cantares de Salomão, Isaías (Is 54.5), Oseias (Os 2.19), dentre outros, representação que permaneceu intacta nos escritos neotestamentários. Neste sentido:

Como no Antigo Testamento, o relacionamento entre Deus e seu povo é entendido no Novo Testamento como um casamento. Paulo usou o casamento como metáfora para a relação entre Cristo e a Igreja, pela qual Cristo deu sua vida (Ef 5.23-27).³

Provando de tal simbolismo, Jesus foi identificado como o Noivo (gr. *numphios*) por João Batista (Jo 3.29) e por Ele mesmo (Mc 2.19,20) e Esposo (gr. *aner* – 2 Co 11.2; Ap 21.2). A igreja, por seu turno, aparece como uma Noiva (gr. *numphe* – Jo 3.29), Virgem (gr. *parthenos* – 2 Co 11.2) e Esposa (gr. *gune* – Ef 5.25; Ap 19.7),

aludindo, no cenário apocalíptico do fim dos tempos, que a Igreja já se *ataviou* para o casamento (Ap 19.7, ARA).

Na Bíblia, encontramos muitos casamentos que podem ser usados como figuras no relacionamento entre Cristo e o seu povo. O primeiro deles é o casamento de Adão e Eva celebrado por Deus, o qual afirmou que a união matrimonial faz com que duas pessoas tornem-se uma só, o reverso da obra da criação do homem, quando, de uma pessoa, Deus fez duas. Com as palavras: “Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn 2.24), o Senhor estava dizendo que aquela união nunca deveria ser rompida, só que os homens não interpretaram corretamente a mensagem, motivo pelo qual Jesus teve que fazer o complemento exegético: “Portanto, o que Deus ajuntou, não o separe o homem” (Mc 10.9). Para o Altíssimo, o casamento possui a característica da indissolubilidade.

Mais adiante, no Livro Santo, o Altíssimo dedica-se a narrar os detalhes do casamento de Isaque e Rebeca, perícopo que muitos estudiosos reputam como uma alegoria acerca do arrebatamento da Igreja. De fato, muitas são as semelhanças, sob o prisma figurativo, de nossa bem-aventurada esperança (Tt 2.13 – gr. *makaria elpida*), que, talvez, fosse melhor traduzida como “jubilosa expectativa”, pois o traço mais característico daquele que espera por alguém que se ama é a alegria, uma viva satisfação — sentimento que estava abrigado nos corações dos referidos nubentes veterotestamentários.

A expectativa por esse casamento, que estava sendo providenciado pelo emissário do pai, Abraão, era tão grande que Isaque não se conteve em ficar na sua tenda, mas saiu do acampamento e foi ao campo colher algumas espigas e preparar a terra para a plantação de uma nova lavoura, correto? Não, ele foi orar (Gn 24.63)! Isaque clamava a Deus, sem dúvida, pelo enlace matrimonial tão almejado, cujo regozijo pode ser aferido pelas palavras utilizadas no desfecho da história: “E Isaque trouxe-a para a tenda de sua mãe, Sara, e tomou a Rebeca, e foi-lhe por mulher, e amou-a. Assim, Isaque foi consolado depois da morte de sua mãe” (Gn 24.67).

O filho caçula de Isaque e Rebeca também viveu uma intensa história de amor marcada pela abnegação do noivo, Jacó, em trabalhar muitos anos para o seu sogro, Labão, a fim de ser concedida Raquel por sua esposa. A expressão bíblica demonstra a dimensão desse desprendimento: “Assim, serviu Jacó sete anos por Raquel; e foram aos seus olhos como poucos dias, pelo muito que a amava” (Gn 29.20).

No tempo dos juízes, em Israel — período posterior a Josué e anterior à monarquia —, houve um casamento notável entre uma pobre moça estrangeira, Rute, e um judeu rico, Boaz. Ele pagou o preço por ela, remindo-a, à porta da cidade, e depois se casou com ela (Rt 4.1-17).

Outro casamento destacado nas Escrituras foi o de Salomão com uma moça conhecida como “sulamita” (Ct 6.13), acerca da qual foi escrito um livro, Cantares. As expressões que denotam uma entrega mútua, total e apaixonante entre o casal, de tão eloquentes, sempre foram interpretadas pelos judeus como uma síntese do amor entre o Senhor Deus e o seu povo:

Beije-me ele com os beijos da sua boca; porque melhor é o seu amor do que o vinho. [...] Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu [...] Quem é esta que aparece como a alva do dia, formosa como a lua, brilhante como o sol, formidável como um exército com bandeiras? [...] Eu sou do meu amado, e ele me tem afeição. [...] A sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça, e a sua direita me abrace. [...] Quem é esta que sobe do deserto e vem encostada tão aprazivelmente ao seu amado? [...] As muitas águas não poderiam apagar esse amor nem os rios afogá-lo [...] (Ct 1.2; 6.3,10; 7.10; 8.3,5,7).

Por fim, para concluir, há um famoso e conturbado casamento determinado por Deus para o profeta Oseias com uma prostituta. Está escrito: “[...] disse, pois, o SENHOR a Oseias: Vai, toma uma mulher de prostituições e filhos de prostituição; porque a terra se prostituiu, desviando-se do SENHOR” (Os 1.2). A esposa de Oseias sempre o traía, mas o profeta sempre a perdoava e a aceitava de volta. Deus fez questão de acentuar essa trágica característica da esposa, a fim de aludir acerca da tônica do relacionamento do seu povo Israel com Ele.

Essas cinco histórias sobre casamentos na Palavra de Deus têm o condão de conectar os pontos neste capítulo em que trataremos sobre as Bodas do Cordeiro, que é o casamento de Jesus com a sua Igreja. A primeira conclusão a partir do relato do matrimônio de Adão e Eva é que o casamento — que se iniciava, em Israel, com o noivado — é indissolúvel, como o é nossa eterna salvação. Jesus, o “último Adão” (1 Co 15.45), disse que ninguém nos arrebataria das suas mãos (Jo 10.28), e Paulo mencionou que nada nos separará do amor de Deus, que está em Cristo (Rm 8.38,39). Da história de Isaque e Rebeca, extrai-se que o casamento produz uma jubilosa expectativa, consumando-se em uma celebração de grande alegria, como também acontecerá nas Bodas do Cordeiro. Jesus disse: “Desejei muito comer convosco esta Páscoa [...] porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus” (Lc 22.15,16). O anelo em participar dessa celebração festiva enche o coração do Senhor, bem como da Igreja, de um exultoso contentamento. Analisando o casamento de Jacó e Raquel como figura do casamento de Cristo com a sua Igreja, emerge-se o desprendimento do noivo, o seu sacrifício, para tê-la como esposa. Está escrito: “O trabalho da sua alma ele verá e ficará satisfeito [...]” (Is 53.11) e também que “[...] Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5.25). Do matrimônio entre Boaz e Rute, afigura-se o preço da redenção que foi pago pela esposa, como também a Igreja foi comprada por bom preço — preço de sangue (1

Co 6.20; 1 Pe 1.18,19). Do enlace de Salomão com a sua amada sulamita, vislumbra-se a existência de um amor de “tal maneira” (Jo 3.16), e, da união de Oseias com a sua esposa, emerge a misericórdia do Senhor, que, mesmo sendo infieis, Ele “permanece fiel” (2 Tm 2.13).

Assim, as Bodas do Cordeiro acontecerão porque Cristo amou a sua Igreja indissolúvel, jubilosa, abnegada, sacrificial, intensa e misericordiosamente. Ao analisar todas essas nuances, entende-se medianamente — que é o máximo que pode acontecer com nossa mente finita — o alcance da poderosa voz celestial:

E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-Poderoso, reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiça dos santos. E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro [...] (Ap 19.6-9).

I – ANALOGIA DA PARÁBOLA COM AS BODAS DO CORDEIRO

1. O Casamento Real

Jesus disse que “o Reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo”

(Mt 25.1). Nessa parábola, Jesus compara o Reino de Deus a um casamento e diz que, conforme a tradição, dez damas de honra aguardavam o noivo para saírem no desfile nupcial. É interessante perceber, entretanto, que, para incutir a necessidade de vigilância, o Senhor nada menciona sobre a noiva, pois, para fins da parábola, as damas de honra da noiva assumiam o papel de destaque na história.

No *Comentário Beacon*, tem-se que “a imagem aqui é a de um típico casamento judaico na Palestina. O noivo, acompanhado pelos seus amigos, vai até à casa da noiva, e a leva em uma procissão alegre até a sua própria casa.”⁴ Champlin, por seu turno, aduz que “era costume, nos cortejos de casamento, que fossem levadas cerca de 10 tochas acesas”, que eram, ao mesmo tempo, também lâmpadas, pois consistiam “de uma longa vara, na extremidade superior da qual era inserido um vaso com azeite, munido de um pavio.”⁵ Matthew Henry, nesse sentido, informa:

Era um costume [...] que o esposo viesse, com os seus amigos, tarde da noite, à casa da esposa, onde ela o esperava, com as suas damas de honra; que, ao receber o aviso da chegada do esposo, deviam sair com lâmpadas nas mãos, para iluminar o caminho dele até a casa, com cerimônia formalidade, para a celebração das núpcias com grande júbilo.⁶

Essa procissão das bodas consistia em um costume tão arraigado que, inclusive, era praticada nos casamentos dos cananeus,

conforme se vê no livro apócrifo de 1 Macabeus 9.37, onde existe a informação de um cortejo nupcial em que “[...] celebravam um grande casamento e traziam de Nadabat, com grande pompa, a jovem esposa, filha de um dos maiores príncipes de Canaã.”

O ponto de tensão da parábola, de um evento bem conhecido por todos, reside na circunstância que cinco damas de honra da noiva (que representam a própria noiva) não estavam preparadas para o desfile, embora vestidas a caráter e com as lâmpadas na mão; faltava-lhe azeite (símbolo do Espírito Santo) para seguir até o fim do cortejo. Essas virgens foram consideradas loucas por Jesus por não terem levado azeite reserva (em vasilhas), como fizeram as prudentes.

2. Virgens Parecidas

Todas as damas de honra tinham uma lâmpada, que representa a profissão de fé de cada um de nós; entretanto, nos seus corações, não havia disposições enraizadas e resoluções firmes, que eram necessárias para conduzi-las no meio dos serviços e das provações da caminhada. Elas estavam influenciadas e satisfeitas por participarem de uma pomposa festa, para a qual se apresentavam de maneira exteriormente impecável; todavia, não tinham vida espiritual, não viviam no domínio do Espírito. Todas as virgens, em tese, estavam aptas para saírem ao encontro do noivo, mas só a metade havia comprado azeite suficiente para toda a cerimônia.

Certamente se envolveram em muitas distrações (atividades que nos impedem de dedicar tempo a Deus) e esqueceram o mais importante: serem cheias de “azeite”. Quantas vidas têm sido levadas à perdição eterna por causa da imprudência!

As virgens loucas representam os cristãos que “têm o Espírito”, e as virgens prudentes representam os cristãos que “o Espírito os têm”. Essa era a diferença primordial entre os grupos. Apenas “ter o Espírito”, nessa acepção, identifica a pessoa que teve um encontro com Cristo, porém, desprezou o processo de santificação e também o processo de consagração a Deus, tornando-se relapsa quanto a viver uma vida cheia do Espírito Santo.

Ser cristão genuíno — prudente — é estar nos “domínios do Espírito”, ou seja, indica muito mais do que pertencer a uma denominação, ter família evangélica, ou mesmo ser batizado em águas; diz respeito à pessoa que nasceu de novo e que não vive escravizada pelo pecado, podendo, assim, voltar-se diariamente para a comunhão com Deus, fazendo acumular, dessa forma, “azeite nas vasilhas”. Dessa maneira, a espiritualidade dessa pessoa não será apenas aparente, mas também profunda, pois o “Espírito a terá”.

3. “Não vos Conheço”

A decepção sofrida pelas virgens loucas aconteceu em dose dupla. Em um primeiro momento, elas foram impedidas de acompanhar o

desfile até a casa onde o casamento seria realizado, e, em instante posterior, quando tentaram entrar na festa, o noivo disse solenemente que elas não eram bem-vindas, pois eram pessoas desconhecidas.

Com essa expressão do noivo, que, na parábola, indica o Senhor Jesus, pode-se depreender que somente quem for prudente será conhecido e reconhecido pelo Céu. Isso é algo interior, privado, íntimo, que a mera aparência exterior — espiritualmente falando — não pode definir.

II – O TEMPO E AS CARACTERÍSTICAS DAS BODAS DO CORDEIRO

1. O Tempo das Bodas do Cordeiro

Os pós-tribulacionistas, que dizem que o arrebatamento acontecerá depois da Grande Tribulação, argumentam que a Igreja deve passar por esse tempo de juízo para ser purificada; entretanto, Apocalipse 19.8 demonstra que ela já está purificada pela obra expiatória de Cristo. A Igreja é bem-aventurada não por passar pela Grande Tribulação, mas, sim, por ter lavado as suas vestes no sangue do Cordeiro, que nos purifica de todo o pecado (1 Jo 1.7). Na ótica do pré-tribulacionismo, que adotamos, compreende-se que a promessa do Senhor de que o vencedor seria guardado “da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra” (Ap 3.10) garante que Jesus virá buscar a Noiva antes da

Grande Tribulação. Assim, as Bodas do Cordeiro acontecerão após o Tribunal de Cristo (*bema*) e antes da sua volta gloriosa, com a sua Igreja glorificada.⁷ Acerca disso, vale transcrever:

Nós somos purificados unicamente pela justiça de Cristo aplicada aos nossos corações por meio da fé nele como nosso Senhor e Salvador.

Devido ao fato de a noiva estar vestida de linho, isso também afirma que a igreja já participou do julgamento *bema* onde os galardões são concedidos de acordo com as boas obras. Note que mais tarde João descreve os cristãos “vestidos de linho fino, branco e puro” (19:14) à medida que deixam o céu para reunirem-se na Batalha do Armagedom. Essa passagem então confirma essa ordem de eventos: o arrebatamento, o julgamento *bema*, a ceia das bodas e o retorno à Terra no Armagedom.⁸

A Grande Tribulação acontecerá na Terra durante sete anos, mas a Igreja, depois de adornada no Tribunal de Cristo, participará do banquete do Casamento Real, que acontecerá no Céu. Finda a ceia das Bodas do Cordeiro, haverá a vinda gloriosa de Jesus com a Igreja, quando todo olho o verá, oportunidade em que, profeticamente, o Senhor apresentará publicamente a sua Esposa (como todo recém-casado fazia).

2. O Grande Banquete

Os hebreus realizavam banquetes em várias ocasiões, desde a chegada de um estranho, como também na ocasião da cerimônia do

desmame de um adolescente, na ratificação de um tratado, no encerramento das atividades de tosquia das ovelhas, no término da colheita das uvas, na inauguração de um prédio público, ou na coroação de um rei. Quase tudo de bom que acontecia era motivo para um banquete. Nesse passo, uma festa de casamento era uma oportunidade imperdível para comer e beber (Jz 14.10), o que, às vezes, se estendia por sete dias (Gn 29.22,27).

Jesus, no fim do século I, anunciou à igreja de Laodiceia que queria participar de um banquete com ela (Ap 3.20) — desejo que será plenamente satisfeito no dia da ceia das Bodas do Cordeiro. Aliás, Jesus já havia mencionado que muitos viriam do oriente e do ocidente, e assentar-se-iam “à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no Reino dos céus” (Mt 8.11) e, quando da última ceia, ratificou: “[...] não beberei deste fruto da vide até àquele Dia em que o beba de novo convosco no Reino de meu Pai” (Mt 26.29).

É mister esclarecer que os banquetes não envolviam apenas comida e bebida, mas também possuíam um significado muito maior: amor e comunhão! Comer com alguém era sinônimo de identidade de ideias e propósitos, razão pela qual Jesus foi censurado pelos fariseus por comer com pecadores e publicanos (Mt 9.10,11). No Céu, naquele Dia, comeremos a prometida refeição, que será servida pelo Senhor Jesus, em êxtase de amor, comunhão, louvor e adoração.

3. Culminação do Plano da Redenção

Os crentes em Cristo Jesus de todas as épocas, juntamente com os santos do Antigo Testamento, participarão daquela grande festa das Bodas do Cordeiro, que será a culminação do plano da redenção! Agora, diante da imortalidade e da incorruptibilidade dos corpos dos santos, a Noiva de Cristo, formada pelos servos de Deus do Antigo e do Novo Testamento, terá a imagem de Deus restaurada e a própria natureza intrínseca de Cristo.

Será o clímax do triunfo, um momento indizível de comunhão, quando se cumprirá a palavra: “levou-me à sala do banquete, e o seu estandarte em mim era o amor” (Ct 2.4) e “o tempo de cantar chega” (Ct 2.12).

III – TEMPO DE FESTA E DE ALEGRIA

1. Alegria, Exultação e Glória

A Bíblia relata em Apocalipse 19.7 que, após a destruição da Babilônia, João ouviu uma voz expressiva que anunciava um momento de grande júbilo, festa e alegria no Céu: “Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou” (Ap 19.7). Vale transcrever aqui o seguinte comentário:

A palavra grega traduzida para o português como “chegou” está escrita no tempo grego aoristo, o qual significa um ato que foi completado no passado e não precisa de outra ação

ou limitação. Isso indica que as bodas estarão consumadas a essa altura e precederão a segunda vinda de Cristo. Somente após descrever as bodas, João registra sua visão do retorno de Cristo à terra no Armagedom.⁹

Depois disso, há a primeira ordem divina: “regozijemo-nos” (gr. *Kairo*), que também pode ser traduzida como “ficar extremamente alegre”; a segunda: “alegremo-nos” (gr. *agalliao*), que também significa exultar, e, por fim, somos instados a dar-lhe glória.

Essa era, no casamento judaico, a fase de maior celebração. A primeira era o noivado; a segunda, o momento em que o noivo saía da sua casa para encontrar a noiva; e, por fim, a festa de casamento. Depois de um longo período de sofrimento, a Noiva do Cordeiro desfrutará de instantes gloriosos, por estar já galardoada para sempre com o seu Amado. A partir daquela festa, não haverá mais nenhum revés para aqueles que servem a Deus, pois estaremos, pelos séculos dos séculos, em comunhão com o Altíssimo.

2. A Esposa Aprontou-se

O Senhor cumpriu a sua promessa de que o vencedor seria “vestido de vestes brancas” (Ap 3.5), e, agora, no ápice da glorificação, a Igreja será elevada à altíssima posição de destaque no Universo como Esposa de Cristo. A expressão usada para “aprontou” (gr. *hetoimazo*), em Apocalipse 19.7, pode ser traduzida como ataviou-

se, adornou-se perfeitamente. Paulo descreve o que foi preciso acontecer para que tudo isso se tornasse realidade:

[...] Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível (Ef 5.25-27).

O fim da jornada chegou! Está escrito: “O trabalho da sua alma ele verá e ficará satisfeito; com o seu conhecimento, o meu servo, o justo, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si” (Is 53.11). Que grande vitória!

3. Um Chamado Especial

Jesus faz dois convites muito importantes na Bíblia. O primeiro, no início da caminhada, é *para todos* que estão cansados e oprimidos, a fim de serem aliviados (Mt 11.28). O outro, no fim da jornada, é restrito à Igreja redimida, com o objetivo de participar das Bodas do Cordeiro (Ap 19.9). A Igreja, nesse instante, viverá delícias sem precedentes, grande regozijo, em cumprimento à promessa: “Far-me-ás ver a vereda da vida; na tua presença há abundância de alegrias; à tua mão direita há delícias perpetuamente” (Sl 16.11).

Nossa mente finita não possui capacidade de aquilatar o êxtase emocional e espiritual dessa bem-aventurança, que é a quarta no Apocalipse, razão pela qual o Espírito Santo forneceu-nos este

símbolo humano, a festa de um casamento, a fim de ajudar nossa tosca compreensão desse tão esplêndido acontecimento.

CONCLUSÃO

Jesus, certa vez, contou a parábola de um rei que fez a festa de casamento do seu filho, oportunidade em que convidou muitas pessoas. No momento da celebração, foi identificada uma pessoa que não estava trajada adequadamente, tendo, por isso, sido lançada nas trevas, sem misericórdia, onde haverá pranto e ranger de dentes (Mt 22.11-13). Todos os que estiverem ali — nesse simbolismo divino — são, ao mesmo tempo, convidados e esposa e, por isso, não podem ter mácula e nem ruga. Somente as vestes da justiça de Cristo prevalecerão naquele dia; o mais tudo será rejeitado (Ap 3.18).¹⁰ O Esposo, que pagou um alto preço — preço de sangue — para conquistar a sua amada Esposa, agora exigirá qualidade total para qualquer um estar ali.

¹ ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, pp. 3-5.

² SILVA, Severino Pedro da. **Escatologia – Doutrina das Últimas Coisas**. Rio de Janeiro: CPAD, 1988, p. 46.

³ YAMAUCHI, Edwin M.; WILSON, Marvin R.. **Dicionário da Vida Diária na Antiguidade Bíblica e Pós-Bíblica**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 400.

⁴ LIVINGSTON, George Herbert; COX, Leo G.; KINLAW, Dennis F.; BOIS, Lauriston J. Du; FORD, Jack; DEASLEY, A.R.G.. **Comentário Bíblico Beacon**. 1.ed., vol. 1, 2, 8, Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 169.

⁵ CHAMPLIN, R. N.. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. 1.ed., vol. 1, São Paulo: Hagnos, 2014, pp. 652,653.

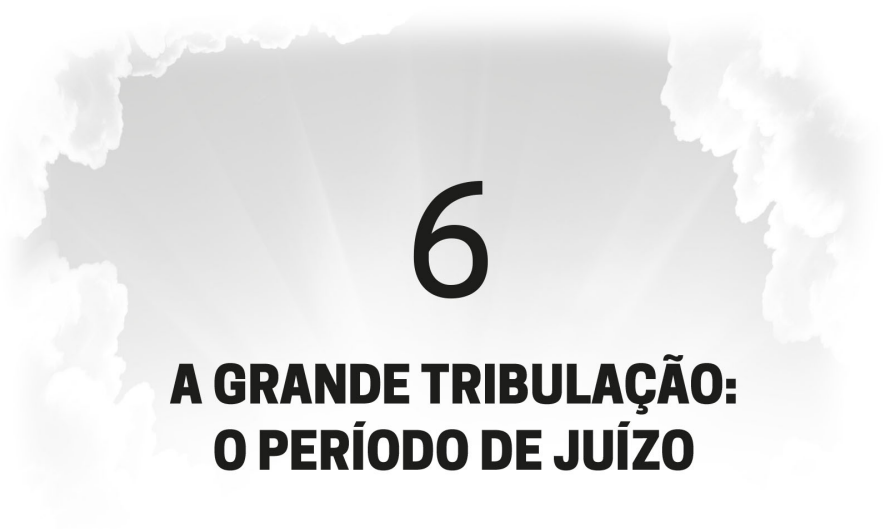
⁶ HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico do Novo Testamento**. 1.ed., Vol. 4, Rio de Janeiro: CPAD, 2010, pp. 328,329.

⁷ SOARES, Esequias (Organizador). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 187.

⁸ **Bíblia Jeffrey – Estudos Proféticos**. 1.ed., BV Films Editora Eireli. Niterói: 2020, p. 1512.

⁹ **Bíblia Jeffrey – Estudos Proféticos**. 1.ed., BV Films Editora Eireli. Niterói: 2020, p. 1511.

¹⁰ SILVA, Severino Pedro da. **Escatologia – Doutrina das Últimas Coisas**. Rio de Janeiro: CPAD, 1988, p. 47.



6

A GRANDE TRIBULAÇÃO: O PERÍODO DE JUÍZO

O período em que Deus vai trazer juízo ao mundo, bem como a Israel, é definido teologicamente de Grande Tribulação (Mt 24.41, ARA; Ap 7.14, ARA), além de outras expressões no Novo Testamento, tais como: dia da ira, ira vindoura, etc. No Antigo Testamento, porém, a expressão não aparece, sendo entendido que as ocorrências de o dia do SENHOR, o tempo da angústia de Jacó, o dia de trevas, o dia da vingança do nosso Deus, dentre outros, correspondem ao referido período.

Deus utilizará a Grande Tribulação como um chamado para os judeus reconciliarem-se com o Senhor, e todos os que habitam na Terra sofrerão a ira divina, por causa das suas más obras; todavia, também terão a oportunidade de conversão. Os profetas mencionaram de maneira intensa as dores lancinantes que serão suportadas por Israel e pelo mundo nesse período, quando aquEle que está assentado sobre o trono, que é fogo consumidor, intervir no curso da história do mundo, castigando-os.

Jesus falou que será um sofrimento “[...] como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais” (Mt 24.21), mas não com o interesse de amedrontar as pessoas, fazendo-as desesperarem-se ante à expectativa dos castigos vindouros, mas apenas as alertar de que haveria o fim de todas as coisas.

No passado, o Altíssimo sempre trouxe juízo sobre as más obras tanto de Israel quanto das nações gentílicas, castigou o mundo

antigo com as águas do Dilúvio; fez chover fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra; destruiu a Babilônia, a Assíria e tantas outras civilizações. O povo de Israel, ao longo da sua história, por seu turno, sempre que se desviou, sofreu juízos severos como derrotas, escravidão e morte.

Diante desse cenário, seria pouco crível que este mundo tenebroso escapasse do acerto de contas com o Todo-Poderoso, assim como o povo de Israel, que não apenas matou o Príncipe da vida (At 3.15), como também deixou de andar com Deus, pelo menos, nos últimos 2 mil anos.

I – A REALIDADE DA GRANDE TRIBULAÇÃO

1. A 70ª Semana de Daniel

O profeta Daniel teve uma impressionante revelação, na qual ficou predito claramente a época e o ano em que o Messias seria rejeitado, bem como os sete anos de tribulação que virão sobre o mundo. Essa revelação é geralmente denominada de 70 semanas de Daniel, a qual possui um valor extraordinário para a compreensão do sermão profético de Jesus, do Apocalipse e também sobre a Grande Tribulação, retratando uma perspectiva escatológica eminentemente pré-milenial e pré-tribulacional, haja vista que mostra o arrebatamento tendo lugar antes da Grande Tribulação, e a segunda vinda de Cristo acontecendo antes do Milênio.

Foi dito a Daniel que estava determinado ao povo de Israel o decurso de 70 semanas, “[...] para extinguir a transgressão, e dar fim aos pecados, e expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e ungir o Santo dos santos” (Dn 9.24). Ocorre que essas 70 semanas não são de dias, mas de anos (Lv 25.8; Nm 14.34; Ez 4.7); aliás, no texto original, não se escreve “semanas”, e sim “setes” (“setenta setes”) — portanto, 490 anos, que estão divididos em 3 partes: 7 semanas, 62 semanas e a última semana.

Dessa forma, os anos da profecia devem ser contados desde a expedição do decreto para restaurar e edificar Jerusalém até a conclusão da obra, quando decorreram 49 anos (7 semanas de 7 anos), e, desse tempo até a crucificação de Jesus, decorreram outros 434 anos (62 semanas de 7 anos), conforme está escrito: “depois das sessenta e duas semanas, será tirado o Messias e não será mais” (Dn 9.26), restando, ainda, uma semana profética: 7 anos. Há quem defenda que não necessariamente são 7 anos, como os da Escola Idealista ou Espiritual de interpretação dos textos escatológicos, entretanto o arcabouço de toda a profecia leva-nos a compreender que, de fato, serão sete anos, na medida em que os outros 483 anos foram cronológicos.

Com a morte do Messias, Deus fez o relógio escatológico parar, começando a dispensação da graça. Por tal razão, Paulo diz que, pela queda dos judeus, veio a salvação aos gentios (Rm 11.11). A

última semana restante acontecerá no futuro — será a Grande Tribulação, que começará após o arrebatamento. Alguns teólogos, entretanto, para fins didáticos, chamam os três primeiros anos e meio de Tribulação e os últimos de Grande Tribulação.

2. O Tempo de Aflição Inigualável

A angústia de Israel e dos que habitam no mundo nesse período será inimaginável. O livro de Apocalipse relata, entre os capítulos 6 e 18, uma grande quantidade de situações catastróficas que acometerão a Terra e o espaço sideral, as quais serão designadas pela abertura dos selos, toque das trombetas e o derramamento das taças da ira de Deus. Para que se tenha uma ideia, em Apocalipse 6.8, ao cavaleiro do cavalo amarelo foi dado poder para matar 25% da população mundial. Com os toques da 1ª, 2ª e 3ª trombetas (Ap 8.7-10), será queimada 1/3 da vegetação do planeta, afundar-se-á 1/3 das embarcações marítimas, e morrerão muitos homens, porque 1/3 das fontes de água doce tornar-se-ão inservíveis. Com a 5ª trombeta, haverá tanto sofrimento que os homens vão querer morrer, mas não conseguirão (Ap 9.6). Ao tocar a 6ª trombeta, 33% dos que habitam na Terra morrerão (Ap 9.18). Quando foi derramada a 1ª taça da ira de Deus, todos os que seguiram o Anticristo (a grande maioria das pessoas) ficaram com “uma chaga má e maligna” (Ap 16.2); e, quando foi derramada a 5ª, os homens, de tanto sofrimento, mordiam a língua de dor; na 7ª taça: “Caíram

sobre os homens, vindas do céu, enormes pedras de granizo, de cerca de trinta e cinco quilos cada” (Ap 16.21, NVI).

Vamos fazer uma conta rápida: no mundo, existem mais de 7,8 bilhões de pessoas. Suponhamos que Jesus voltasse em 2021 e os flagelos da Grande Tribulação começassem em pouco tempo. De logo, pela ação do cavaleiro do cavalo amarelo, morreriam 1,95 bilhão de indivíduos, reduzindo a população do mundo para 5,85 bilhões, e, ao soar a 6ª trombeta, mais 33% da população seria morta, ou seja, 1,94 bilhão, reduzindo o número de habitantes da Terra. Só com esses dois juízos, a população restante seria de 3,91 bilhões, ou seja, em um curto espaço de tempo, cerca de metade das pessoas morrerá, sem contar nos milhões de mortes pelas outras causas mencionadas.

Além das mortes de bilhões de seres humanos, observando atentamente os fatos trágicos profetizados, percebe-se a extensa devastação que atingirá o planeta Terra. A flora e a fauna serão dizimadas; mares e rios agonizarão com uma mortandade incalculável de peixes e demais criaturas; haverá doenças — e, o pior, a morte será proibida de ceifar vidas. No auge da aflição, os homens buscarão a morte, mas ela fugirá deles. Isso é um típico modelo de situação desesperadora.

Todavia, como dito e repisado, o objetivo de Deus nunca foi alarmar as pessoas, fazê-las prisioneiras do medo, assustadas, traumatizadas, mas simplesmente as alertar para as consequências

que certamente advirão ao mundo sem Deus no fim dos tempos. Vê-se também que, mesmo em meio a todo esse caos da Grande Tribulação, com tantas tragédias, o Pai estará glorificando o Filho, fim precípua da escatologia bíblica.

II – O PROPÓSITO DA GRANDE TRIBULAÇÃO

1. Preparar Israel para o Encontro com o Messias

Conforme mencionado no item anterior, o período da Grande Tribulação tem como um dos objetivos, nos termos da profecia de Daniel (Dn 9.24-27), promover a restauração espiritual de Israel. Isso, porém, será precedido de muita destruição e dor: “[...] assim diz o Senhor JEOVÁ acerca da terra de Israel: Vem o fim, o fim vem sobre os quatro cantos da terra” (Ez 7.2).

Os hebreus serão peneirados durante a Grande Tribulação, e isso lhes quebrantará a dura cerviz. No auge da aflição, depois de muita humilhação, e sofrimento, e perdas, eles serão convertidos, clamarão ao Messias, que virá em socorro deles como noutras vezes na história; desta vez, além da companhia dos anjos, o Senhor também trará a sua Esposa, que inclui todos os salvos da Antiga e Nova Aliança.

Israel fará uma aliança com o Anticristo, pensando que ele será o Messias prometido, mas verá que foi enganado quando ele assentar-se no Templo, em Jerusalém, reivindicando adoração. Isso

acontecerá no meio da 70ª Semana, quando se cumprir a profecia de Daniel:

Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana. Na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de cereais. Sobre a asa das abominações virá aquele que causa desolação, até que a destruição, que está determinada, seja derramada sobre ele (Dn 9.27, NAA).

Assim, quando o homem do pecado interromper os sacrifícios e ofertas de cereais no 3º Templo em Jerusalém, que será construído, e passar a exigir adoração, perceberá que foi ludibriado, episódio que desencadeará o rompimento da aliança com a Besta. Após esse acontecimento, o mal mostrará a sua face mais odiosa, oportunidade em que empreenderá ferrenha perseguição contra Israel, culminando na Guerra do Armagedom, quando o Senhor destruirá o Iníquo e os seus exércitos.

Os eventos descritos dos capítulos 6 a 18 de Apocalipse, por óbvio, atingirão os que habitam na Terra — como Israel, que sofrerá, como os demais povos, todos os flagelos descritos. O único povo que não será castigado é a Igreja, que estará no Céu.

Nessa circunstância, Israel também sofrerá muitos danos; todavia, faz-se importante realçar que isso não acontecerá por acaso, mas por todos os pecados cometidos em relação ao Messias e pelos milênios de afastamento dos propósitos de Deus. Nessa nova oportunidade de salvação — a última para o povo judeu —, os

descendentes terrenos de Isaque serão “comprimidos com força”, como se faz com as uvas no lagar, ou prensados, como acontece com as azeitonas na produção do azeite, significados literais do vocábulo tribulação (gr. *thlipsis*).

Assim, a Grande Tribulação será um acerto de contas do Altíssimo com Israel; muitos morrerão, porém, os sobreviventes judeus reconhecerão o seu estado de miserabilidade espiritual, voltando-se para o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

2. Fazer Justiça contra os Rebeldes

Deus sempre age com longanimidade. Ele disse para Abraão que permitiria a escravidão aos hebreus por 400 anos, simplesmente porque a medida de pecados dos amorreus ainda não se tinha completado (Gn 15.13-16). Noutra oportunidade, mencionou que não destruiria a cidade que Ló morava se ali tivessem 10 justos (Gn 18.32). A sua paciência com os que habitam na Terra, entretanto, um dia chegará ao fim, “porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (Ec 12.14, NAA)

Não há escapatória para ninguém, rico ou pobre, intelectual ou analfabeto, sagaz ou incauto, todos os que, em vida, não se arrependeram das suas más obras e entregaram as suas vidas a Cristo serão confrontados pelo Senhor no Juízo Final. Aos gentios, porém, que, no tempo de angústia de Jacó, não se converterem, o

Senhor cumprirá sobre eles a promessa de que castigaria “o mundo por causa de sua maldade e os perversos por causa da sua iniquidade” (Is 13.11, ARA).

Embora alguns estudiosos questionem, apresenta-se claro nas Escrituras que haverá oportunidade de salvação durante a Grande Tribulação. Observe que, antes da abertura dos selos, é visto um arco celeste ao redor do trono de Deus (Ap 4.3), o qual também aparece sobre a cabeça de um anjo forte, que descia do Céu (Ap 10.1), fazendo referência à sua misericórdia antes do juízo no período da Grande Tribulação; afinal, “o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia; e a misericórdia triunfa sobre o juízo” (Tg 2.13).

Essa faceta do caráter de Deus — de ser misericordioso, quando do julgamento, com quem agiu misericordiosamente — é reflexo da graça. Ou seja, ainda na Grande Tribulação, o momento final da civilização como a conhecemos, a graça de Deus estará presente. Tanto hoje como no amanhã, jamais o homem terá condições de, sozinho, chegar-se a Deus, pois é Ele quem realiza conosco, em nós e por nós, todos os passos em direção a Ele. Afinal, como disse Jesus, sem Ele não poderíamos fazer nada (Jo 15.5). Como, pois, seria diferente durante a Grande Tribulação? Os homens serem salvos e chegarem-se a Deus pelos seus próprios méritos? Impossível. Nesse sentido, C. S. Lewis, com o primor que lhe é peculiar, assevera:

Um cristão comum se ajoelha para fazer as suas preces e, com isso, estará tentando entrar em contato com Deus. Mas, sendo ele um cristão, saberá que é Deus quem está capacitando-o a orar: o Deus, por assim dizer, que está dentro dele. Mas ele sabe também que todo o seu conhecimento real de Deus vem por meio de Cristo, o homem que era Deus — que tem Cristo ao seu lado, ajudando-o a orar, orando por ele. Você consegue ver o que está acontecendo? Deus é o ser para o qual ele está orando — o objetivo que ele está tentando alcançar. Deus também é o algo dentro dele que o está fazendo seguir em frente — o poder motivador. Deus também é a estrada ou ponte que ele terá de percorrer para alcançar o objetivo. Assim [...] ele está sendo arrastado para dentro de Deus, por Deus, ao mesmo tempo que permanece ele mesmo.¹

No meio de tanto caos e sofrimento, a maioria das pessoas permanecerá insensível espiritualmente; todavia, as que se arrependerem dos seus pecados serão salvas por causa da infinita graça e misericórdia de Deus (Ap 7.14). Muitas delas — senão todas — pagarão essa decisão de seguir a Cristo com as suas próprias vidas (Ap 6.9-11; 12.11). Que fique registrado, todavia, que a salvação não decorrerá do martírio do cristão, mas isso será apenas uma consequência da salvação, pois o crente em Jesus, por não adorar a Besta, fazer-se-á réu de processo que culminará em pena de morte. Ora, se hoje, estando a Igreja na Terra, milhares de cristãos são executados anualmente por causa da sua fé, imagine em um mundo sem a igreja e sob a governança institucional de Satanás?

Impressionantemente, porém, pelos registros apocalípticos, a esmagadora maioria dos homens no período da Grande Tribulação blasfemarão contra Deus e não se arrependerão dos seus pecados, mesmo com os flagelos lançados sobre eles (Ap 9.30,21; 16.9), fazendo lembrar os egípcios, no tempo de Moisés, e os cananeus, no tempo da conquista da Terra Prometida, os quais, quase na sua totalidade, mesmo vendo a mão de Deus estendida contra eles, não se converteram.

Por fim, fora do contexto, mas só para reforçar a sã doutrina arminiana: a possibilidade de salvação na Grande Tribulação, e a restauração de Israel, quando da *parousia*, contradiz a predestinação. Explico: os supostos predestinados à salvação, ainda que estivessem em desobediência — afastados de Deus, deveriam ter sido arrebatados, na medida em que, por essa tese teológica, o indivíduo uma vez predestinado, independentemente da sua situação espiritual no momento da morte, será salvo — e, com esse raciocínio, todos os predestinados subiram no arrebatamento; então, não haveria nenhuma pessoa apta para a salvação — pela qual Cristo morreu —, gentia ou judia, no tempo da angústia de Jacó. A Bíblia, porém, diz:

Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? [...] Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande

tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro (Ap 7.13,14, ARA).

A Guerra do Armagedom, também, com essa lógica, aconteceria para Jesus salvar os judeus que foram predestinados ao Inferno! Ledo engano.

III – QUANDO ACONTECERÁ A GRANDE TRIBULAÇÃO?

1. Início — Os Primeiros três anos e meio

Após o arrebatamento da Igreja — que temperava este mundo, evitando que apodrecesse —, começará a época mais difícil para viver-se sobre a Terra, a Grande Tribulação. O cenário e enredo desses dias finais estão descritos — ainda que não pormenorizadamente — na Bíblia; afinal, as profecias bíblicas não têm o propósito de criar um “manual do fim do mundo”, mas, sim, mostrar a glória de Cristo Jesus nos eventos derradeiros da história; Ele, o Único que venceu para abrir o livro e desatar os seus selos (Ap 5.5).

Nesse tempo, haverá a ascensão do Anticristo, um líder mundial carismático, que é a encarnação do mal, o qual coordenará a “operação do erro” (2 Ts 2.11) e enganará a muitos povos, inclusive Israel, que pactuará com ele, possivelmente envolvendo nas cláusulas a construção do Templo em Jerusalém, onde serão oferecidos sacrifícios e ofertas pacíficas e a resolução do conflito

palestino-israelense, trazendo aparente paz e segurança para o Oriente Médio e para o mundo, que acreditará que as coisas ficarão melhores com a liderança do mefistofélico — e, de fato, no começo, haverá prosperidade, mas “quando disserem: Há paz e segurança, então, lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão” (1 Ts 5.3).

Segundo o saudoso pastor Antonio Gilberto, esses primeiros três anos e meio são mencionados em Apocalipse, capítulos 6 a 9, e Mateus 24.3-14.² Há, entretanto, que se ter cuidado com as passagens *parentéticas* do Apocalipse, as quais intercalam os eventos cronologicamente colocados, servindo para explicar acontecimentos não incluídos nos selos, trombetas e taças de juízos. Esses textos *entre parênteses* ocorrem frequentemente por ocasião dos selos, das trombetas e das taças, da mesma maneira como um escritor que, no meio de uma narrativa, faz um comentário de algo importante, elucidativo, que corroborará o entendimento do leitor.

Assim, para fazer a exegese correta do Apocalipse, é mister o conhecimento das regras hermenêuticas, bem como ter profundidade escriturística, buscar o real sentido das profecias com humildade, em oração, e sempre contar com o auxílio do Espírito Santo.

2. Ápice — Os Últimos três anos e meio

A partir do meio da Tribulação, as coisas ficarão piores em todos os sentidos, tanto para as nações, quanto para Israel. Depois que a aliança com o Anticristo for rompida, terá início, propriamente, o ápice do “tempo da angústia de Jacó”.

Os últimos três anos e meio da Grande Tribulação serão os piores para o mundo, pois acontecerão as sete piores pragas (capítulos 15 e 16 de Apocalipse), sob o derramar das taças do juízo divino; acrescente-se ademais que, nessa fase, as forças da natureza que atuam na atmosfera e fora dela convulsionarão (Ag 2.9; Mt 24.29). Em Apocalipse 10–18 e em Mateus 24.15-29, são feitas abordagens proféticas acerca desse período da Grande Tribulação, que é retratado em Daniel e Apocalipse como “quarenta e dois meses”, “um tempo, tempos e metade de um tempo” e “mil duzentos e sessenta dias” (Dn 7.25; Ap 11.2; 12.6,14; 13.5).³

3. Fim — A Guerra do Armagedom

E, nos últimos instantes da Tribulação, a Besta levará os reis da terra a “fazerem guerra” contra Jesus Cristo, que enfrentará todas as nações reunidas para o conflito final na Batalha do Armagedom (19.11-19).⁴ Isso acontecerá depois de o anjo derramar a sexta taça, quando os demônios saírem para convencer os povos da Terra a destruir Israel; em seguida, está escrito: “E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom” (Ap 16.16).

Essa palavra hebraica designa o lugar onde acontecerá a batalha épica que marcará a derrota do Anticristo e dos seus exércitos, o que o Senhor irá fazer “pelo assopro da sua boca e aniquilará pelo esplendor da sua vinda” (2 Ts 2.8).

CONCLUSÃO

O Eterno, que não tem prazer na morte do ímpio (Ez 33.11), em seu grande amor, quer que todos se convertam (At 17.30), pois dessa forma não haveria juízo sobre a Terra; todavia, por causa do livre-arbítrio, não força os homens a amá-lo, bem como a entrarem no Céu.

Assim como o salário do pecado é a morte (Rm 6.23), um dia haverá o acerto de contas pelas escolhas erradas da humanidade, chamado profeticamente de Dia do Senhor, no Antigo Testamento, ou Grande Tribulação, no Novo Testamento, sendo um período de juízo, sofrimento e morte. Milhões morrerão por causa dos flagelos, decorrentes dos selos, das trombetas e das taças do furor divino; outros, todavia, por não aceitarem viver conforme o Anticristo, pois ainda haverá salvação de vidas. Esses tempos de angústia chegarão ao fim com “[...] o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo” (Tt 2.13).

¹ LEWIS, C. S.. **Cristianismo Puro e Simples**. 1.ed., Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, pp. 116,117.

² SILVA, Gilberto. **O Calendário da Profecia**. Rio de Janeiro. CPAD, 35ª impressão, 2020, pp. 72,75.

³ SILVA, Gilberto. **O Calendário da Profecia**. Rio de Janeiro. CPAD, 35ª impressão, 2020, pp. 72,75.

⁴ LAHAYE, Tim; HINDSON, Ed. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 104.



7

O APARECIMENTO DO ANTICRISTO

A Palavra de Deus menciona em dezenas de versículos que, no fim dos tempos, surgirá um homem que concentrará em si todo mal. O profeta Daniel chama-o de um pequeno chifre, o príncipe que há de vir, o assolador e o rei que fará conforme a sua vontade (Dn 7.8; 9.26,27; 11.36). Jesus, no sermão profético, faz menção à “abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel” (Mt 24.15). O apóstolo Paulo chama-o de homem do pecado, iníquo (2 Ts 2.3,8), ao passo que João, na 1ª e 2ª epístolas, denomina-o de anticristo.

Paulo diz que ele será um ser humano muito mau, magnetizante, terrivelmente diabólico, com poderes sobrenaturais oriundos das profundezas do Inferno, com capacidade de ludibriar todo o mundo, pois aduz que a sua “vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira, e com todo engano da injustiça para os que perecem [...]” (2 Ts 2.9,10).

Muitas especulações são feitas acerca da nacionalidade do Anticristo, qual cargo ocupará no cenário mundial, qual religião professará, etc. Entretanto, algumas dessas afirmações não são calcadas em expressões escriturísticas, mas em conjecturas humanas. Certamente ele será de ascendência judaica, pois, pelas profecias bíblicas, eles esperam um Messias hebreu. A Bíblia, assim, revela alguns detalhes, mas não todos, informando, ainda, o seu número: 666 (Ap 13.18).

O certo é que, na seara escatológica, não se deve adentrar além daquilo que foi revelado. Palpites devem ser evitados. Há pessoas que, há que se reconhecer, são extremamente criativas — no sentido menos ético possível da palavra. Tudo em vão, na medida em que Deus só permitirá saber-se quem ele é — isto é, manifestar-se — após a ida da Igreja para o Céu. O Espírito Santo resiste-lhe, e, por isso, ele nada pode fazer, “nem aparecer como tal”, pelo menos por enquanto.

Precisamos, nesta seara, mais do que em qualquer outro estudo doutrinário, mantermo-nos fiéis à finalidade da palavra profética, respeitando a literalidade dos textos.

Com a tese dominante nos círculos do poder hodierno da necessidade do estabelecimento de uma nova ordem mundial, a ser liderada por um homem capaz de garantir a coexistência próspera, pacífica e soberana das nações, não se afigura difícil, neste cenário, essa pessoa eminente — o chifre — ser o Anticristo. O homem que coordenará a operação do erro (2 Ts 2.11) possui, assim, todas as condições para manifestar-se ao mundo imediatamente.

Há, ainda, na seara evangélica, por incrível que pareça, um fator sinalizador da iminente chegada do Anticristo: a apostasia dos últimos tempos (2 Ts 2.3). A igreja na Europa, celeiro de teólogos e missionários até pouco tempo atrás, hoje vive notoriamente um período de abandono da fé cristã, enveredando a sociedade pelo caminho da islamização. Na América do Norte, o liberalismo

teológico viceja abundantemente; no Brasil, o sincretismo religioso cresce a cada dia mais. Por todos os lados, vê-se o esfriamento do amor fraternal e a multiplicação da iniquidade (Mt 24.12). Esse enfraquecimento evangélico tem propiciado o fortalecimento do mistério da injustiça, que já opera entre nós, plataforma ideológica que contribuirá decisivamente para a sua ascensão.

Paulo aduz, porém, que o Anticristo ainda não se manifestou porque “há um que, agora, resiste até que do meio seja tirado” (2 Ts 2.7), que é o Espírito Santo de Deus! Alguns defendem que quem impede o aparecimento do Anticristo é alguma lei ou governo, ou mesmo a moralidade da Igreja, o testemunho dos crentes, ou até a obra de Satanás. Entretanto, tais sugestões possuem frágeis argumentos escriturísticos. Os dispensacionalistas, que são pré-tribulacionistas, porém, de forma coerente, entendem que somente uma Pessoa inigualável e divina, mais digna e poderosa do que o próprio Satanás, poderia resistir-lhe. Observe que, quando da disputa pelo corpo de Moisés, nem mesmo o arcanjo Miguel ousou irrogar juízo inflamatório contra o Diabo, mas apenas disse: “O Senhor te repreenda” (Jd v. 9). Como acreditar que alguma lei ou aspecto subjetivo deste mundo pudesse deter o avanço do mal sobre a criação? Tim LaHaye aduz:

Uma objeção a citar o Espírito Santo como “aquele que o detém” está relacionada com a frase no final de 2 Tessalonissenses 2.7 — “até que do meio seja tirado”.

Muitos alegam que tirar ou remover o Espírito de Deus parece ser uma interpretação incômoda. [...] A palavra grega traduzida como “tirado” é *genetai*, e é um subjuntivo aorista médio de *ginomai*, um verbo depoente. Tais verbos aparecem no meio ou na forma passiva, mas ainda são traduzidos como ativos, significando que o sujeito (neste caso, aquele que detém) está fazendo a ação. “O verbo depoente não denota a remoção por uma força externa, mas antes por um ato voluntário por parte daquele que detém” (Hiebert, p. 207). É melhor ler a expressão “seja tirado do meio”, como “sair do meio” (Lenski, p. 421). O Espírito Santo sairá do meio; Ele não será tirado do meio.

Embora provavelmente seja correto dizer que aquele que detém sai de cena no momento do arrebatamento da igreja, para que “a seu tempo para [o Anticristo] seja manifestado” (2 Ts 2.6), o Espírito Santo ainda continuará a obra de levar as pessoas à salvação.¹

Quando o Espírito Santo deixar de impedir a ação diabólica mais incisiva no mundo e passar a permitir a deflagração da fase final da operação do erro, o Anticristo agirá fortemente, saindo a enganar os habitantes do mundo. No período de tempo em que vivemos, porém, em que a Igreja ainda não foi arrebatada, é bem possível que o Anticristo apareça (ou já tenha aparecido) como um destacado político, e, quem sabe, seja reconhecido como um estadista, pacifista, defensor dos direitos das minorias etc., vindo a galgar, quiçá, algum patamar de poder humano, mas só será permitido que se manifeste plenamente ao mundo como homem do pecado após o arrebatamento, — durante a Grande Tribulação (ver 2 Ts 2.6,8).

Essa autorização somente será dada quando o Consolador (gr. *parakletos* — que significa, dentre outras coisas, “chamado a estar do lado de alguém, ajudador”), que foi comissionado por Jesus para cuidar da Igreja na Terra, tiver livrado a Esposa do Cordeiro da hora da tentação que há de vir sobre o mundo para provar os que habitam na Terra (Ap 3.10)! Na Guerra do Armagedom, sete anos após o Arrebatamento, o Senhor Jesus derrotará o Anticristo com o sopro da sua boca e irá lançá-lo no lago que arde com fogo e enxofre.

I – QUEM É O ANTICRISTO?

1. A Encarnação do Mal

A expressão joanina Anticristo (gr. *antichristos*) diz respeito a um líder político mundial que proferirá palavras contra o Altíssimo (Dn 7.25), fará prosperar o engano (Dn 8.25), promoverá a abominação da desolação (Mt 24.15), negará a perfeita humanidade de Jesus (2 Jo 1.7), será objeto de adoração (Ap 13.8) e que, em homenagem à sua perícia na arte da falsificação e da imitação, receberá um número identificador: 666 (Ap 13.18). Esta será a sua sina (e frustração): nunca ser perfeito! Uma encarnação do mal.

Pela descrição de Daniel 8.9-25; 11.36-45, alguém poderia entender que Antíoco Epifânio (216 a.C.– 164 a.C), que governou a Síria entre 175 a.C. e 164 a.C, por exemplo, o qual cometeu abominação no Templo em Jerusalém, colocando uma imagem do

deus Zeus e sacrificando porcos, pudesse ser esse “príncipe que havia de vir”, o Anticristo, mas Jesus falou que a “abominação da desolação” será cumprida no futuro (Mt 24.15). Esse rei sírio, portanto, certamente foi um precursor do homem do pecado, mas não a sua encarnação.

Também há alguns que atribuem a caracterização do Anticristo ao General Tito, com base em Daniel 9.26, que destruiu o Templo em Jerusalém no ano 70 d.C. Entretanto, ainda que ele tenha cometido esse terrível sacrilégio, Jesus mencionou uma série de outros sinais que não o identificam como sendo o homem do pecado.

Ademais, Tito, que posteriormente foi alçado à condição de imperador romano, morreu no ano de 81 d.C. — antes, portanto, da revelação joanina do Apocalipse.

2. Um Homem que Buscará Ser Adorado

No mundo atual e também na Antiguidade, muitos ditadores quiseram (e ainda querem) ser adorados como um deus. O Diabo, que sempre buscou adoração, inclusive do Filho de Deus (por ocasião da tentação no deserto), não perderá a oportunidade para concretizar o seu objetivo na Grande Tribulação e, de fato, conseguirá. Certamente, bilhões de pessoas estão entre os mencionados nos seguintes versículos: “E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é

semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela? [...] E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra” (Ap 13.4,8).

Como Satanás apresenta-se exímio na arte da imitação, da simulação, o Anticristo — cuja vinda é sob a eficácia de Satanás (2 Ts 2.9) — será alguém politicamente correto, educado, eloquente, mas, na verdade, será um lobo em pele de cordeiro, uma fraude, um falso Cristo, um pretenso Messias, soberbo, que agirá totalmente oposto ao verdadeiro Cristo; alguém que exalta a si mesmo contra o Altíssimo e requererá adoração. Essa é uma característica do Mal: pedir para ser adorado (Mt 4.9), por intentar, presunçosamente, querer ser o que não é (Is 14.14).

3. Um Homem que Enganará os que Habitam na Terra

Quando o Anticristo subir ao poder, liderará uma confederação de dez “reinos” (países ou grupo de países, ou um misto disso? União Europeia, Mercosul, Liga Árabe, etc.), que serão enganados pelo líder nato, homem de sucesso, carismático, loquaz, que cooptará todos os que “habitam na Terra”, expressão utilizada em oito ocasiões no livro de Apocalipse (3.10; 11.10; 12.12; 13.8; 13.12; 13.14; 17.2; 17.8), que identifica um grupo de bilhões de pessoas que: a) estarão na Grande Tribulação (a Igreja está no Céu – Ap 3.10; 1 Ts 1.10); b) ficarão alegres com a morte das duas Testemunhas (Ap 11.10); d) adorarão a Besta (Ap 13.8,12); e) serão

enganadas pela Besta (Ap 13.14); f) estarão unidos à Babilônia (Ap 17.2); g) maravilhar-se-ão com o reaparecimento da Besta (Ap 17.8). Serão, portanto, “massa de manobra” do Anticristo!

O engodo do Anticristo acontecerá na esfera político-administrativa e também religiosa. Ele exercerá o controle sobre as mentes, alcançando também os corações. Ele terá esse *plus* religioso com a ajuda de um auxiliar: o Falso Profeta (a Besta que emerge da Terra). A Escritura menciona que acontecerão milagres espetaculares, incontestáveis, convencendo os que “habitam na Terra”, os quais serão, e hoje o são, enganados pelo espírito do Anticristo.

Aqueles que, independentemente do *status* social, grau de intelectualidade e/ou poder econômico, não quiseram submeter-se ao senhorio de Cristo ao longo da vida, nesse instante terão a sua mente e coração escravizados por Satanás. A questão vital que ressaí desse fato, portanto, não é se os homens serão dominados racional e emocionalmente ou não, mas quem os subjugará: Deus ou o Diabo? Jesus falou sobre isso ao afirmar que ninguém podia “ficar em cima do muro”, ou seja, servir a dois senhores (Mt 6.24), deixando claro que, na vida, quem decidiu não se decidir também já fez a sua escolha, pois o Senhor alertou: “[...] quem comigo não ajunta espalha” (Mt 12.30). Qual será a sua opção?

II – A TRINDADE SATÂNICA

1. Dragão

A palavra dragão aparece 13 vezes em Apocalipse (12.3,4,7,9,13,16,17; 13.2,4,11; 16.13; 20.2). No caso das visões envolvendo esse ser místico, para esclarecer a sua identidade, é indispensável começar pela última referência: “Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos” (Ap 20.2). Esse animal, em Apocalipse 12.3, é descrito como um “grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres e, sobre as cabeças, sete diademas”, além de possuir uma enorme cauda (12.4); ele representa, portanto, a fonte de toda a maldade. A figura denota destaque, alguém que se sobressai, saliente (era grande) — eu não diria que era importante, que apresentava ferocidade (vermelho), força (sete cabeças), poder (chifres), influência e glória entre os povos (diademas).

Esse espírito do mal destacado pela sua sutileza na arte de enganar, quando, no passado remoto, derrubou um terço das estrelas do céu (12.4) e, no Éden, enganou a Eva, mostra a sua verdadeira face nessa cena. Não é mais a “doce e amiga” serpente que aconselha, mas um monstro que deseja devorar, sendo ainda mais cruel e letal que um leão, que anda em derredor, “buscando a quem possa tragar” (1 Pe 5.8).

2. Anticristo

Em Apocalipse 13.1, no início da visão da besta que emerge da água — o Anticristo —, percebe-se a estranha semelhança com o

grande dragão vermelho (12.3). Essa fera possuía todas as características do dragão, além do detalhe das “blasfêmias” que também lhe “adornavam”, certamente uma homenagem a quem lhe enviou, o dragão. Na verdade, ambos têm o mesmo “DNA” espiritual, utilizando uma linguagem coloquial. São da mesma natureza: pai e filho.

As outras características dessa “fera” (13.2,) dizem muito sobre como será a sua atuação, pois era “semelhante ao leopardo” (está furioso e com pressa), “e os seus pés como os de urso” (tem muita força e esmagará tudo o que atravessar o seu caminho), e “a sua boca, como a de leão” (está pronto para devorar), como o leão referido em 1 Pedro 5.8.

O Anticristo proeminentemente se destacará na política mundial, prometendo dias melhores para o mundo; mas como oferecer algo que não se tem? Ele, porém, como o pai da mentira, não terá dificuldade alguma de enganar usando um discurso conciliador (mas é lobo, e não ovelha); sofrerá um atentado, do qual não morrerá, por uma intervenção miraculosa do Falso Profeta.

Outro fator que merece destaque é que “o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio” (Ap 13.2). O mundo, que jaz no maligno, não encontrará obstáculos morais e éticos para alinhar-se à política nefasta deste líder astucioso. Dentro de uma famigerada “trindade satânica”, esse personagem tenciona se assemelhar à posição do Filho Unigênito.

3. Falso Profeta

O surgimento de alguém que, de forma mentirosa, fala em nome de Deus, não é novidade alguma. Inclusive, tal prática foi incluída por Jesus como um dos sinais que antecederiam o arrebatamento. Mas aqui se trata de um falso profeta que integra a cúpula do poder satânico, pretendendo ser um simulacro da 3ª Pessoa da Santíssima Trindade, a besta que subiu da terra (Ap 13.11-18).

Ele será o símbolo do poder religioso e o porta-voz do Anticristo. Na visão, ela aparecia com “dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão” (Ap 13.11). Certamente, terá a “aparência” de um cordeiro, mas agirá como um demônio sagaz, pois a fala denuncia-o — tem o espírito do dragão, ou seja, terá muita fluidez nos discursos, com capacidade, que será dada por Satanás, de até fazer descer fogo do céu. Será o responsável pela colocação da marca do Anticristo nas pessoas, persuadindo-as que adorem a imagem da Besta, sob pena de morte (Ap 13.15).

III – O GOVERNO DO ANTICRISTO

1. Abrangência Mundial

O Anticristo é a besta que emerge do mar (Ap 13.1), identificado, em um primeiro plano, como alguém que tem o caráter de um animal feroz, mesmo um monstro e, também, que aparecerá em face do

apoio internacional. “O ‘mar’ é uma linguagem metafórica e indica as nações, povos e línguas.”²

O seu governo será tão influente que “cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues nas suas mãos por um tempo, e tempos, e metade de um tempo” (Dn 7.25). Com isso, estenderá os seus tentáculos opressores por todos os lugares, unindo “nações, povos e línguas” e também religiões! Quão grande decepção será para os que habitam na Terra, dentre os quais Israel, no fim de todas essas coisas.

2. Firme Aliança com Israel

O homem do pecado, sabendo que Deus tem um grande projeto com Israel logo após a sua ascensão ao poder, buscará realizar um importante acordo com Israel. A Bíblia não narra detalhes desse pacto, mas o profeta Daniel mencionou que essa aliança será firme “com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele” (Dn 9.27, ARA). Assim, diante da alusão sobre “sacrifício e oferta de manjares”, é forçoso concluir que o Templo em Jerusalém será reconstruído possivelmente (alguns entendem que necessariamente) onde, nos dias de hoje, está edificada a mesquita de Al-Aqsa, na área da cidade antiga (local que é considerado o

terceiro mais sagrado para o islamismo, ficando atrás somente das Cidades de Meca e Medina, na Arábia Saudita).

Não se sabe como será a negociação que certamente envolverá o Anticristo, Israel e os “palestinos”, bem como o mundo muçulmano, nem como se desenrolarão os fatos desse acordo naquele barril de pólvora que é o Oriente Médio, mas é certo, pela profecia, que o Templo judaico será reedificado, pois ali o Anticristo cometerá o “sacrilégio terrível” (tradução NVI), circunstância decisiva para Israel perceber que ele não era o Messias prometido.

Israel passará, nos primeiros três anos e meio da Tribulação, a ser protagonista nas relações internacionais, pela eficácia do príncipe de Satanás, que é exímio enganador, mentiroso, ilusionista. Israel desprezou a aliança com Deus (Sl 89.3) e, agora, firma um compromisso de lealdade com o Diabo, o arqu-inimigo do povo de Deus, como Jesus alertou: “Eu vim em nome de meu Pai, e não me aceitais; se outro vier em seu próprio nome, a esse aceitareis” (Jo 5.43).

Israel sofrerá grande angústia quando perceber que foi enganado por um falso Messias, que buscava a adoração pessoal no Templo em Jerusalém. Rompido o pacto, o Anticristo vai perseguir intensamente a Israel nos três anos e meio seguintes — será o tempo da angústia de Jacó. Por fim, no meio do maior sofrimento enfrentado pelo mundo, no auge das catástrofes ambientais, sanitárias, sociais, humanas e também espirituais, depois de minar

toda a boa reputação internacional de Israel (que sofrerá crise de abastecimento, por não poder participar do comércio mundial), os instrumentos do Diabo na Terra convencerão as nações a destruírem os descendentes de Isaque. Podem ter certeza: esse convencimento não será difícil!

CONCLUSÃO

O mundo conhecerá um ditador que “fará conforme a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis e será próspero, até que a ira se complete; porque aquilo que está determinado será feito” (Dn 11.36). Assim, apesar da sua megalomania, os que habitam na Terra curvar-se-ão a ele porque “será próspero” nos primeiros momentos, “até que a ira se complete”, então Deus entrará em rota de colisão com ele e o seu programa de governo, precipitando o fim de todas as coisas.

Apesar de todo o sucesso aparente do Anticristo tanto na área política, quanto econômica, social e religiosa (será adorado pelos que habitam na Terra), tendo, inclusive, recebido “poder sobre toda tribo, e língua, e nação” (Ap 13.7), o Senhor continuará assentado sobre o Trono e no controle de todas as coisas. A trindade satânica, não obstante desempenhe o seu intento sobre a Terra com sucesso, não se afigura rival de Deus. Deus não tem rival! Ninguém é páreo para Ele! O Altíssimo, o Poder Supremo que governa o Universo,

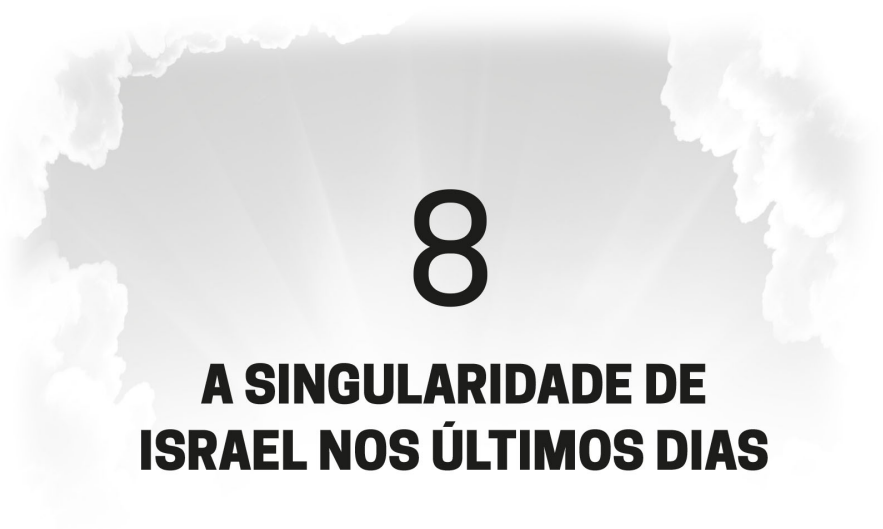
permite o mal por causa do livre-arbítrio, único jeito de existir todo o amor, bondade e alegria. Na verdade, não existe vida na ausência do livre-arbítrio, mas apenas seres inanimados. O Eterno entendeu, assim, que seria viável e justo que os homens fossem livres para fazer as suas próprias escolhas, pois um mundo de robôs dificilmente valeria a pena ser criado.³

No dia em que o Bem enfrentar o Mal no Armagedom para resolver o problema de Israel, o assopro de Jesus restaurará instantaneamente a ordem de todas as coisas, o que será o último capítulo da história do mundo atual. Deus, assim, não está em guerra contra ninguém, nem mesmo contra o mal. A Guerra do Armagedom será contra Israel e, quando o Senhor intervir, deixará de ser uma guerra e irá converter-se, numa linguagem beligerante, em um massacre contra o Anticristo e os seus exércitos, sem possibilidade de defesa.

¹ LAHAYE, Tim; HINDSON, Ed. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2015, pp. 70,71.

² SOARES, Esequias (Organizador). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 188.

³ LEWIS, C. S.. **Cristianismo Puro e Simples**. 1.ed., Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 44.



8

A SINGULARIDADE DE ISRAEL NOS ÚLTIMOS DIAS

Israel é o povo amado do Senhor (Os 11.1); a menina dos olhos de Deus (Zc 2.8); com quem Ele fez uma aliança incondicional (Jr 31.37); que por isso durará para sempre (Sl 89.36); a quem pertence “a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os pais, e dos quais é Cristo, segundo a carne” (Rm 9.4,5); um dos ponteiros do relógio de Deus para determinar o fim dos tempos (Lc 21.29,30); e que, desde os primórdios, caminhou debaixo da bênção de Deus (no deserto, uma nuvem cobria-os durante o dia, e uma coluna de fogo aquecia-os durante a noite), mas também sofreu inúmeras perseguições e tentativas de extermínio. Quando Deus se fez carne e veio buscar e salvar o que se havia perdido, priorizou, na obra missionária dos seus doze discípulos, as ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 10.5,6; 15.24), mas tanto amor foi retribuído com ingratidão. Os judeus rejeitaram-no e mataram-no (At 2.23), tendo os representantes da nação pugnado que essa culpa recaísse sobre eles e os seus descendentes (Mt 27.25). Desde então, os israelitas foram entregues à própria sorte, tendo sido pisados pelos gentios, e, a partir do ano 70 d.C., os que habitavam em Jerusalém e arredores foram dispersos pelo mundo; no século VII, com o surgimento do islamismo, os judeus que moravam nas demais regiões do país também foram mortos ou expatriados.

A última Diáspora de Israel, em face da sua rebelião contra Deus, começou no ano 70 d.C., mas a aliança com o Eterno não foi

invalidada (Sl 89.30-34) — a missão dos filhos de Israel, no plano do Altíssimo, não estava concluída. Isso, porém, não os isentou do juízo divino, inúmeras vezes verificado ao longo da história; todavia, protegeu-os da extinção, única explicação razoável para compreender como um povo tão odiado consegue resistir por tanto tempo.

A ausência de uma terra para viver continuou até que os judeus, no fim do século XIX, começaram a retornar timidamente à Palestina. Depois de muito sofrimento causado pela insatisfação dos moradores locais, que não aceitavam o retorno sionista e que diversas vezes redundou em violência e mortes e, por fim, com o extermínio de milhões de judeus nos campos de concentração nazistas e terminada a Segunda Guerra Mundial, o sonho milenar de a nação reflorescer politicamente se tornou realidade no dia 14 de maio de 1948, porque Deus agiu decisiva e milagrosamente, conforme escrevi noutro livro:

O renascimento de Israel das cinzas da história como nação politicamente organizada em apenas um dia, também estava previsto nas Escrituras, conforme se vê: “Quem já ouviu falar de uma coisa assim? Quem já viu isso acontecer? Pois será que um país pode nascer num dia só? Uma nação aparece assim num instante? Mas foi isto mesmo que aconteceu com Sião: assim que sentiu dores de parto, ela deu à luz os seus filhos” (Is 66.8 NTLH). O Senhor, que ama as portas de Jerusalém (Sl 87.2), estava a

colocando no centro do cenário mundial, favor decisivo para o desenrolar dos últimos fatos da história da humanidade.¹

O restabelecimento de Israel como nação foi um fato esplêndido, historicamente relevante para o mundo, entretanto ainda existe algo glorioso para o povo de Deus, muito maior e melhor. O archi-inimigo de Israel e também da Igreja, sabendo disso, tem feito de tudo, desde sempre, para aniquilar esse pequenino rebanho. Expressões de cóleras insanas e xenofóbicas espalham-se pelo mundo de maneira desarrazoada, sem contar com o veemente repúdio das maiores lideranças mundiais. Acerca disso, escrevi:

No dia 30 de setembro de 2019, por exemplo, vários órgãos da mídia internacional repercutiram o discurso do chefe militar do Irã, Major-General Hossein Salami, dizendo já existirem plenas possibilidades da destruição total de Israel; ideal político, aliás, defendido abertamente pelo regime dos aiatolás desde a Revolução Islâmica de 1979. O intento satânico de aniquilar os descendentes de Abraão é, tanto antigo, quanto real; mas Israel, o pequeno, mas desenvolvido país asiático, encravado em uma porção da Terra Prometida, continuará sua marcha escatológica até que aquilo que está escrito a seu respeito, nas Sagradas Escrituras seja cumprido integralmente.²

No futuro, o Senhor fará um novo concerto com Israel, incutindo-lhes a sua vontade na mente e coração (Ez 37.26; Hb 8.8,10), e, como consequência, em relação a esse momento, o Senhor diz: “[...] e eu serei por Deus, e eles serão o meu povo” (Ez 37.27; Hb 8.10).

Assim, no desfecho de tudo, haverá um fim feliz para essa narrativa, conforme se vê em uma das profecias sobre a restauração de Israel (Ez 37.1-14) — o vale de ossos secos, corroborada pela história das duas varas (Ez 37.15-20) —, o retorno do cativo assírio do antigo Reino do Norte (dez tribos) e também do Reino do Sul (Judá), bem como a reunificação monárquica.

Ao analisar o referido texto escatológico, observa-se que o retorno de Judá do cativo babilônico configura-se em cumprimento parcial da profecia, na medida em que ainda não existiu o retorno do cativo das dez tribos perdidas e nem, muito menos, subiu ao trono um rei da linhagem de Davi que governasse eternamente (Ez 37.24,25).

Por isso, o texto que começa em Ezequiel 37 e prossegue nos capítulos seguintes aponta, sobretudo, para os dias do fim, aludindo acerca da restauração total e eterna de Israel, quando haverá nova aliança no dia escatológico durante o Reino Milenial, confirmando as promessas do capítulo 36 de Ezequiel: a restauração e repovoamento da terra, a existência de uma agricultura superprodutiva e uma vida bem-aventurada como aquela que havia no Jardim do Éden.

Na visão de Ezequiel 37.1-14, os ossos sequíssimos representam a situação política, social e espiritual de Israel (v. 11), e Deus mostra que haverá uma extraordinária restauração, quando se levantará um grande exército. Logo após, o Senhor afirma que o seu Tabernáculo

(hb. *mishkan* – lugar de habitação, moradia) permanecerá com eles e que o seu santuário (hb. *miqdash* – lugar sagrado, templo) estará no meio deles, o que fará as nações reconhecerem que foi o Senhor quem fez tal maravilha (hb. *Yahweh*) (Ez 37.28). Que extraordinária mudança de cenário pela presença contínua da Glória de Deus!

Note-se, a propósito, que o templo aqui mencionado não é o edificado por Herodes, que foi destruído em 70 d.C., nem aquele mencionado em Daniel 9.27; Mateus 24.15,16; 2 Tessalonicenses 2.3,4 e Apocalipse 11.1,2, onde acontecerá a “abominação da desolação”, quando o Anticristo exigirá ser adorado no meio da Grande Tribulação, mas refere-se a outro templo, que está descrito detalhadamente entre Ezequiel 40.5 e 47.12, o qual será edificado pelo Senhor Jesus quando Jerusalém for a capital do Reino Milenial, e os israelitas, ora santificados (hb. *qadash* – consagrados, separados) sob o governo do Messias (Ez 37.28), ensinarão a Palavra de Deus ao mundo (Zc 8.23).

Acerca desse reconhecimento das nações e do novo Templo em Jerusalém (Ez 37.28), Champlin arremata:

As nações pagãs reconhecerão que o ocorrido com Israel, na sua restauração, foi obra do poder de Deus, totalmente além das capacidades dos homens. Yahweh santificará seu povo, fazendo dele uma nação realmente distinta, que foi sempre o ideal desejado (ver Deu. 4.4-8). O santuário de Yahweh, no seu meio, será uma obra notável de graça, a fonte de todos os seus benefícios.

Esse versículo serve como introdução apropriada aos capítulos 40-48, que descreve o templo ideal e seu culto.³

Tim Lahaye, por seu turno, aduz:

As profecias de Ezequiel concentram-se no templo milenial e na ampliação do caráter sagrado da cidade (Ez 40-48), descrevendo o retorno do Senhor para habitar em Jerusalém e, com isso, conferindo a esta um novo título descritivo: YHWH Shammah (“o Senhor está ali”; Ez 48.35).⁴

Essas notáveis promessas divinas — algumas já cumpridas, e outras não — fornecem a única explicação lógica, plausível, do ponto de vista geopolítico, como mencionado anteriormente, para a existência de Israel até hoje, fazendo a jornada milenar dos descendentes de Jacó um caso único na história, fundamento sobre o qual repousa o seu passado, presente e futuro glorioso.

I – O PLANO DIVINO PARA ISRAEL

1. Um Povo Escolhido

A trajetória do povo hebreu começou quando Deus escolheu e chamou Abraão para fazer dele uma grande nação, mandando que saísse da sua terra e parentela. Logo, em seguida, arrematou o Senhor Deus: “E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma bênção (Gn 12.2).

Esse início pequeno, quase solitário, foi importante para firmar as bases e raízes dessa árvore que precisava crescer equilibradamente. Abraão tornou-se o amigo de Deus, e os seus descendentes também precisavam sê-lo. Essa seria a chave da prosperidade e do sucesso enquanto nação. Ser uma bênção significava, assim, ser diferente de tudo o que existia em Ur dos Caldeus (símbolo do mundo) — daí o porquê de o patriarca ter, aos 75 anos, recomeçado a sua vida longe do lugar onde foi criado, distante dos seus entes queridos. Enquanto caminhava com Deus, ele estava sendo pouco a pouco alimentado com uma nova cultura, que ensinou aos da sua família, perdurando as experiências de geração em geração pela tradição oral. Depois, no tempo de Moisés, essas experiências, ensinamentos e princípios foram catalogados naquilo que se convencionou chamar Lei Mosaica.

2. Um Povo com Propósito

Desde o chamamento de Abraão — até então Abrão — e a promessa de fazer dele uma grande nação, o Senhor estabeleceu o propósito para o povo que sairia dos lombos do patriarca: “E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3). A ideia de Deus, portanto, era que Israel fosse o canal de bênção para todas as famílias (hb. *mishpachah* – palavra que pode

ser traduzida como povo ou nação) da Terra. Que projeto abençoado!

O propósito que Deus estabeleceu aos israelitas aparece claramente na profecia acerca das setenta semanas de Daniel (Dn 9.24), quando o Senhor faz menção ao tempo em que fecharão as cortinas no ato final do espetáculo da humanidade, colocando Israel no âmago dessa história — Israel é uma bênção para o mundo —, devendo, por isso, ser considerado profeticamente como uma das variáveis, quiçá a mais importante, um dos ponteiros do “relógio de Deus” para que aconteça a consumação de todas as coisas.

3. Um Povo com Futuro

Israel será restaurado espiritualmente e assumirá um alto posto político-administrativo no admirável mundo novo a ser inaugurado no Milênio por Cristo Jesus. Tanto é assim que Ele, após ser inquirido pelos discípulos sobre quando restauraria o reino a Israel, disse apenas que não lhes competia saber quando a figueira floresceria (At 1.7), deixando implícito, todavia, que tal fato aconteceria no futuro.

Paulo, nesse particular, diz que a promessa de bênção futura estava firme à “toda a posteridade [de Abraão], não somente à que é da lei [...]” (Rm 4.16) ou seja, aos judeus! Com isso, Paulo reiterava que os descendentes de Abraão segundo a carne tinham um futuro brilhante garantido, como também os que são

descendentes pela fé — a Igreja — (Gn 22.17). Como confirmação disso, são vistas várias e expressivas honrarias outorgadas a Israel em Apocalipse, onde fala acerca dos 144 mil escolhidos de todas as tribos de Israel, e a Cidade Eterna onde os santos habitarão chama-se Nova Jerusalém (não “Nova Roma”, ou “Nova Atenas”, ou “Nova Alexandria”, etc.), a qual tem “doze portas, [...] e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel” (Ap 21.12). Que futuro glorioso!

II – JUÍZO E REDENÇÃO PARA ISRAEL

1. O Tempo da Angústia para Jacó

Até que o desfecho triunfal aconteça, haverá muitas lágrimas, suor e sangue derramados pelo povo judeu, e isso porque ser um escolhido por Deus tem bônus e ônus em iguais proporções. Se, por um lado, os filhos de Jacó sempre desfrutaram do cuidado e providência divinos cotidianamente, conforme foi dito ao patriarca: “E eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra; porque não te deixarei, até que te haja feito o que te tenho dito” (Gn 28.15), por outro, na Grande Tribulação, Israel padecerá mais do que todos os demais países da Terra, conforme o princípio expresso em Isaías 40.1,2: “[receberá] em dobro da mão do SENHOR, por todos os seus pecados.”

Está escrito: “Ah! Porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! E é tempo de angústia para Jacó; ele, porém,

será salvo dela” (Jr 30.7). Com essas palavras, Deus anunciava pelo profeta como seria o tempo (referido como dia) da Grande Tribulação para os judeus. Em Zacarias 13.8,9, menciona-se que 66% da população judia morrerá durante “o tempo da angústia de Jacó”, e um terço dela será purificada da mesma forma como acontece com a prata e o ouro, ou seja, através do fogo da provação.

Jesus avisou que os judeus que sobrevivessem na Grande Tribulação, quando vissem a abominação da desolação, ou seja, o Anticristo declarando ser o verdadeiro Deus e, por isso, querendo ser adorado no Templo em Jerusalém — o que não será aceito por Israel: “Então, os que estiverem na Judeia, que fujam para os montes; e quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; e quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes” (Mt 24.16-18). Essa fuga sugerida por Jesus aos judeus demonstra que, mesmo com um escudo antimísil poderoso, como é o Domo de Ferro, o exército do Anticristo possuirá poder bélico muito superior a Israel. Não adiantará resistir. Jesus, para acentuar a realidade do drama futuro, aconselhou que pedissem a Deus que isso não acontecesse em um sábado — dia do descanso para os judeus —, nem nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro — o inverno —, período de baixas temperaturas (média de 10°C a 12°C), chuvas e, eventualmente, neve. Ele também lamentou a dificuldade que as grávidas enfrentarão.

A Bíblia lança luzes sobre o episódio:

Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres, forçadas; e metade da cidade sairá para o cativeiro, mas o resto do povo não será expulso da cidade. E o SENHOR sairá e pelejará contra estas nações, como pelejou no dia da batalha. E, naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; e metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade dele, para o sul. E fugireis pelo vale [...]; então, virá o SENHOR, meu Deus, e todos os santos contigo, ó Senhor (Zc 14.2-5).

Ninguém deve estranhar esse sofrimento nacional necessário para os judeus, tantas vezes já vivido ao longo da história, sempre como reação de Deus às decisões equivocadas dos filhos de Israel. Essa tribulação derradeira, porém, será a mais dramática e angustiante de todas: “Porque eis que aquele dia vem ardendo como forno; todos os soberbos e todos os que cometem impiedade serão como palha [...]” (Ml 4.1). Israel compreenderá que estará à beira da extinção, mas esse não será o fim, pois os judeus clamarão pela vinda do Messias prometido: “Mas para vós que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça e salvação trará debaixo das suas asas [...]” (Ml 4.2), o qual os ouvirá e virá em socorro.

2. O Tempo da Vitória de Jacó

Quando a iminente destruição total de Israel estiver programada nos computadores dos países que lhe farão guerra, cuja estratégia também terá um ataque por terra com um incontável contingente de soldados, tendo dois terços da população já morrido, Israel converter-se-á, clamará ao Senhor por livramento, e a oração será atendida: a Realidade Espiritual abertamente se apresentará, interferindo definitivamente na história do mundo.

Tim LaHaye ensina:

A profecia de Zacarias narra tal período de sofrimento para a cidade, detalhando a união das nações contra Jerusalém (Zc 12.2,3; 14.2) e as batalhas. No clímax da campanha do Armagedom, quer lugar o ataque final a Jerusalém (Zc 12-14). O Senhor levará Israel ao arrependimento, começando pelos “habitantes de Jerusalém” (Zc 12.8-13.2), quando Cristo derrotará os exércitos invasores do Anticristo (Zc 14.3,12-15). Ele salvará o remanescente judeu da cidade por meio de um terremoto (Zc 14.3,4) e lá fundará seu reino milenial (Zc 14.9). Jesus transformará a topografia da cidade (Zc 14.8,10), reerguerá o Templo (Zc 6.12-15) purificará e glorificará a cidade (Zc 8.3; 14.11,20,21; Is 4.5,6; Jr 3.17) e conclamará as nações a adorá-lo (Zc 14.16-19).⁵

Jesus, naquele dia, destruirá o Anticristo “[...] pelo assopro da sua boca e aniquilará pelo esplendor da sua vinda” (2 Ts 2.8). No momento mais tenebroso para os descendentes de Jacó, Jesus voltará em glória com a sua Noiva para dar vitória a Israel.

3. O Tempo da Glorificação de Jacó

Jesus, dias antes de morrer, afirmou aos moradores de Jerusalém: “Porque eu vos digo que, desde agora, me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor” (Mt 23.39). Nesse dia, Israel, já convertido, verá novamente a face do Senhor, que destruirá os inimigos e exaltará Jerusalém sobre todas as cidades da Terra. O profeta Zacarias esclarece:

[...] e acontecerá que, no tempo da tarde, haverá luz [...e] correrão de Jerusalém águas vivas [...]. E o SENHOR será rei sobre toda a terra; naquele dia, um será o SENHOR, e um será o seu nome. Toda a terra em redor se tornará em planície [...]. E habitarão nela, e não haverá mais anátema, porque Jerusalém habitará segura (Zc 14.7-11).

A vitória final do povo de Israel será celebrada intensamente, agora na presença de todos os redimidos de todos os tempos, que participaram juntamente com os anjos e o próprio Senhor Jesus da derrocada derradeira do Anticristo e os seus assecclas. O mundo não mais jazará no maligno, que será preso por mil anos, ao passo que o Homem do Pecado e o Falso Profeta serão lançados no lago de fogo.

III – OREMOS POR ISRAEL

1. Deus Pede que Oremos

Orar uns pelos outros é um dever, e não o fazer constitui-se em pecado, conforme disse Samuel: “E, quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o SENHOR, deixando de orar por vós [...]” (1 Sm 12.23). Entretanto, além dessa obrigação geral, Deus pormenoriza alguns grupos de pessoas e propósitos dos quais não devemos esquecer em oração. Por exemplo, devemos orar pelas autoridades constituídas (1 Tm 2.1,2), pela pregação da palavra (Ef 6.18,19) para que Deus levante obreiros para a sua seara (Lc 10.2), pelos que nos maltratam e perseguem (Mt 5.44) para não cair em tentação (Mt 26.41), etc. Na Bíblia, ainda encontramos a designação de orar “pela paz de Jerusalém” (Sl 122.6). Jerusalém (hb. *Yerûshalaim* – gr. *Hierousalem*) foi destinada à paz (hb. *shalôm* – gr. *eirene*), mas o Inimigo sempre faz guerra contra a cidade do Grande Rei (Mt 5.35), Sião (hb. *Tsiyôn* – apelido poeticamente atribuído à Jerusalém – 1 Rs 8.1). Nos Salmos, frequentemente há hinos, que são orações, profetizando bênçãos sobre Sião: “Abençoa a Sião, segundo a tua boa vontade; edifica os muros de Jerusalém” (51.18), “Lembra-te [...] deste monte Sião, em que habitaste” (74.2), “Tu te levantarás e terás piedade de Sião [...]” (102.13), “Sejam confundidos e tornem atrás todos os que aborrecem a Sião!” (129.5), “Como o orvalho de Hermom, e como o que desce sobre os montes de Sião, porque ali o SENHOR ordena a bênção e a vida para sempre” (133.3). Paulo também orava por Israel (Rm 10.1).

2. Oração Presume Amor

Há alguns dias, um compatriota falou-me que tinha nojo de determinada autoridade pública, mas, mesmo assim, orava por ela, ao que lhe respondi que a sua oração não servia, pois a oração só funciona na presença do amor. Um celebrado escritor cristão certa vez disse que: “Orar por alguém é dizer ‘eu te amo’ escondido”. Assim, ninguém pode orar bem se não amar, e como amar necessariamente envolve doação (Jo 3.16), ninguém pode amar de verdade se não agir para beneficiar. João afirmou que não bastava amar só de palavra e de língua, “[...] mas por obra e em verdade” (1 Jo 3.18). Alinhando-se a essas verdades, diz a Palavra: “Orai pela paz de Jerusalém! Prosperarão aqueles que te amam. [...] Por causa da Casa do SENHOR, nosso Deus, buscarei o teu bem” (Sl 122.6,9).

Dessa forma, quando nos manda orar, Deus também — mesmo que implicitamente — está mandando amar e agir proativamente em favor de Jerusalém e do seu povo. Tanto é assim que, em seguida, a promessa de prosperidade é dada não aos que oram, mas aos que amam a Deus (v. 6).

3. Orar e Amar É Alinhar-se a Deus

Algumas pessoas odeiam os judeus porque não compreendem a vontade de Deus, nem muito menos amam ao Senhor. Se, porém, alguém amar a Deus, também amará a Israel e orará pelos filhos de

Jacó. Diz as Escrituras: “E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades” (Rm 11.26). Assim, como escolhidos de Deus, eles são nossos amigos — e irmãos!

Esse ódio antissemita, à primeira vista, pode ser minimizado aos desavisados como, talvez, “antipatia histórica”; entretanto, trata-se, na verdade, de preconceito estabelecido a partir de inspiração infernal, diabólica. O Senhor, que ama a Sião (Sl 87.2), deseja que oremos pelos seus filhos, bem como que os amemos e que os abençoemos, pois temos uma grande dívida com eles, que são — e sempre foram — canal de bênçãos para os povos do mundo (Gn 12.3).

CONCLUSÃO

Israel foi escolhido por Deus para cumprir uma missão sobre a Terra que só terminará quando o remanescente judeu concluir o seu papel durante o Milênio. Até lá, coisas espantosas acontecerão com os aqueles “de quem são as promessas... e as alianças!”. Eles sobreviverão até o último dia, porque há um Deus no Céu que os protege, o qual se autointitulou, várias vezes, como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

¹ SOARES, Reynaldo O. Martins; MARTINS, Samuel de Oliveira (iBook). **Tempo de Conquistas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, pp. 109,110.

² SOARES, Reynaldo O. Martins; MARTINS, Samuel de Oliveira (iBook). **Tempo de Conquistas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 111.

³ CHAMPLIN, R. N.. **O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. 2.ed., vol. 5, São Paulo: Hagnos, 2001, p. 3318.

⁴ LAHAYE, Tim; HINDSON, Ed. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 379.

⁵ LAHAYE, Tim; HINDSON, Ed. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 379.



9

O RETORNO TRIUNFAL DE CRISTO

Quando Jesus estava na cruz, um ladrão, que estava arrependido, disse-lhe: “Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino” (Lc 23.42, ARA). O referido malfeitor, que a tradição cristã achou por bem nominar de Dimas, estava com os seus olhos voltados não para a cena ignominiosa do Cristo crucificado, mas, sim, no seu retorno glorioso, quando viesse estabelecer o seu Reino na Terra. Jesus, então, disse-lhe que não precisaria esperar pelo fim dos tempos para estarem juntos; antes disso, porém, estariam no Paraíso!

O ladrão, novo convertido na cruz ao lado de Jesus, teve um relance da glória do Reino de Deus, e isso lhe foi suficiente. Observe que ele não se preocupou em saber o tempo em que o retorno triunfal de Cristo aconteceria, mas apenas que ele estaria presente naquele evento sobrenatural. Os discípulos de Jesus, todavia, na assunção do Mestre no Monte das Oliveiras, queriam saber sobre isso (At 1.6). O Senhor, num primeiro momento, respondeu que não era necessário eles ficarem ansiosos sobre o calendário de Deus para os dias finais, lembrando-os daquilo que era importante para a Igreja no intervalo entre a sua assunção ao Céu e o seu retorno à Terra: receberéis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo (At 1.8)! Ou seja, ser cheio do Espírito Santo era o que realmente importava para Jesus. Este se constitui no ponto nevrálgico da vida cristã!

Todavia, o Senhor — através dos anjos — pela sua misericórdia, segundos depois, mandou a resposta *possível* à inquirição anterior: “[...] Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir” (At 1.11). Somente parte do segredo poderia ser revelado, porque Ele mesmo já advertira pouco tempo antes que “daquele Dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas unicamente meu Pai” (Mt 24.36). A informação dos anjos, ainda que parcial, foi muito importante: a restauração do reino de Israel aconteceria por ocasião do seu retorno triunfal, naquele mesmo lugar da ascensão (Zc 14.4) e do mesmo modo: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até os mesmos que o traspassaram” (Ap 1.7). Nós, dispensacionalistas, cremos e ensinamos dessa forma, sem apresentar nenhuma dificuldade de entender o encaixe dos eventos escatológicos subsequentes.

A Bíblia fala acerca da volta de Jesus em glória nas seguintes passagens: Isaías 11.12; 25.9; 40.5,10; 59.20; Ezequiel 49.2-4; Daniel 7.13,14; Habacuque 3.3-6,10,11; Ageu 2.6,7; Zacarias 8.3; 14.8,8; Malaquias 3.1; 4.2; Mateus 24.29,30; 26.64; Marcos 13.26; 14.62; Lucas 21.27; 22.69; Atos 1.11; 3.20,21; 15.16; Romanos 11.26; 1 Coríntios 15.24; 2 Tessalonicenses 1.7,8; Judas v. 14; Apocalipse 1.7; 2.25; 19.11-16, dentre outros textos escriturísticos, esclarecendo que o retorno triunfal sucederá o Arrebatamento, o Tribunal de Cristo e as Bodas do Cordeiro e ocorrerá, bem próximo

ou juntamente, com outros eventos escatológicos importantes: a Guerra do Armagedom, o Julgamento das Nações e a instauração do Milênio.

Entretanto, os pós-tribulacionistas, que entendem que Jesus voltará (em uma só fase) para buscar a sua Igreja após a Grande Tribulação, promovem confusão teológica e, com isso, criam uma colcha de retalhos escatológica que mais parece um filme de ficção sem nexos com cenas inverossímeis.

A segunda fase da vinda de Cristo acontecerá em um ambiente bastante conturbado de guerra e destruição em que Israel estará na iminência de ser destruído, evento completamente distinto do Arrebatamento da Igreja, quando, em um ambiente de normalidade social (Mt 24.37,38), instantaneamente (1 Co 15.52) haverá a súbita separação de pessoas que estavam juntas, dormindo ou trabalhando (Mt 24.40,41); o Senhor, enquanto isso, permanecerá nas nuvens, não destruirá nesse momento o Anticristo e nem vai assentar-se, após, no seu trono de glória (Mt 25.41); antes, encontrará a Igreja nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor (1 Ts 4.16,17). Com distinções tão veementes, não há dúvida de que se trata de momentos distintos, separados por um período de sete anos.

A certeza da vinda de Jesus com poder e grande glória traz esperança de que o mundo, um dia, será completamente seguro e bom para qualquer um viver. Um lugar restaurado, que desfrutará da

mesma glória e harmonia do Éden, no qual habitará a justiça, e todos serão muito felizes. Ali, Israel terá um encontro sublime com o Salvador, e o seu Reino será restaurado logo depois de os inimigos serem derrotados pelo assopro da boca do Senhor. Será o início de mil anos de paz!

I – O QUE É O RETORNO TRIUNFAL DE CRISTO

1. Última Etapa da Volta de Jesus

O retorno triunfal e glorioso descrito em Apocalipse 19.11-16 mostra Jesus, o Fiel e Verdadeiro, que julga e peleja com justiça, retornando à Terra sobre um cavalo branco (símbolo da realeza), com as roupas brancas salpicadas de sangue (símbolo da pureza e do martírio), olhos flamejantes (símbolo do juízo) e escrito na sua coxa e manto “Rei dos reis e Senhor dos senhores” (símbolo de poder e autoridade), oportunidade em que conduzirá a sua Esposa, a Igreja vitoriosa, juntamente com os anjos (v. 14), para vencer o Anticristo e o seu exército e salvar a Israel do extermínio (v. 15); logo após, realizará o Julgamento das Nações (Mt 25.31-46) e restaurará o reino a Israel, iniciando o Milênio, quando Jerusalém será a capital do mundo.

O apóstolo Paulo afirmou que a Igreja está “aguardando [...] o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo” (Tt 2.13), que faz alusão à sua volta gloriosa, momento em que aparecerá como um relâmpago que sai do oriente até ao

ocidente (Mt 24.27), pois todo olho o verá. Jesus disse: “E, logo depois da aflição daqueles dias [...] aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu” (Mt 24.29,30) com miríades (gr. *Murias*, que significa multidão incontável) dos seus santos (Jd v. 14), a Igreja (Cl 3.4) e os seus anjos (Ap 19.11,14). Ele virá como labaredas de fogo para fazer justiça (2 Ts 1.7-9).

2. A Volta Gloriosa do Senhor

A Bíblia faz questão de afirmar que Jesus virá “com poder e grande glória (gr. *doxa*), que significa esplendor, brilho, deixando evidente que se tratará de uma quebra de paradigma no modo de agir convencional do Altíssimo, o Deus que se esconde (Is 45.15); nesse Dia, mostrará parte da sua glória ao mundo. Paulo diz que a sua vinda será como um *esplendor* (gr. *epiphaneia*) (2 Ts 2.8).

O Senhor descerá do Céu em resposta ao clamor do povo Israel, que estará sendo exterminado pelos exércitos inimigos. Nesse momento, um grande clarão no céu encandecerá a todos, quando se dirigirá o Senhor com um incalculável número de santos, montados em cavalos brancos, para as bandas do Oriente Médio, e ali o Senhor destruirá todo o mal com a espada da sua boca. Observe que não é uma guerra do mal contra o bem, mas do mal contra Israel. O Senhor, portanto, não necessitará dos anjos ou mesmo da Igreja, mas apenas da sua palavra de autoridade,

representada por uma espada (Ap 19.15) ou por um sopro (2 Ts 2.8), com o(s) qual(is) Ele vencerá o mal.

3. A Volta Triunfal com a Igreja

A Igreja, a Esposa do Cordeiro, será sumamente honrada na volta de Jesus, da mesma forma como, no casamento judaico, havia o instante em que o marido apresentava a sua esposa à sociedade. Está escrito: “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, também vós vos manifestareis com ele em glória” (Cl 3.4). Será uma “apresentação” triunfal da Igreja, que estará lindíssima: “[...] igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível (Ef 5.27)”.

Essa visão da “Igreja gloriosa” evidencia-se, dentre outros detalhes, pela descrição das suas roupas, que eram feitas de “linho fino, puro e resplandecente” (Ap 19.8) ou “linho fino, branco e puro” (Ap 19.14). São as mesmas qualidades, permutando somente o adjetivo resplandecente (gr. *lampros*) por branco (gr. *Leukos*, brilhante de brancura), que são, como se vê, palavras sinônimas. O linho fino revela a alta qualidade da roupa, o tecido dos palácios, pela sua leveza, textura, nobreza; o fato de ser resplandecente significa que é de origem divina, e a pureza (gr. *katharos*, limpo, purificado) é porque foram lavadas no sangue do Cordeiro, conforme Jesus explicou: “Mas também tens em Sardes algumas

pessoas que não contaminaram suas vestes e comigo andarão de branco, porquanto são dignas disso” (Ap 3.4).

Esse traje majestoso, vestido pela Igreja e prometido ao que vencer (Ap 3.5), foi concedido por causa do modo de viver da Igreja no cotidiano; a maneira como cumprimos os mandamentos de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como nos amou Jesus possui implicações eternas.

É preciso ter bastante cuidado com esse tipo de interpretação (para justificar uma tese — o pós-tribulacionismo), haja vista que ela minimiza o alcance da obra expiatória de Cristo, na medida em que atribui à provação o efeito de purificar as “vestes espirituais”, mas tal ideia é não-bíblica, mas, sim, “cármica”, emprestada do hinduísmo, budismo e espiritismo!

Por fim, ainda sob o enfoque do triunfo da Igreja na *parousia*, Jesus prometeu que “ao que vencer” receberá “poder sobre as nações” (Ap 2.26) e seria concedida a honra de “que se assente comigo no meu trono, assim como eu venci e me assentei com meu Pai no seu trono” (Ap 3.21). A Igreja será triunfantemente reintroduzida no cenário, recebendo autoridade sobre as nações (Lc 19.11-27) e assentando-se no Trono com Jesus. Deus não revelou muitos detalhes acerca do cumprimento dessas promessas, mas em Apocalipse 20.4 há uma clara alusão quando João diz que viu “tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles a quem foi dado o

poder de julgar [...] e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.”

Certamente, a Igreja desfrutará de instantes de grande alegria, pelo reconhecimento do trabalho desenvolvido no Reino de Deus, na Terra, o qual não é vão no Senhor (1 Co 15.58). No fim de tudo, cada um poderá dizer: “Valeu a pena perder a vida para ganhá-la com Cristo!”. Afinal, como dito alhures, Deus não fica devendo nada a ninguém.

II – PROPÓSITOS PARA O RETORNO TRIUNFAL

1. Para Salvar Israel

Desde os dias remotos, o povo hebreu sempre foi perseguido e chegou perto da extinção em vários instantes. Nesse momento, entretanto, perto da sua extinção — os exércitos inimigos já terão invadido Jerusalém e cometido muitas atrocidades —, dois terços dos judeus morrerão (Zc 13.8), e mulheres serão violentadas (Zc 14.2). Então, surgirá um esplendor de luz no céu, como o brilho de um intenso relâmpago que cruza a abóbada celeste — esse será o sinal da vinda do Filho do Homem, e o Senhor aparecerá gloriosamente com a Igreja e os seus anjos, vindo sobre as nuvens (Êx 40.34). O eminente pastor Elinaldo Renovato aduz:

Naquele momento, em meio à maior aflição do Armagedom (Zc 14.1,2), Jesus socorrerá Israel (Zc 14.3-5), [...] os exércitos inimigos, liderados pelo Anticristo, serão

derrotados pelo poder de Jesus; nenhuma das guerras mundiais terão tido tamanho resultado em termos de destruição dos exércitos inimigos. [...] Os israelitas reconhecerão que Jesus é o Messias esperado, e que fora rejeitado por eles; haverá o renascimento espiritual de Israel, cumprindo-se Ezequiel 37.¹

Que momento profético de imensa alegria! Israel será salvo, e o remanescente judeu, arrependido, reconhecerá Jesus como o seu Messias e converter-se-á a Ele (Is 4.3; 59.20,21; 60.21; Zc 12.10-14; Rm 9.27; 11.25-27).

2. Para Destruir os Inimigos

Cristo retornará esplendidamente à Terra com poder e grande glória para combater em favor de Israel. Os que padecerão os terríveis flagelos — a ira do Cordeiro — fazem parte de um *grupo seletivo* de pessoas que, além de terem que prestar contas ao Altíssimo no Juízo Final, ainda experimentarão os horrores derradeiros da vida humana no planeta, cujos nomes não estão escritos no Livro da Vida. A Bíblia diz, em linguagem figurada, que sairá uma “aguda espada” da boca de Jesus (o Cavaleiro Fiel e Verdadeiro) para ferir as nações e que Ele irá regê-las com “vara de ferro” e “pisará o lagar do vinho” do furor e da ira de Deus (Ap 19.16). Stanley Horton assim comenta essas três condutas de Jesus na Guerra do Armagedom:

Esse versículo apresenta três retratos da terribilidade do juízo que Jesus executará quando da sua volta triunfal. O primeiro ilustra o que acontecerá quando a afiada espada sair da boca do Cavaleiro montado no cavalo branco. Com ela, Cristo destrói as nações. Esta espada representa a palavra de Deus.

O segundo retrato, paralelo ao primeiro, mostra Cristo destroçando e despedaçando as nações (Sl 2.9). A expressão “regerá com vara de ferro” literalmente ilustra o trabalho de um pastor de ovelhas que, com a sua vara, cuida do rebanho, e destrói todos os seus inimigos (Ap 2.27; 12.5). Tudo isto tem de acontecer antes da implementação do reino milenial. As várias profecias mostram que o reino virá após o julgamento (Hb 13.20; 1 Pe 2.25). O terceiro retrato enfatiza os primeiros dois de uma maneira mais forte: “pisando o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso”. É um quadro da ceifa do juízo, mostrando uma ação contínua e deliberada até que seja completado o julgamento, a ira e o furor de Deus (Is 64.1,2; Zc 14.3,4; Mt 24.29,30). Tudo isto serve-nos para mostrar o quanto Deus abomina o pecado.²

O Senhor, nessa peleja, trará juízo contra os que habitam na Terra, ocasionando uma mortandade nunca vista, a tal ponto que decorrerão sete meses para os mortos serem enterrados (Ez 39.12-16), e as aves de rapina terão um grande banquete (Ap 19.17,21). Isso demonstra que o mundo ficará abalado com esse evento, de maneira que, sequer, terão o respeito (ou a possibilidade?) de enterrarem os que estavam ao lado do Anticristo. Ademais, os inimigos sobreviventes deverão participar, logo em seguida, de um

“tribunal de guerra”, denominado na teologia de o Julgamento das Nações, conforme está escrito: E, quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos anjos, com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele [...] (Mt 25.31,32).

Judas, irmão do Senhor, na sua Epístola, ao abordar acerca da volta gloriosa de Jesus, aduz que Ele virá “fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade que impiamente cometeram e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele” (Jd 14,15). A longanimidade de Deus chegou ao fim diante de tantas obras iníquas cometidas.

III – UMA INTERVENÇÃO DIVINA PLENA

1. O Destino da Trindade Satânica

O Anticristo, juntamente com o Falso Profeta, serão derrotados quando da volta do Senhor e inaugurarão a solidão ardente do lago de fogo e enxofre. Esse é o fim daqueles que enveredam pela estrada da maldade. Acerca desse fato, o pastor Abraão de Almeida alude:

No caso das duas Bestas, elas serão humilhadas aos olhos do mundo pelo fato de serem imediatamente lançadas vivas no lugar de seu merecido castigo.

Esse evento ocorrerá diante dos exércitos do ditador reunidos contra Jerusalém, exércitos que logo depois serão

mortos. A carne desses muitos milhares de grandes e pequenos servirá de banquete às aves do céu, o que a Bíblia chama de grande banquete de Deus. A seguir, um poderoso anjo lança Satanás no Abismo, onde ficará preso durante mil anos.³

A operação do erro, capitaneada pelo Mal, que iludiu bilhões de seres humanos, agora chegava ao fim. Tudo foi desvendado. Aquele que se autointitulava o Messias mostrava a sua verdadeira face. Era um lobo com pele de ovelha. Durante milênios, Israel teve a chance de aceitar a Jesus como o seu Salvador, mas não quis e, nesse momento nevrálgico, sentia o peso pelas suas escolhas equivocadas. Quantas vezes, de igual forma, as pessoas permutam o certo pelo duvidoso no cotidiano da existência! Que nunca aceitemos as astutas — e constantes — propostas do dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, de forma que não troquemos bênçãos duradouras de nossa vida — o centro da vontade de Deus — por experiências de curto prazo, cujo fim é a morte.

2. O Julgamento das Nações

O profeta Joel diz que o Senhor congregará as nações e irá julgá-las no “grande e terrível dia do Senhor quando for mudada a sorte de Judá e de Jerusalém” (Jl 2.31; 3.1,2, ARA). Assim, após enfrentar a ira do Cordeiro, as nações sobreviventes serão julgadas pelo Senhor (Mt 25.31-34,41,46); é mister reforçar que, aqui, o

juízo será de nações (Mt 25.32), e não de indivíduos. O saudoso pastor Antonio Gilberto aduz:

Certamente as nações comparecerão mediante seus representantes. O propósito desse juízo é determinar quais as nações que terão parte no Milênio. Algumas nações serão poupadas e ingressarão no reino do Filho de Deus. Outras serão desarraigadas e desaparecerão como nações. O mapa do mundo sofrerá, pois, muitas alterações. Após o julgamento, “os que restaram das nações” (Zc 14.16) ingressarão no reino milenar na Terra. [...] A base desse juízo é a maneira como essas nações trataram os irmãos de Jesus (os judeus) (ler Joel 3.2 e Mateus 25.41-43).⁴

Nesse mesmo sentido, o pastor Elinaldo Renovato concorda que as nações sobreviventes serão julgadas naquele dia por intermédio dos seus representantes oficiais (não comparecerão todos os indivíduos sobreviventes dos povos),⁵ mesma tese esposada pelo pastor Lawrence Olson.⁶

O amor de Deus por Israel será a “pedra de toque” desse julgamento, ou seja, as nações serão julgadas pela forma como trataram os descendentes de Jacó segundo a carne (Mt 10.6; Rm 9.5), os “irmãos” de Jesus, fazendo alusão à cena descrita em Mateus 25.31-46, em que os bodes são as nações que fizeram mal a Israel, e as ovelhas, as que fizeram bem.

Ao falar sobre o Julgamento das Nações, o Senhor segmentou os “réus” (nações) em ovelhas (à direita) e bodes (à esquerda). Em

Mateus 25.34, quando o Senhor diz “Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino”, não falava das mansões celestiais, mas do Reino do Céu que se iniciaria sobre a Terra: o Milênio.

Doutro lado, enquanto isso, Israel estará em um momento de exultação, pois terá sido completamente restaurado o corpo físico (aspecto político-administrativo) e espírito (aspecto religioso) — em cumprimento a Ezequiel 37. Estar do lado certo da história redundará, ou cedo ou no último instante, em resultados maravilhosos, apesar de nossos muitos pecados. A misericórdia do Senhor é a causa de Israel e de nós também não sermos consumidos.

3. A Implantação do Reino Milenial

A partir do momento em que Satanás for lançado no Abismo, começará o Milênio, uma época muito diferente da que vivemos hoje. Israel desempenhará um papel decisivo nesse Reino, pois será restaurado em todos os sentidos.

O Senhor, ao implantá-lo, estabelecerá a última dispensação, denominada de “dispensação da plenitude dos tempos” (Ef 1.10), oportunidade em que, em Cristo, serão congregadas “todas as coisas [...] tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.”

CONCLUSÃO

A volta gloriosa do Senhor encerrará a história do mundo atual, trazendo repercussão decisiva sobre o Mal: o Anticristo e o Falso Profeta serão lançados no lago de fogo, e Satanás será preso por mil anos. Em relação às nações, elas serão julgadas, e haverá o estabelecimento de uma teocracia no mundo, pois o Senhor será rei sobre toda a Terra.

¹ LIMA, Elinaldo Renovato. **O Final de Todas as Coisas**. (iBook) Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 74.

² HORTON, Stanley M. **Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, pp. 274,275.

³ ALMEIDA, Abraão de. **Manual da Profecia Bíblica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 201.

⁴ GILBERTO, Antonio. **O Calendário da Profecia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, pp. 91,92.

⁵ LIMA, Elinaldo Renovato. **O Final de Todas as Coisas**. (iBook) Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 75.

⁶ OLSON, N. Lawrence. **O Plano Divino através dos Séculos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p.196.

10

**O REINO DO MESSIAS:
O MILÊNIO**

Contemplar pela fé a vida no período da dispensação do Milênio consiste em vislumbrar um verdadeiramente admirável mundo novo, instalado a partir do início do Reino de Jesus Cristo na Terra. As Escrituras Sagradas trazem-nos inúmeras imagens icônicas a esse respeito, tais como: o leão comerá capim, a criança brincar com uma cobra, o lobo morará com o cordeiro, dentre outras, as quais conduzem os crentes a esse vislumbre utópico sob o prisma da racionalidade e também do empirismo, mas plenamente factível, quando, neste mundo, o Mal estiver contido, e a Terra encher-se do conhecimento de Deus, assim como as águas cobrem o mar.

Os amilenistas, como observamos no capítulo 1, creem que o Milênio será um tempo exclusivamente espiritual. Acreditam, igualmente, que a prisão de Satanás aconteceu no calvário, na época de Constantino, o Grande, ou em algum período posterior. Esses equívocos exegéticos ocorrem por eles entenderem figurativas todas as revelações apocalípticas. O Milênio, porém, deve ser entendido literalmente (como tantas outras revelações), haja vista, em Apocalipse 20.1-10, haver a “repetição do número mil por seis vezes.”¹ Assim, neste exemplo, vê-se que o próprio texto contém todas as chaves interpretativas. Já os pós-milenistas supõem que a volta de Cristo acontecerá após o Milênio e que a pregação do evangelho continuará sendo realizada pela Igreja nesse período, propiciando um tempo de paz e prosperidade. Não

há, entretanto, o mínimo lastro bíblico para amparar tal hipótese. Nós, pré-milenistas, acreditamos que a Igreja, composta pelos salvos de todos os tempos, será arrebatada antes da Grande Tribulação (pré-tribulacionismo) e, depois de ser galardoada no Tribunal de Cristo e de ter participado da ceia das Bodas do Cordeiro, retornará triunfalmente com Jesus à Terra para, depois do Armagedom e do Julgamento das Nações, ingressar no Milênio, que será físico, tangível. Na *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, há uma síntese perfeita desse período:

O Milênio é o Reino de Cristo com duração de mil anos que terá início por ocasião da vinda de Cristo em glória com os seus santos. Todos os que estiverem vivos na terra após esses acontecimentos serão submetidos ao governo de Jesus Cristo. Nesse período, Satanás estará aprisionado no abismo. Isso significa que a sua ação destruidora na terra será neutralizada e, assim, será iniciada uma nova ordem. [...] nesse reino, haverá perfeita paz, retidão e justiça entre os seres humanos e também harmonia no reino animal. A sede desse governo será Jerusalém [...] (Is 2.3). O Senhor Jesus assentar-se-á sobre o trono de Davi e, de Jerusalém, reinará sobre toda a humanidade. [...] será a conclusão do programa divino sobre o povo de Deus, Israel.²

A perspectiva do Reino Milenial traz-nos grande esperança, sentimento adverso de quando, por exemplo, observamos na atualidade o “drama da injustiça e da corrupção” predominando à plena luz do dia em todos os quadrantes do globo terrestre, desde

as relações internacionais entre países, nas esferas dos governos, nas interações de poder entre as classes sociais, nas empresas, nos relacionamentos interpessoais e até mesmo nas famílias. No Milênio, porém, haverá a implementação de um “sistema de justiça perfeito” (Is 9.7) que estará, sobretudo, nas mentes dos homens, tornando este mundo futuro, que Jesus inaugurará, em o “sonho dourado” da vida. Diante disso, crê-se que os escritórios de advocacia, as delegacias de polícia e as penitenciárias serão drasticamente reduzidas. O mundo (gr. *kosmos*), que significa mundo físico, mas também pode ser traduzido por raça humana, será julgado pelos santos no Milênio (1 Co 6.2),³ pois esse reino “julgará com justiça os pobres, e repreenderá com equidade os mansos da terra” (Is 11.4). Assim, existirá a justiça plena e, nessa esteira, não haverá conflitos bélicos; prova disso é que as armas de guerra serão transformadas em instrumentos agrícolas (Mq 4.3).

O *Drama da Saúde* do mundo atual, com pessoas morrendo por falta de insumos médicos, doenças proliferando assustadoramente, crises sanitárias, não mais existirá. Nesse mundo novo, as pessoas chegarão facilmente aos 100 anos de idade. A ONG Médicos Sem Fronteiras, por exemplo, não terá razão de existir, haja vista que o Sistema de Saúde será pouco procurado, porque todas as doenças serão removidas (Is 35.3-6; Ez 47.12). As funerárias serão dificilmente encontradas — uma, talvez, a cada 100 milhões de habitantes, pois a longevidade será restaurada como no tempo pré-

diluviano (Is 65.20). Isso não se trata de um dado teológico-estatístico, mas de um arroubo de fé, de alguém que crê, pelas Escrituras, que dias melhores virão.

O *Drama da Pobreza*, tão presente no mundo atual, em que, segundo a ONU, centenas de milhões de pessoas passam fome apesar do aumento da produtividade dos campos e rebanhos, será definitivamente resolvido. Os bens de consumo estarão disponíveis a todos. Não haverá pobreza. O Senhor providenciará abundância de víveres para as nações de todos os continentes (Is 30.23-26; Am 9.13). Será um tempo de consolo (Is 66.13).

Os *Dramas Religiosos*, que causam incertezas e desvios a tantos (por exemplo, qual o caminho certo: hinduísmo, budismo, islamismo, esoterismo, zoroastrismo, espiritismo, etc.?) estarão completamente solucionados, pois todos saberão que existe um só Deus (Is 45.22-23). Peregrinações ainda existirão, porém, não mais para Meca, Medina, na Arábia Saudita, para Bodhi Gaya, no nordeste da Índia, ou para outros centros religiosos. Todos se dirigirão anualmente à capital deste reino maravilhoso, Jerusalém, para receber novas instruções e adorar ao Senhor (Zc 14.16,17). A *Internet* não terá mais conteúdos proibitivos; as casas de prostituição, os pontos de venda de drogas ilícitas, cassinos e similares não existirão em toda a Terra, pois a santidade caracterizará os subordinados (Zc 14.20,21). Se uma pessoa tornar-se pecadora, trará espanto, com consequências nefastas (Is 65.20). O fato é que, nesse reino de

amor e justiça, governado por Jesus e pela Igreja, não serão exteriorizadas rebeliões pelas pessoas.

Decorridos mil anos, porém, a Justiça Divina providenciará a soltura daquele que tantos males trouxe à humanidade, Satanás, quando, pela última vez, se provará a fidelidade dos homens. Satanás ludibriará muitas pessoas — talvez bilhões, quiçá a maioria dos habitantes dessa nova Terra — com as suas artimanhas costumeiras e marchará contra a cidade santa, Jerusalém, capital do Reino Milenial, no afã de destruí-la. A humanidade cairá pela segunda vez sob a influência do raciocínio do Maligno.

I – MILÊNIO, O REINADO DE CRISTO

1. Mil Anos de Paz

O Milênio será um período de paz perfeita, não no estilo *pax romana* (a paz pelo poder das armas), ou no padrão da nova era propalada por adeptos do ocultismo, ou a paz mundial com esteio em cosmologias milenaristas de alguns grupos ufologistas, ou mesmo na crença em um período de paz promovido pela presença de um “homem especial”, cujo título varia segundo cada religião — Maitreya (budismo), Avatar (hinduísmo), Mádi (islamismo). Absolutamente! Será o Reino de Deus na Terra! Esses mil anos são referidos em Apocalipse 20.1-7 seis vezes. Assim, serão, efetivamente, mil anos de uma Nova Era, uma Nova Ordem Mundial de paz, um tempo em que o Príncipe da Paz terá domínio sobre

todos os povos. O pastor Antonio Gilberto, *in memoriam*, aduz que “o Milênio é o esplendoroso reinado de Cristo na Terra por mil anos. É o período de preparação da Terra para o estado perfeito e eterno que ao Milênio se seguirá.”⁴

Esse reinado será esplendoroso pela presença constante da glória do Senhor (Is 35.2), mas também porque “os que foram resgatados pelo Senhor voltarão; entrarão cantando em Sião, coroados com alegria sem fim. A tristeza e o lamento desaparecerão, e eles ficarão cheios de alegria e felicidade” (Is 35.10, NVT). Que coisa maravilhosa! Que festa! Que instante indizível! Ademais, como bem referido pelo pastor Gilberto, nesse período de mil anos, o Universo estará se preparando para sua transformação definitiva em novos céus e nova Terra. Por enquanto, haverá em Jerusalém um templo edificado por Cristo para o serviço ao Senhor, bem como haverá mar e, ainda que raro, pecado, enfermidade e morte, pois o livre-arbítrio nunca será tolhido ao ser humano. A regra “a alma que pecar, essa morrerá” continuará em vigor. Cumprir-se-á, aqui, a profecia: “As boas-novas a respeito do reino serão anunciadas em todo o mundo, para que todas as nações as ouçam; então, virá o fim” (Mt 24, NVT). Essa expressão “então, virá o fim” foi cunhada por Paulo em 1 Coríntios 15.24, fazendo alusão, similarmente à palavra de Jesus, ao fim do Milênio.⁵ Assim, o evangelho do Reino será pregado sem obstáculos, já que o Diabo estará preso nesse tempo, e os homens, como sempre, terão a capacidade de escolha.

O conhecimento de Deus, pelo poder do Espírito Santo, será espalhado (Is 11.2; Jr 31.33,34).

2. Satanás Estará Aprisionado

A Bíblia registra três estágios do julgamento de Satanás. No primeiro, um anjo, que traz a chave do abismo e uma grande cadeia, desce do céu e apresenta-se para prendê-lo. Após isso, o anjo lança-o no abismo, prende-o lá e põe o selo sobre ele até que se completem mil anos (Ap 20.1-3). O último estágio acontecerá após o Milênio, quando ele, o Diabo, for lançado dentro do lago de fogo.

O Milênio, portanto, terá o seu desenvolvimento enquanto Satanás estiver cumprindo as suas duas primeiras penas impostas por Deus. O fato da prisão de Satanás será sentido nitidamente, pois não haverá sugestão de fazer o mal, tentação, pelo menos até que se cumpra o tempo determinado. Com isso, a perversidade humana será transformada, e o amor ao próximo será a tônica desse Reino. Está escrito: “Não haverá mais nela criança de poucos dias, nem velho que não cumpra os seus dias; porque o jovem morrerá de cem anos, mas o pecador de cem anos será amaldiçoado” (Is 65.20). Assim, a regra é que não haverá pecado nem doença no Milênio. Entretanto, como se diz que o “pecador de cem anos será amaldiçoado”, possivelmente pecado e doença acontecerão excepcionalmente em face do “amaldiçoamento” do indivíduo que transgredir a Lei do Senhor, que emana de Jerusalém.

3. Quem Participará do Milênio

O Milênio contará com a presença dos crentes glorificados, ou seja, os que viveram no tempo da Antiga Aliança e os crentes da Nova Aliança, bem como os que vieram oriundos da Grande Tribulação; entretanto, os que estiverem com corpos glorificados não estarão limitados somente à vida na Terra, pois seremos como os anjos, com corpos adaptados para vivermos no Céu e na Terra.⁶ Todos esses que participaram da primeira ressurreição (Ap 20.6) estarão com Cristo reinando durante esses mil anos.

Na Terra, durante o Milênio, viverão, ainda, os povos naturais, ou seja, os que estão em estado físico normal, dentre os quais o remanescente judeu que veio da Grande Tribulação, os gentios absolvidos no Julgamento das Nações e as pessoas nascidas durante o Milênio.

II – OBJETIVOS DO MILÊNIO

1. Jesus Assentar-se-á no Trono de Davi

A sétima dispensação, a da plenitude dos tempos (Ef 1.10), transcorrerá na Terra, literalmente, como as demais. O Senhor governará sobre todas as nações da Terra, sendo que qualquer posição que se levantar contra essa teocracia será imediatamente neutralizada pelo Rei dos Reis e Senhor dos senhores (1 Co 15.24-26). Durante esse longo reinado de paz, a Terra estará sendo

preparada para o estabelecimento do seu Reino eterno no novo Céu e nova Terra.

Nesse período, as superpotências mundiais não terão mais uma influência política ou econômica sobre o mundo, mas Cristo será tudo em todos. O mundo será governado a partir de Jerusalém, a sua capital. É bem verdade que a

igreja integrará a administração de Cristo (1 Co 6.2; Ap 2.26,27), todavia o Milênio será um reino predominantemente judaico. Jesus reinará sobre Israel através de seus apóstolos, conforme promessa feita em Mateus 19.28, e reinará sobre os gentios certamente através da igreja.⁷

Na *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, há a seguinte afirmação:

Os crentes vindos da era da Igreja juntamente com os santos do Antigo Testamento receberão autoridade para governar a terra e, dentre eles, os 12 apóstolos governarão sobre as 12 tribos de Israel. As expressões “juízo, julgar” trazem, com frequência, a ideia de “governo, governar” no Antigo Testamento.⁸

2. A Conclusão do Plano Divino para Israel

Os descendentes de Abraão segundo a carne serão grandemente honrados durante o Milênio. Todas as promessas de prosperidade, saúde e paz estarão concentradas nesse período da história sobre a nação hebraica, oportunidade em que tomarão posse de toda a terra

que foi prometida por Deus aos patriarcas — a grande extensão territorial que vai desde o Mediterrâneo até o Eufrates (Gn 15.18; 17.8; Êx 23.31).

Paulo disse que, embora estejam atualmente com o coração endurecido, os hebreus seriam salvos no fim (Rm 9.27), haja vista que “Deus não rejeitou o seu povo [...]” (Rm 11.2), confirmando o que foi dito pelo profeta: “[...] a ti, porém, não darei fim, mas castigar-te-ei com medida e, de todo, não te terei por inocente” (Jr 30.11). Essas palavras foram fielmente cumpridas sobre Israel!

3. Jerusalém, a Capital do Mundo

Jerusalém será a capital do reinado milenar de Jesus (Is 24.23), que a reconheceu como a cidade do Grande Rei (Mt 5.35), *status* outrora conferido nos Salmos (Sl 48.2). O pastor Antonio Gilberto afirma:

Jerusalém será a sede do governo mundial. De Jerusalém sairão tanto as diretrizes religiosas como as leis civis para o mundo; não será da ONU, de qualquer cidade famosa como Londres, Paris, Genebra, Washington, etc. [...] Tanto a “lei” como “a palavra do Senhor” sairão de Jerusalém (Is 2.2; Mq 4.2).

A Jerusalém de que estamos falando não tem nada com a Jerusalém celestial de Apocalipse 21; 22. A Jerusalém sede do governo milenar está numa terra que contém mar (Ez 47.15), ao passo que na época da Jerusalém celeste o mar já não existirá (Ap 21.1).⁹

Assim, ainda que o Reino do Messias seja universal, o seu governo terá um centro administrativo, Jerusalém, uma cidade que foi atacada ferozmente no passado por vários povos e reduzida à escravidão durante muito tempo, mas que, agora, resplandecerá como uma joia preciosa diante das nações do mundo. Aqui, mais uma vez, se cumprirá a regra que declara que Deus escolhe do mundo as coisas que não são, as desprezíveis, para confundir as que são, aquelas consideradas formidáveis.

III – UM TEMPO DE JUSTIÇA E PAZ

1. A Natureza Será Restaurada

As grandes catástrofes ambientais, enfrentadas pelo mundo notadamente durante a Grande Tribulação, nunca mais acontecerão, como está escrito: “Ninguém fará nenhum mal, nem haverá destruição alguma no meu reino santo” (Is 11.9, NBV-P). A Terra não será mais quebrantada, nem se romperá, nem se moverá, nem vacilará como um ébrio (Is 24.19,20). Passado o tempo do juízo, “[...] quando o SENHOR dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém; e, então, perante os seus anciãos haverá glória” (Is 24.23), uma glória como nunca presenciada no mundo.

Na atualidade, diante da grande necessidade mundial por alimentos, para aumentar a produtividade (e o lucro) alguns utilizam inseticidas e agrotóxicos potentes desarrazoadamente, bem como produzem alimentos transgênicos, que podem ensejar danos aos

consumidores. No Milênio, entretanto, o agronegócio viverá os seus dias de glória, com a ausência de ervas daninhas e pragas, que eram consequências do pecado no Éden, fazendo com que haja produção exuberante. Diante disso tudo, entidades como o Greenpeace e WWF certamente não existirão, não só pelo sentimento de preservação do meio ambiente que reinará naquele “admirável mundo novo”, mas, sobretudo, porque as condições climáticas e todos os outros componentes de nosso ecossistema estarão em uma harmonia impressionante, a tal ponto que, inclusive, o instinto de ferocidade dos animais, desde o réptil mais sagaz até o carnívoro mais violento, acabará. Como dito anteriormente: o leão comerá capim juntamente com a ovelha, e a criança pequena poderá brincar com uma cobra. Não haverá mais nenhuma maldição sobre a Terra (Is 11.6-9; Rm 8.17-23).

2. O Conhecimento de Deus Será Amplo

O conhecimento de Deus será amplíssimo durante o Milênio. Os homens subirão a Jerusalém em busca da palavra do Senhor ano após ano e receberão do Céu (Mq 4.1,2) aquilo que eles precisam para viver bem, “porque a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Hc 2.14). Esse conhecimento trará benefícios sociais, morais e espirituais.

É mister transcrever, mais uma vez, o ensinamento do mestre Antonio Gilberto (*in memoriam*):

Os judeus, por sua vez, continuarão levando a efeito um grande movimento missionário (Is 66.19). Conforme 52.7, à evangelização estará em primeiro plano. Aí se trata da pregação das boas novas. Multidões serão salvas. A população da terra crescerá rapidamente sobre as benignas condições do Milênio.¹⁰

Dessarte, os cristãos com corpos glorificados e os judeus (ora, ainda, mortais) que sobreviveram ao Armagedom terão intensa comunhão com o Senhor. A realidade do mundo espiritual será indiscutível, mas, ainda assim, os homens precisarão aceitar o evangelho para serem salvos, e essa será uma das missões dos judeus.

Ocorre, porém, que grande contingente de pessoas com corpos corruptíveis, que estarão no Milênio, em que pese a glória de Deus manifestada, “não crerão em Cristo para a salvação, mas expressarão apenas um discurso de lábios. Como resultado, quando Satanás for solto no final dos mil anos, estes o seguirão e atacam ao Senhor.”¹¹ A culpa desses homens, por contemplarem o Cristo ressurreto e a sua Esposa e, mesmo assim, cederem à Satanás, será enorme, o que redundará não em uma guerra, mas em um massacre divino contra os rebeldes. Chega-se aqui, em uma perspectiva material, ao ponto final da história da humanidade.

3. O Milênio não É o Fim de todas as Coisas

A descrição da chegada do Reino Milenial de Cristo encontra-se no capítulo 20, e não no 22 do livro de Apocalipse, haja vista que “o Milênio não é ainda o fim e nem a consumação de todas as coisas”,¹² sendo a etapa de transição para o estado eterno. Nesse tempo, conforme as Escrituras, homens mortais vindos da Grande Tribulação e os que nasceram no Milênio, bem como os imortais, que são os crentes glorificados (e, provavelmente, os anjos), conviverão cotidianamente. Os episódios que aconteceram com Jesus e os discípulos após a sua ressurreição demonstram, à saciedade, ser isso perfeitamente possível e até natural ante esse novo estado de coisas.

Com a destruição do último remanescente de homens sobre a Terra após a revolta final, Deus pedirá contas a todos os seres humanos nascidos desde Adão e que não tiveram um encontro com Cristo. Será instalado o grande Trono Branco, o Juízo Final, momento em que os condenados — aqueles que não possuem os seus nomes escritos no Livro da Vida — saberão a dosimetria das suas penas. Esse *grand finale*, entretanto, será contado no próximo capítulo.

CONCLUSÃO

O Reino Milenial trará ao mundo um período de paz, prosperidade, estabilidade, harmonia e felicidade entre os seres humanos nunca antes experimentados. A Palavra de Deus não será apenas um

conselho, uma opção, mas também a lei em toda a Terra, e os verdadeiros súditos desse Reino terão prazer em obedecê-la. O Reino de Cristo “[...] não será jamais destruído [...] e será estabelecido para sempre” (Dn 2.44). *Soli Deo Gloria*.

¹ HORTON, Stanley M. **Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 281.

² SOARES, Esequias (Organizador). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 189.

³ GILBERTO, Antonio. **O Calendário da Profecia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 99.

⁴ GILBERTO, Antonio. **Daniel e Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 221.

⁵ GILBERTO, Antonio. **O Calendário da Profecia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, pp. 97,98.

⁶ Idem, p. 103.

⁷ Idem, p. 101.

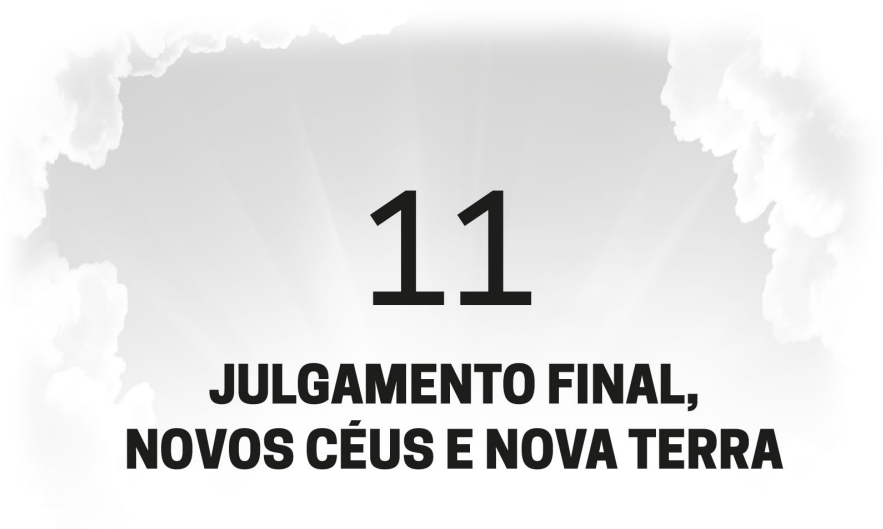
⁸ SOARES, Esequias. Ob. cit., p. 190.

⁹ GILBERTO, Antonio. **O Calendário da Profecia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 104.

¹⁰ GILBERTO, Antonio. **O Calendário da Profecia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 106.

¹¹ PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário Wycliffe**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p.1273.

¹² SOARES, Esequias (Organizador). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 189.



11

**JULGAMENTO FINAL,
NOVOS CÉUS E NOVA TERRA**

O escritor do livro de Eclesiastes, depois de analisar inúmeros conflitos epistemológicos da existência (debaixo do sol) no capítulo 11, concluiu com duas abordagens para os jovens. A primeira delas é de baixo — humanista (arrimada no livre-arbítrio humano) —, e a segunda, de natureza espiritual, sob o prisma da escatologia bíblica em face do que acontecerá no último Dia. A análise, portanto, alcança o parâmetro da Terra e o do Céu. Está escrito: “[...] anda pelos caminhos do teu coração e pela vista dos teus olhos; sabe, porém, que por todas essas coisas te trará Deus a juízo” (Ec 11.9).

Assim, sob o prisma da humanidade, há um mundo de oportunidades pela frente, muitos caminhos a escolher, por causa da capacidade de livremente decidir dada por Deus ao homem. Impressiona, aqui, a humildade do Todo-Poderoso em aceitar ouvir um “não” das suas criaturas em relação aos conselhos que Ele dá, sem nenhum rancor, permitindo (não que Ele queira) que as pessoas andem “pelos caminhos do seu coração e pela vista dos seus olhos”. O amor de Deus permanece, apesar da rebelião, e Ele não retira a sua graça de sobre as gerações dos homens. As suas misericórdias são renovadas a cada novo amanhecer em um ciclo que durará até o fim da vida de cada ser humano. Entendimento de mesmo jaez foi expressado por Deus no Pentateuco quando Ele disse que tinha posto a vida e a morte diante do povo, apesar de Ele esperar que os hebreus optassem pela vida.

Vê-se, assim, que não há qualquer imposição da parte do Senhor quanto a qual estrada seguir; entretanto, para fazer a escolha certa (andar com Deus), como disse Jesus, existe uma condição, que é “negar-se a si mesmo” (Mc 8.34). Assim, o Altíssimo busca pessoas que optaram em não andar “pelos caminhos do seu coração e pela vista dos seus olhos”:

Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho. Mas, como os chamavam, assim se iam da sua face; sacrificavam a baalins e queimavam incenso às imagens de escultura. Todavia, eu ensinei a andar a Efraim; tomei-os pelos seus braços, mas não conheceram que eu os curava. Atraí-os com cordas humanas, com cordas de amor [...] (Os 11.1-4).

Com essa linguagem antropomórfica, Deus fala como procurava conquistar o amor voluntário de Israel, porém, nada deu certo; trata-se de um desejo capturado sublimemente na expressão “atraí-os com cordas humanas, com cordas de amor”, muito parecida em grandeza e dignidade com a famosa frase que ratifica o *status* superlativo, abundante, do amor do Eterno pela humanidade ao afirmar que é “de tal maneira” (Jo 3.16); ou seja, por inexistirem vocábulos adequados para dimensioná-lo, sai-se pela tangente conceitual, definindo-o apenas como um “ponto fora da curva” das virtudes, haja vista o seu grau de distinção, excepcionalidade, magnanimidade.

Observe, porém, que, após analisar o livre-arbítrio sobre os jovens, Eclesiastes analisa sob o prisma da velhice, quando chega a um conselho diferente: “De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque este é o dever de todo homem. Porque Deus há de trazer a juízo toda obra e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau” (Ec 12.13,14). O “pregador” nesses versículos utiliza a mesma construção racional de Eclesiastes 11.9; contudo, diante da efemeridade da existência, não sugere à pessoa agir de acordo com os seus instintos e ideias, mas aduz que é uma obrigação humana andar com Deus, pois haverá um juízo final.

O relacionamento entre os homens e Deus (nesta ordem) é um caso típico de amor não correspondido que, no fim, trará consequências nefastas para os ingratos e desobedientes quando chegar o dia da prestação de contas. Ou seja, por um lado, Deus deixa os seres humanos à vontade; todavia, por outro, lembra-os da obrigação de escolher corretamente. Sim, o livre-arbítrio é algo fantástico, revolucionário, mas como, em regra, toda ação gera uma reação correspondente (exemplo: o salário do pecado é a morte), Deus fará ajuste de contas por todos os atos, palavras e pensamentos realizados pelos homens no dia do Juízo Final.

Acerca do julgamento do último Dia, está escrito: “Assentando-se o rei no trono do juízo, com os seus olhos dissipa todo mal. Quem poderá dizer: Purifiquei o meu coração, limpo estou de meu

pecado!” (Pv 20.8,9). O texto, originalmente, pode ter sido escrito para retratar um julgamento feito pela realeza, mas, sem dúvida, indica profeticamente o dia do Juízo Final, corroborando que “aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo” (Hb 9.27).

Voltemos, agora, à cronologia deste livro mormonte ao tempo do Milênio, em que os últimos exemplares de humanos viverão debaixo do sol. Sim, eles poderão andar “pelos caminhos do seu coração e pela vista dos seus olhos”. Sem a presença do mal, nos primeiros mil anos, a esmagadora maioria escolherá corretamente; quando, entretanto, Satanás for solto da sua prisão, voltará à prática da tentação (ele é incorrigível), levando, como sempre, muitas pessoas a escolher o que é errado. O Diabo sabe que, no âmago de cada ser humano, há uma fagulha de rebelião que é contagiante como um vírus e que precisa apenas ser “despertada”. E, como a ocasião em que Satanás mais gosta de tentar é quando o indivíduo está aos pés do altar, em posição de intimidade com o Sagrado,¹ as pessoas do Milênio serão as suas presas ideais. Depois de convencidas pelo mal, marcharão para destruir o reinado de Jesus, cuja capital estará em Jerusalém; porém, no momento da última batalha, o Senhor fará descer fogo do céu e destruirá os exércitos inimigos, e Satanás, derrotado, será lançado no lago de fogo.

Após isso, acontecerá a segunda ressurreição — a dos ímpios — para participarem da maior reunião de todos os tempos diante do

Altíssimo, que se assentará no grande Trono Branco e fará o julgamento denominado de Juízo Final, conforme está escrito:

E vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele [...]. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros. E abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. [...] E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo (Ap 20.11,12,15).

João viu que, nesse julgamento, estarão presentes os mortos (diz respeito à vida espiritual sem Deus), grandes e pequenos, o que “tem a ver com importância, posição, prestígio, e não com tamanho, idade, à luz do original.”² Observa-se, ademais, que, nesse julgamento dos ímpios, “haverá vários graus de punição”³ que serão estabelecidos consoante à culpabilidade de cada um. Jesus falou sobre isso: “Em verdade vos digo que, no Dia do Juízo, haverá menos rigor para o país de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade” (Mt 10.15).

É interessante perceber que o livro da vida será aberto para averiguação, demonstrando claramente que a ausência do nome da pessoa será fruto da sua própria escolha quando em vida, e não por predestinação divina. Esse movimento de “abrir o livro” seria hipocrisia, um “jogo de cena”, caso a condenação não decorresse da escolha humana, mas fosse imposta por desejo divino. Se assim fosse, o fato de abrir o livro representaria sarcasmo, pois seria como

se o carrasco dissesse antes da execução: “Deixe-me ver o que eu escolhi para você! Ah, sim, vou lhe matar.” Tal conduta equiparar-se-ia (se fosse verdade) ao que se chama, em linguagem coloquial, vulgar, um “jogo de cartas marcadas”, o que é totalmente incompatível com o caráter de Deus exposto nas Escrituras.

Vale a pena lembrar que, em alguns momentos, o Senhor fala na Bíblia em riscar o nome da pessoa do Livro da Vida, mas isso dependendo da conduta humana, fortalecendo o argumento a favor do pensamento teológico arminiano da inexistência de predestinação.

Tal verdade robustece-se, ademais, quando se percebe que não há um livro da morte, no qual os nomes dos infelizes estariam inscritos. Ou seja, na verdade, o Deus que amou o mundo “de tal maneira” deseja que todos se salvem e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.

Após a determinação das penas de cada indivíduo pelo Senhor, seguir-se-ão cenas horripilantes de sofrimento, quando bilhões de pessoas desesperadas serão lançadas no lago de fogo e enxofre, onde haverá choro e ranger de dentes e onde essas pessoas serão atormentadas pelos séculos dos séculos.

Diante de tudo isso, o fim do mundo terá chegado, pois terra e céu fugiram “[...] e não se achou lugar para eles” (Ap 20.11), fechando-se as cortinas do espetáculo da história da humanidade, oportunidade em que Deus estabelecerá novos Céus e nova Terra,

onde os redimidos servirão ao Senhor, sem mais nenhuma intercorrência, para todo o sempre.

I – O JULGAMENTO FINAL

1. O Presidente do Tribunal

Mil anos após o Julgamento das Nações haverá o Juízo Final, que acontecerá sob uma intensa glória, pureza e santidade, o que pode ser dimensionado pela qualificação do trono de julgamento, que é branco, caracterizando que “o juiz julgará baseado em sua justiça, pureza e santidade.”⁴ Branco (gr. *leukos*, que pode ser traduzido livremente como brilhante de tanta brancura) é a mesma expressão que foi utilizada para descrever o cavalo sobre o qual Cristo virá montado, bem como as roupas dos exércitos celestiais que o acompanharão (Ap 19.11,14).

O Senhor assentar-se-á sobre o grande Trono brilhante como presidente do ato, e os livros do julgamento final serão abertos sob a sua autoridade, assim como aconteceu em Apocalipse 5.5. Diante da augusta presença de Jesus, que possui todas as credenciais para julgar (Jo 5.22,27; At 17.31), os ímpios receberão o pagamento pelas suas obras.

2. Os Livros do Julgamento

Com a abertura dos “livros dos atos dos homens”⁵ (Sl 56.8; 69.28; 139.16), os ímpios que morreram desde a era pré-diluviana até os

que sucumbiram na última batalha no fim do Milênio, uma vez ressuscitados, serão julgados. O profeta Daniel (Dn 7.9,10), como João (Ap 20.11,12), viu livros sendo abertos no Juízo Final. É importante registrar, por oportuno, que há diálogo entre Moisés e o Senhor no qual se faz alusão a um livro celestial em que o nome de Moisés estaria inserido (Êx 32.32,33). Seria esse o Livro da Vida que a Bíblia frequentemente menciona (Fl 4.3; Ap 3.5; 13.8; 17.8; 20.12,15; 21.27; 22.19)?

Alguém poderia afirmar: “Deus não precisa de livros para saber das coisas!”. É verdade, mas os homens precisam! E lembre-se disto: estamos falando de um julgamento. Inclusive, Jesus relatou que “Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, [...] E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mt 7.22,23). Nessa oportunidade, abrir o livro da vida será a prova cabal para os que reclamarem da condenação no Juízo Final. “A presença do Livro da Vida explica-se como necessária na condenação daqueles que alegaram os méritos de suas boas obras, quando deveriam ter aceitado Jesus Cristo como seu Salvador.”⁶ O juízo divino não respeitará “aparência de piedade”. Deus não faz acepção de pessoas.

3. O Destino dos Condenados

Findo o Milênio, todas as pessoas que morreram sem Cristo serão trazidas à vida, independentemente da forma como morreram, com

o corpo e a parte imaterial do ser. Está escrito: “E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte” (Ap 20.13,14). No original, a palavra nesse texto utilizada para inferno é *hades*, considerado um lugar escuro e sombrio de sofrimento, onde estão os espíritos dos seres humanos sem salvação. O saudoso pastor Antonio Gilberto, acerca disso, ensinava:

A morte deu os corpos que levava, e o Hades, os espíritos. Isso significa que a parte material e a espiritual do homem reunir-se-ão para o juízo. A morte e o Hades passaram a existir e a funcionar devido a obra de Satanás. Agora, terminado o seu papel macabro, farão parte do Inferno definitivo: o Lago de Fogo e Enxofre (v.14). Jesus pode fazer assim com eles porque tem as chaves de ambos (1.18).⁷

Assim, o corpo físico dos ímpios e o seu componente espiritual serão reunidos para o julgamento perante o Justo Juiz de toda a Terra, daí porque será possível identificar que havia distinção entre grandes (posições sociais mais elevadas) e pequenos (pobres e indigentes). Em que pese as diferenças sociais identificadas, “aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo” (Ap 20.15).

Esse lugar de tormento não foi destinado aos homens, porém foi “[...] preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41). Portanto, os seres humanos não irão para lá por predestinação divina. Afinal, Deus queria que todos se convertessem (At 17.30), mas por uma escolha pessoal de cada um, com base no livre-arbítrio (Dt 30.19). Onde cada um de nós passará a eternidade? Essa, sem dúvida, é a pergunta mais importante da vida! Os que estão servindo a Cristo Jesus, apesar das suas fraquezas, têm um tesouro no Céu. Mas quanto aos que rejeitam ao Senhor, permanecem em estado de condenação eterna, decorrente de não escolher a alternativa que pode salvá-los. Jesus explicou: “[...] quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (Jo 3.18).

A condenação terá efeitos por toda a eternidade e, embora isso pareça um ato muito drástico, não há outra interpretação possível para as referências bíblicas. A glória, a majestade e o poder que emanam do grande Trono Branco serão tão abundantes que “o universo físico não pode sustentar-se diante do fogo do julgamento. A Terra atual [...] foge da presença daquele que se encontra no trono. A declaração: ‘não se achou lugar para eles’, indica que os componentes do universo material deixarão de existir.”⁸ Quando isso acontecer, uma grande mudança será observada, a qual foi testemunhada por João, quando afirmou: “E vi um novo céu e uma nova terra” (Ap 21.1).

II – NOVOS CÉUS E NOVA TERRA

1. O Fim do Mundo

O tema “fim do mundo” é mencionado em várias passagens bíblicas (Sl 102.25,26; Is 34.4; 51.6; Mt 13.39; 24.3,14; Mc 13.7,31; 1 Co 15.24; 1 Pe 4.7; 2 Pe 3.7,11,12; Ap 20.11), porém, ainda assim, não se sabe detalhadamente como acontecerá. Na *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, explica-se:

Quando for instalado o juízo do Grande Trono Branco, o céu e a terra deixarão de existir [...]. A terra contaminada pelo pecado não resistirá ao esplendor da presença de Deus; o universo físico não se sustenterá diante da pureza, santidade e glória daquele que está assentado sobre o trono.⁹

Esse momento em que “o universo físico não se sustenterá” parece coincidir com a profecia de Pedro: “Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão” (2 Pe 3.10). Paulo, igualmente, teve uma revelação: “Depois, virá o fim, quando tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo império e toda potestade e força” (1 Co 15.24).

É importante asseverar, entretanto, que o “novo Céu” que será criado não é o lugar perfeito da habitação de Deus, mas o espaço sideral;¹⁰ as grandes extensões intergalácticas serão alcançadas

por essa nova ordem universal, um vastíssimo ambiente desconhecido atualmente, mas que, certamente, terá utilidade nessa nova dimensão da vida.

2. Nova Jerusalém

Juntamente com a visão maravilhosa de um novo Céu e uma nova Terra, aparece também uma cidade absolutamente formidável descendo do Céu, a Nova Jerusalém, cidade que Abraão anelou, cujo arquiteto e edificador é Deus (Hb 11.10,13,16) e que será o destino final dos salvos.

A cidade possui dimensões espetaculares, construída com materiais nobilíssimos, mas há algo mais especial nela do que todas essas maravilhas, conforme profetizou Ezequiel: “[...] o nome da cidade desde aquele dia será: O SENHOR Está Ali” (Ez 48.35). A presença do Senhor será o destaque mais glorioso, a fonte de toda a alegria dos salvos.

III – A ALMA É IMORTAL, E A VIDA NÃO CESSA

1. Sofrendo para Sempre

Para os que estiverem no lago de fogo e enxofre, a morte nunca cessará — será contínua, sempiterna, duradoura, pois ali “o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga” (Mc 9.44,46,48)! A solidão, a dor, a frustração e a angústia permanecerão nos corpos e corações dos rebeldes e ingratos em um tormento interminável.

Querer adequar a Bíblia ao senso crítico humanista (como fazem os aniquilacionistas) não é uma atitude razoável, prudente e cristã, pois de nada adianta acreditar que o corpo dos infiéis será carbonizado pelo fogo do juízo, transformando-se em cinzas, quando as Escrituras vaticinam que o sofrimento dos ímpios jamais cessará! Ora, Apocalipse 20.10 diz que “o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre.” Assim, se Satanás foi lançado no lago ardente mil anos após o Anticristo e o Falso Profeta, que ainda estão em tormento por lá, eles certamente nunca serão transformados em cinza! O aniquilacionismo, assim, não possui respaldo bíblico.

Quanto ao universalismo, a ideia de que todos os que estiverem no lago de fogo serão salvos um dia é veementemente refutada em Mateus 25.41, quando Jesus fala no “fogo eterno” e, mais adiante, arremata: “E irão estes para o tormento eterno, mas os justos, para a vida eterna” (Mt 25.46), bem como em Apocalipse 20.10, quando se menciona que a trindade satânica e todos os ímpios serão atormentados para todo o sempre.

2. Uma Relação mais Profunda

Em Apocalipse 22.4, afirma-se que os redimidos “verão o seu rosto, e na sua testa estará o seu nome.” Essas promessas revestem-se de grande expectativa, pois, segundo João, quando estivermos

frente a frente com Cristo, certamente o adorando de maneira plena, então seremos impregnados de sua glória de tal maneira que nos tornaremos semelhantes (não iguais) a Ele (1 Jo 3.2). Como isso acontecerá, não se sabe, mas, certamente, quando lá chegarmos, tudo o que está escondido será revelado.

Acerca da segunda parte do versículo, que diz que o nome do Senhor estará na testa dos salvos, Stanley Horton afirma que essa “expressão mostra que os crentes pertencerão a Ele para sempre. Mostra também que seremos como Ele, com a plenitude da imagem de Deus restaurada em nós. Esta imagem é expressa em justiça e santidade (Ef 4.14; Hb 1.3).”¹¹ A adoração nunca cessará para os que lavaram as suas vestes no sangue do Cordeiro, pois teremos direito à árvore da vida e poderemos entrar na cidade santa pelas portas (Ap 22.14). Estaremos com o Senhor, em uma relação mais profunda e santa, pelos séculos dos séculos.

Em contraste, a Escritura arremata, mostrando as escolhas possíveis e os destinos diferentes: “Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira” (Ap 22.15).

CONCLUSÃO

O Juízo Final encerrará a trajetória da humanidade sobre a Terra; entretanto, justos e injustos continuarão existindo. Os bons gozarão, em um novo mundo, as delícias na presença de Deus, e os maus

serão atormentados eternamente. A definição do destino final de cada pessoa está condicionada à escolha individual. Livre-arbítrio humano e soberania de Deus são absolutos não colidentes, porém, complementares.

¹ LEWIS, C. S. **Cartas de um Diabo a seu Aprendiz** (iBook). 1.ed., Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 114.

² GILBERTO, Antonio. **Daniel e Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 223.

³ ALMEIDA, Abraão de. **Manual da Profecia Bíblica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 119.

⁴ ALMEIDA, Abraão de. **Manual da Profecia Bíblica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 220.

⁵ GILBERTO, Antonio. **Daniel e Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, pp. 223,224.

⁶ ALMEIDA, Abraão de. **Manual da Profecia Bíblica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 119.

⁷ GILBERTO, Antonio. **Daniel e Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 224.

⁸ HORTON, Stanley M. **Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 291.

⁹ SOARES, Esequias (Organizador). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, pp. 199,200.

¹⁰ GILBERTO, Antonio. **Daniel e Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 228.

¹¹ HORTON, Stanley M. **Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 315.



12

**DESTINO FINAL DOS
MORTOS**

A morte não deve ser encarada como o fim de uma estrada, mas como o encerramento de um ciclo, que terá continuidade no projeto chamado “Vida”, mas nunca “minha vida”, na medida em que a palavra “meu” ou “minha”, no sentido meramente possessivo, não deveria ser pronunciada por um ser humano sobre coisa alguma, principalmente sobre a existência, haja vista que, logo mais, após o fim dos seus dias, os humanos saberão a quem a sua alma e os seus corpos realmente pertencem — e, com certeza, não pertencem a eles, independentemente do que aconteça quanto ao destino eterno.

Assim, a vida na Terra pode ser representada como sendo o carvão bruto no fundo de uma gruta, que, um dia, no Céu, será transformado na realidade do puro diamante; ou como uma asquerosa lagarta na Terra, que, no futuro, no Céu, se tornará uma linda borboleta. Na terra, temos sombras, figuras mal desenhadas, indícios, apenas notas musicais iniciais de uma linda sinfonia que se perfectibilizará no Céu, onde há a realidade imutável, densa, final. Assim, a vida tem sentido, porque a eternidade começa aqui.

Dessa forma, a vida na Terra não é um apêndice do nada, mas uma fase importante — a primeira — das emoções que se viverão para todo o sempre. Por tal razão, em Apocalipse, Deus mostra algumas figuras celestiais parecidas com as coisas da Terra, só que num grau de excelência e realidade bem maiores.

Claro que o mundo espiritual não necessariamente se parece com o mundo perceptível aos olhos, mas Deus fez assim para lembrar que o Céu não vive independentemente da Terra. Eles estão em conexão e tendem a aproximar-se cada vez mais, até um dia formarem-se em um único bloco, uma mesma grei.

Então, sabendo que o mundo vindouro traduz a realidade, Jesus ressignificou a vida com as suas parábolas, falando de verdades eternas retratadas pelo cotidiano, da mesma forma como funciona entre Terra e Céu — tudo é figura do futuro, mas também espelho.

As parábolas eram essencialmente elementos de conexão entre o finito, limitado, temporal e imperfeito com o Infinito, Todo-Poderoso, Eterno, Integral. Jesus estava demonstrando que os fatos corriqueiros do dia a dia são expressões da Realidade Suprema, Espiritual, e não uma amostra grátis, uma pequena medida. Não são a mesma essência, mas possuem o mesmo movimento. As parábolas são, portanto, o primeiro degrau do conhecimento espiritual.

A humanidade que não tem conhecimento de Deus não consegue entender as coisas da eternidade e, por isso, vive em procura de sentido, significado. Buscam chegar ao “topo” da escala social, mas, logo após, já se preparam para a “descida”, pois os dias correm velozmente, vivenciando a dura realidade de que “tudo é vaidade”. Assim, para tentar resolver esse dilema, as religiões procuram traçar um mapa dos caminhos do Homem além-túmulo. O imaginário

humano é fértil. Deus, porém, na sua Palavra, revela alguns pontos relevantes da trajetória dos seres humanos no além, deixando, todavia, questões sem respostas; afinal, Ele não nos esclarece para satisfazer nossa curiosidade, mas no afã de prepararmo-nos para o desconhecido. Estudar sobre o destino final dos mortos, assim, é adentrar em nosso futuro, na Vida Real, aquela que nunca acaba, seja na presença ou na ausência do Senhor, para todo o sempre.

I – PARA ONDE OS MORTOS VÃO

1. O Enigma da Vida

Antes de analisar pelas Escrituras para onde vão os mortos, é interessante perceber de onde vêm os vivos. Aos que não creem na literalidade do relato de Gênesis, será necessário criar teorias e suposições a fim de explicar como tudo começou.

A verdade, contudo, é que os cientistas não sabem as origens da vida, mas arriscam dizer que uma “sopa primordial” existia no passado remoto, a qual, com a interação de gases presentes na primitiva atmosfera terrestre, pela ação de descargas elétricas oriundas dos raios, radiação ultravioleta, e pela incidência da energia liberada pelos vulcões, transformou-se no ninho da vida. Segundo essa teoria, depois de um longo período, a vida foi-se tornando cada vez mais complexa e, para resumir a história da “seleção natural”: os seres mais hábeis, fortes e inteligentes

estabeleceram-se; assim, como resultado, aqui estamos nós, os humanos. Ledo engano.

Não foram as forças do acaso que fizeram com que esse belo planeta azul brotasse do caos, mas cremos pela Bíblia que a vida surgiu pela ação criativa de um Ser inteligente, que, após executar a sua obra em seis dias, cessou no sétimo. Tudo ia muito bem, até que, por causa do pecado (Gn 2.17; Rm 8.2; 1 Co 15.56), aconteceu a Queda do Homem no Éden, o que abriu a porta para a entrada da morte, já que não seria razoável admitir que criaturas decaídas vivessem para sempre, pois, ao longo dos anos, o pecado alcançaria patamares tão elevados que, certamente, os seres humanos seriam transformados numa espécie de “raça de demônios”. A morte, assim, entrou em cena para resolver esse possível grave problema. Quando, por fim, o pecado for aniquilado, então o Senhor lançará a morte e o inferno (*hades*) no lago que arde com fogo e enxofre, que foi preparado para o Diabo e os seus anjos.

2. O Estado Intermediário dos Salvos

Surge, então, o questionamento sobre o que acontece entre um instante da morte física e a ressurreição, que se convencionou chamar de “estado intermediário”. Em relação aos salvos, as Escrituras esclarecem que irão para o Paraíso (Lc 23.42,43), também chamado de “seio de Abraão” (Lc 16.22). Nesse estado intermediário, os crentes não ficam dormindo (o sono da alma), mas

adorando ao Senhor intensamente enquanto aguardam o dia da primeira ressurreição. O texto que nos lança mais luz acerca do estado intermediário (vida pós-morte, antes da ressurreição) no Novo Testamento é a história (não parábola) contada por Jesus sobre Lázaro e um homem rico. Alguns, entretanto, persistem em interpretá-la como parábola; Tim Lahaye arremata:

“Havia certo homem rico”. Havia ou não havia? Ele disse claramente que havia. O relato não é iniciado com a frase “disse-lhes outra parábola”, como em outras oportunidades. Nem disse: “O é como se houvesse certo homem rico e certo mendigo”, ou expressão semelhante. Ele, porém, declarou de forma firme e clara: “havia certo homem rico”.¹

Além dessa abordagem objetiva, há mais alguns aspectos que nos levam acreditar que se tratava de uma história. Um deles é que não se vislumbra em nenhuma parábola Jesus indicando o nome de pessoas. Neste caso, o Senhor cita não somente o nome de Lázaro, mas também, para não deixar dúvidas, de um herói da fé, um personagem histórico: Abraão. O saudoso pastor Antonio Gilberto, por seu turno, ao comentar sobre Lucas 16.19-31, arrematou:

É oportuno dizer que essa passagem não é uma parábola. O título posto informando que é parábola, vem dos editores da Bíblia, mas não consta do original. Parábola é uma modalidade de narração em que não aparece nomes de pessoas. Além disso, o verbo “haver”, como está empregado no versículo 19, denota por sua vez um fato real.²

Nessa perícope, vê-se o crente Lázaro no “seio de Abraão”. Acerca da expressão “o seio de Abraão”, no *Comentário Bíblico Beacon*, consta que se tratava “de uma linguagem figurada, emprestada do costume de se reclinar à mesa. Dizia-se que cada um estava no seio daquele que estivesse atrás de si, porque a sua cabeça estava próxima ao peito do outro. Esta frase era usada como uma referência ao paraíso, ou à morada de Deus.”³ Assim, tomando por base essa verdade histórica judaica, o Senhor Jesus demonstrou que não só Lázaro, mas também Abraão, que estava perto dele, participavam de atividades no Céu. Naquele lugar, conforme o texto em questão, Lázaro estava sendo consolado (gr. *parakaleo*) pelo Senhor (embora estivesse sentado perto de Abraão) em cumprimento à promessa: “Far-me-ás ver a vereda da vida; na tua presença há abundância de alegrias; à tua mão direita há delícias perpetuamente” (Sl 16.11). Dessa forma, Lázaro estava em atividade no Paraíso, razão pela qual o homem rico, que estava no *Hades*, pediu para Abraão enviar o ex-mendigo como missionário para a sua família na Terra (Lc 16.19-31). Obviamente, o pedido não foi acatado.

Há outros textos que demonstram, à saciedade, a atividade atual daqueles que “dormiram” no Senhor, como, por exemplo, o episódio da transfiguração de Jesus, na qual Moisés e Elias conversavam com o Senhor; igualmente, perto da morte, Estêvão viu Jesus em pé, certamente o esperando para dar-lhe as boas-vindas pela

iminente chegada ao novo lar (não seria razoável saudar alguém que chegaria ao Céu dormindo!) Ainda em Apocalipse 6.9-11, os que morreram na Grande Tribulação estavam “debaixo do altar” (no Paraíso) clamando a Deus por justiça. Assim, com toda a certeza, nenhum desses personagens aqui mencionados estavam dormindo. Ademais, como Paulo diz que estar com Cristo é incomparavelmente melhor (Fl 1.23, ARA), certamente não seria assim se os salvos estivessem dormindo na presença de Deus!

Por fim, Jesus, falando sobre a ressurreição dos mortos, lembrou-lhes da Escritura: “E, acerca da ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos” (Mt 22.31,32), deixando claro que os referidos patriarcas estavam “bem vivos” — atuantes — no Paraíso.

3. O Estado Intermediário dos Ímpios

Na passagem mencionada no item anterior, Jesus desvenda muitos mistérios sobre a vida pós-túmulo daqueles que morreram nos seus pecados. E, mais uma vez aqui, analisaremos o que acontece entre o instante da morte do ímpio e o momento da segunda ressurreição, que se dará após o Milênio. O estado intermediário dos ímpios, igualmente, ocorre em plena consciência, inclusive acerca das coisas que aconteceram na Terra durante a vida no corpo físico (Lc 16.19-31).

Conforme aconteceu com o mendigo Lázaro, quando os justos morrem, são levados pelos anjos ao Paraíso, mas as Escrituras não detalham o que acontece no mundo espiritual para os ímpios chegarem ao Inferno, que, em grego, é *hades* (Lc 16.23), que, segundo o pastor Antonio Gilberto, “era (e é) medonho, ignífero, cheio de dores e sofrimentos, estando todos ali plenamente conscientes.”⁴ Vale dizer, ademais, que esse lugar é apenas um inferno-prisão e que, pelo texto de Lucas 16.24, lá existe intenso sofrimento, secura e fogo, onde os espíritos dos ímpios ficarão entre a morte e a segunda ressurreição, que acontecerá antes do Juízo do Grande Trono Branco. Entretanto, o Inferno propriamente dito, o lugar eterno de sofrimento dos ímpios, é chamado de lago de fogo e enxofre conforme Apocalipse 20.10,14.

Fato cristalino e igualmente importante é que os ímpios não vão para o purgatório (católicos) ou para “zonas de sofrimento” (espíritas) após a morte, mas, conforme está escrito, “aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo” (Hb 9.27).

II – RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

1. A Esperança para um Mundo Desesperançado

A vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus, a resplandecente Estrela da Manhã, trouxeram a esperança de que o mundo precisava. O momento final da sua vida, por exemplo, foi, na

verdade, um lindo recomeço, além da eternidade. Jesus já vislumbrava o reencontro com o Pai. Ele queria o Céu. Por isso, as suas palavras não são permeadas de ódio e decepção. Elas estão repletas de amor e esperança. Ele sabia que as nuvens negras iriam passar e que uma ensolarada manhã despontaria radiante. Ele falou: “Tenho-vos dito isso, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33). Os discípulos entenderam. Jesus venceu. A cruz não seria derrota, mas, sim, a vitória. Por causa do Mestre, os discípulos suportaram os seus martírios com serenidade, alegria e fé. Eles entenderam que precisavam passar pela cruz para chegarem à glória e que, para passarem pela cruz, precisavam *da* glória. Pedro, segundo a tradição, disse, antes de ser crucificado, que não era digno de morrer como o seu Mestre e pediu para ser crucificado de cabeça para baixo.

O mundo nunca conheceu homens tão simples e, ao mesmo tempo, tão valorosos e qualificados como os apóstolos de Jesus. Eles conseguiam enxergar, assim como o seu Mestre, nos últimos momentos da vida motivos para falar sobre esperança e fazer poesia, quando outros só contemplavam sofrimento. As palavras de Jesus fizeram a diferença.

A esperança da ressurreição cristã — a viva esperança (1 Pe 1.3), que demonstra que teremos no futuro uma nova vida sem morte ou dor na presença de um Deus amoroso para sempre — é muito

alentadora. Os apóstolos de Cristo, não por acaso, utilizavam Jesus e a ressurreição como assunto central das pregações. Sem ressurreição, os sonhos sempre serão limitados; a alegria, transitória; e o fim da vida, uma intransponível melancolia e desespero.

2. A Promessa da Ressurreição

A promessa de viver para sempre com um corpo glorioso foi feita pelo Senhor Jesus durante o seu ministério (Jo 6.40,44,54). Essa promessa (tratada exaustivamente em 1 Coríntios 15) estava abrigada no âmago dos servos de Deus há muito tempo. Abraão, por exemplo, ofereceu a Isaque porque “[...] considerou que Deus era poderoso para até dos mortos o ressuscitar” (Hb 11.18). Mais adiante, está escrito: “[...] uns foram torturados, não aceitando o seu livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição” (Hb 11.35).

Assim, a esperança da ressurreição era (e é) uma das marcas indeléveis da Igreja. Nas cartas às sete Igrejas da Ásia registradas em Apocalipse, o Senhor, por exemplo, sempre fala acerca da esperança da ressurreição, sendo representada na expressão “ao que vencer”, que conferia o direito a: comer da árvore da vida (Éfeso), fazer parte da primeira ressurreição (Esmirna), comer do maná escondido (Pérgamo), receber a estrela da manhã (Tiatira), ser vestido de vestes brancas (Sardes), ter escrito sobre ele o nome de Deus e o da cidade de Deus (Filadélfia) e assentar-se com Jesus

no seu Trono (Laodiceia). E, no fim do livro, a expressão “Maranata!” sintetiza bem o que estava no coração dos crentes: a bem-aventurada esperança!

3. A Morte da Morte

“E a morte e o inferno [*hades*] foram lançados no lago de fogo [...]” (Ap 20.14). Com essa expressão, Deus demonstra o dia da morte da morte, que estará em um lugar completamente separado dos novos céus e da nova terra para toda a eternidade. Uma vez que não haverá mais pecado, inexistirá a necessidade da morte, que é o seu salário.

Agora, quando todo o mal for destruído, a morte devolverá à vida os que morreram sem salvação — ressurreição da condenação (Jo 5.29) — e, então, será aniquilada (Ap 20.13,14). Está escrito:

Depois, virá o fim, quando tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo império e toda potestade e força. Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés. Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte (1 Co 15.24-26).

III – TIPOS DE RESSURREIÇÃO

1. Cristo, as Primícias dos que Dormem

Domingo. O sol ainda nem despontara. Friozinho da madrugada. Mulheres apressadas, às escuras, saíam de Jerusalém. Elas

carregavam certa quantidade de unguentos para honrarem, pela última vez, o seu Mestre. Ele tocara-as profundamente. Uma delas, Madalena, tinha um passado horrível, mas o Senhor libertara-a dos seus vícios e perdoara os seus pecados. Por isso e muito mais, aquelas mulheres nutriam profundo sentimento de gratidão e devoção por Jesus. Elas amavam-no. Quando chegaram ao sepulcro, fora da cidade, uma grande surpresa: o túmulo estava vazio; estranhamente vazio. Elas viram soldados fazendo guarda ali na sexta-feira. Contudo, agora, não havia ninguém. Nem mesmo o corpo de Jesus estava lá. De repente, eis que um anjo disse: “Ele não está aqui [...] já ressuscitou [...]”. Logo após, o próprio Jesus apareceu. Grande alegria! A morte foi tragada na Vitória! A Vida venceu mais uma vez!

A ressurreição de Jesus seguiu o mesmo padrão dos milagres de Deus. Era improvável, impossível. Todavia, inesperadamente, houve um grande terremoto. Uma luz brilhou na escuridão. Um anjo desceu do céu e removeu uma pedra. O Rei do Universo deveria passar por ali. (Claro que o Senhor Jesus poderia tirar o obstáculo, mas aquela conduta angelical fazia parte do protocolo seguido pelos súditos quando um rei ia passar.) Espanto dos inimigos. Alegria dos santos. A morte, que entrou no mundo sorrateiramente no princípio da criação, foi derrotada estrepitosamente naquela manhã. Jesus, o Autor da Vida, tinha tomado do mal as chaves da Morte e do Inferno!

A ressurreição de Jesus é o grande milagre da Bíblia. O maior de todos! Ele é o único totalmente inexplicável. Uma matéria em decomposição, inerte, passou a ser um corpo transcendental, sem limitações, o qual não se submete às leis da física! Um corpo que não respeita tempo e espaço. Que transpõe paredes (Jo 20.19); que come, ainda que não precise de energia para viver (Lc 24.42,43); que pode mudar de aparência sem perder a essência (Mc 16.12); que aparece e desaparece quando quer (Lc 24.31). Um corpo que toca e é tocado (Jo 20.27); que interage em qualquer dimensão; que se apresenta como uma interseção entre o céu e terra. Como uma ponte; uma parábola do amor de Deus. Entretanto, ao mesmo tempo, Ele é tão real como você e eu. Tão denso como uma rocha. Um corpo glorioso. É assim que a Bíblia classifica-o. O corpo ressurreto de Jesus é um monumento à Vida e um prenúncio da destruição da morte. A garantia da redenção de toda a criação. A ressurreição de Jesus é, por isso, a mais esplêndida expressão de esperança sobre o futuro da humanidade.

No Éden, Deus outorgou à raça humana vida física e espiritual. Pouco tempo depois, o pecado entrou no mundo, e com ele a morte espiritual e física. Deus, entretanto, ao invés de destruir a obra-prima da Criação, estabeleceu uma missão de resgate. O seu Filho nasceria de uma virgem, seria desprezado pelos homens e, por fim, morreria numa cruz. Todavia, a história não terminaria assim. Haveria, ainda, o último estágio do seu plano. O reverso da

encarnação. O Verbo fez-se carne no nascimento em Belém. Agora, a carne fazia-se Verbo no sepulcro em Jerusalém. Ressurreição. Deus, sozinho, resolveu todo o problema criado pelo mal, oferecendo aos pecadores uma eterna salvação.

Paulo, sabendo de tudo isso, afirmou que o Cristo ressurreto foi feito, para Deus, como as primícias dos que dormem (1 Co 15.20), declarando, com isso, que a ressurreição de Jesus é a garantia de nossa ressurreição (1 Co 15.23; Rm 6.5; 1 Ts 4.14).

Uma das festas judaicas estabelecidas por Deus era a das Primícias, que consistia em o agricultor israelita trazer o primeiro feixe de cereal maduro da sua colheita para o sacerdote, que o movia diante do Senhor no domingo (Lv 23.9,10), além de realizar outros atos cerimoniais (Lv 23.11-14) em sinal de gratidão e louvor pela bondade do Altíssimo.

Com isso, Deus garantiria uma abundante colheita final: “[...] a bênção sobre a tua casa” (Ez 44.30). Assim, Jesus foi “o primeiro da ressurreição” (At 26.23) no domingo (Mc 16.9), sendo, portanto, o selo da vitória final da Igreja.

2. A Ressurreição dos Justos

Por ocasião do arrebatamento da Igreja, acontecerá a ressurreição de todos os crentes, tanto os que serviram a Deus no período do Antigo Testamento como aqueles que faziam parte da Igreja a partir da descida do Espírito no Pentecostes. Essa denominada primeira

ressurreição (Ap 20.5,6), ou ressurreição da vida (Jo 5.29), ou ressurreição dos justos (Lc 14.14; At 24.15), também livrará a Igreja “[...] da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra” (Ap 3.10).

A primeira ressurreição, que, segundo alguns teólogos, já começou com a ressurreição de Jesus, as primícias e com a ressurreição de alguns santos por ocasião da morte de Cristo, será concluída no futuro por ocasião do arrebatamento, quando alcançará os salvos desde Abel, que “dormiram” no Senhor, e os que estiverem vivos, que serão transformados. Ainda serão incluídos na primeira ressurreição as duas testemunhas (Ap 11.9-11) e os mártires da Grande Tribulação (Ap 20.4-6) — estes últimos por ocasião da volta gloriosa de Jesus. O fato glorioso é o registrado em Apocalipse 20.6, que diz: “Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos”.

3. A Ressurreição dos Perdidos

Os mártires da Grande Tribulação encerrarão a primeira ressurreição e, após mil anos, haverá a ressurreição dos ímpios, quando da consumação dos séculos (Ap 20.5), os quais não receberão corpos gloriosos iguais aos dos remidos, mas, sim, corpos adequados para suportar os sofrimentos eternos. A trindade

satânica, a essa altura, já estará julgada e sendo atormentada no lago de fogo e enxofre.

Por ocasião dessa ressurreição, os que morreram no mar retornarão à vida; a morte, semelhantemente, dará os corpos que ceifou, e o Hades devolverá os espíritos que estavam sofrendo em prisão. O Senhor, então, reunirá novamente a parte material e imaterial dos seres humanos sem salvação, em face de haverem rejeitado a Deus e a Cristo, para comparecerem perante o Senhor Jesus no Grande Trono Branco.

CONCLUSÃO

O desfecho da sorte dos ímpios é deveras triste, porém, justo. O próprio Deus montou uma “operação resgate” que envolveu os anjos, todos os salvos e, inclusive, o seu Filho ao longo dos milênios para estender a todos o convite gratuito da salvação, mas os ímpios, ainda assim, não optaram pelo caminho da vida.

A mensagem da redenção era (e é) de fácil compreensão: “[...] Se, com a tua boca, confessares ao Senhor Jesus e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo” (Rm 10.9); “[...] Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6); “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28). A decisão de aceitar Jesus, pregada nos quatro cantos da Terra, necessita apenas de ser tomada de maneira voluntária. É preciso querer isso

ostensiva, pública e comprometidamente (Mt 16.25; 10.32), ou seja, deve-se ter a cruz (Mt 10.38). Simples assim.

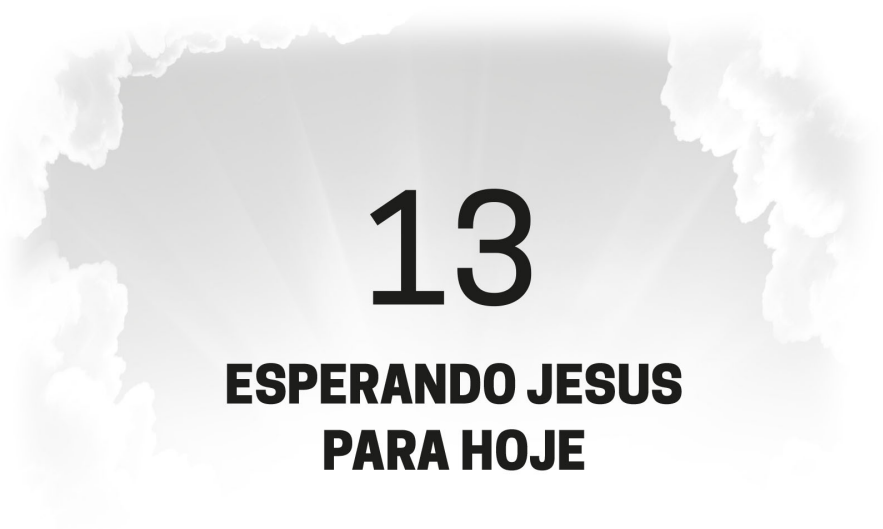
Neste tema, nunca foi (nem é) possível assumir posição de neutralidade. Assim, ama-se a Deus ou ao mundo; submete-se a Deus ou à carne; serve-se a Deus ou ao Diabo. É mister fazer a escolha logo (Hb 3.15) antes que seja tarde demais.

¹ LAHAYE, Tim; HINDSON, Ed. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 277.

² GILBERTO, Antonio. **O Calendário da Profecia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 36.

³ EARLE, Ralph; SANNER, Elwood A.; CHILDERS, Charles A.; **Comentário Bíblico Beacon**. 1.ed., vol. 6, Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 459.

⁴ GILBERTO, Antonio. **O Calendário da Profecia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 36.



13

**ESPERANDO JESUS
PARA HOJE**

As Sagradas Escrituras revelam que os “últimos dias” já começaram (Hb 1.1) ou, noutras palavras, que estamos vivendo na “última hora” (1 Jo 2.18). Essa deveria ser uma constatação aterradora, mas muitas pessoas estão como que anestesiadas, desatentas, acerca deste momento crucial da história. Em poucos dias, acontecerá o que foi dito pelo apóstolo Pedro: “[...] os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão” (2 Pe 3.10). O cenário cataclísmico aqui descrito parece, em certa medida, com a ideia de um *Big Bang* às avessas. Teria sido esse versículo a fonte de inspiração dos cientistas para a elaboração da referida teoria?

O futuro da humanidade está encoberto aos olhos do mundo, mas a Palavra de Deus descortina, com riqueza de detalhes, o enredo derradeiro da vida humana, vaticinando também acerca do futuro do Universo e a consequente glória de Cristo no fim da história — objetivo precípua da escatologia cristã. Em Apocalipse, por exemplo, Deus passa um “filme” a João, mostrando cenas que retratam “as coisas que devem acontecer”. Observe que o Senhor, aqui, não está falando da construção de fatos a partir do que os homens decidirão, numa espécie de “Teísmo Aberto”, mas de episódios que incondicionalmente acontecerão. Como diria o profeta: “[...] Vem o fim, o fim vem sobre os quatro cantos da terra” (Ez 7.2).

Aliás, essa profecia sobre “o fim das coisas em Israel” foi dita por alguém que estava no cativeiro babilônico, Ezequiel, onde também estavam os jovens Daniel, Hananias, Misael e Azarias, que foram levados como prisioneiros de guerra no ano 597 a.C.. A profecia de Ezequiel mencionava sobre a vinda do fim, mas os moços tinham por certo uma coisa: Deus estava com eles. Aqueles que andam com Deus sabem que, mesmo que as perspectivas do futuro sejam sombrias, podem descansar, pois o Senhor fez a promessa: não te deixarei, nem te desampararei (Gn 28.15; Js 1.15; Hb 13.5).

Os jovens hebreus, então, propuseram no coração não se contaminarem com as iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia. Eles manteriam a sua fidelidade a Deus; viveriam “um dia de cada vez”, sem ansiedade, no centro da vontade do Senhor. Os anos seguintes demonstrariam que Deus, de fato, estava no controle da situação. Alguns milagres aconteceram com aqueles jovens, que impressionaram o maior império da época. Hananias, Misael e Azarias não se queimaram quando jogados em uma fornalha. Daniel, o mais destacado dentre eles, interpretou sonhos e visões de reis e não sofreu nenhum dano quando lançado em uma cova de leões esfomeados. Eles tornaram-se muito influentes nos governos babilônico e medo-persa por décadas. Chegaram escravizados, mas tornaram-se ministros de Estado. Eram como estrelas solitárias num céu escuro.

Os quatro jovens israelitas não previam, nem nos seus melhores sonhos, o desfecho das suas vidas. Sobre eles, a Bíblia diz: “Os quais, pela fé, venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo, escaparam do fio da espada, da fraqueza tiraram forças [...]” (Hb 11.33,34a).

Nossos heróis aqui citados certamente conheciam a profecia de Ezequiel que falava acerca do *fim*, mas isso não os deixou inertes, imobilizados; antes, pelo contrário, mantiveram uma vida de vigilância e santidade, não adorando outros deuses e, ademais, cultivando a prática diária da oração e da leitura das Escrituras. Resultado: tiveram um futuro brilhante em um lugar no qual as pessoas não conheciam o Deus Verdadeiro. Todas as conquistas pessoais desses hebreus decorreram da firme resolução de não se contaminarem com as coisas do mundo corrompido em que viviam e, sempre, agirem pela fé, que é o portão de nosso futuro.

O exemplo de vida deles têm muito a ensinar-nos, Igreja do século XXI, que esperamos Jesus para hoje. Para nós, assim como para eles, o futuro era, é e sempre será uma incógnita; contudo, mesmo assim, eles não perderam o rumo das suas vidas, mas mantiveram-se fiéis ao Senhor até o fim. Tornaram-se modelos de vigilância, santidade, fidelidade, vida devocional e fé, que são paradigmas indispensáveis para os que esperam pelo Senhor.

Hoje, quase 2 mil anos são passados desde a ressurreição de Jesus, e aqui estamos no século XXI, esperando a volta do Salvador, que, em Apocalipse 16.15 (ARA), disse que era bem-aventurado aquele que vigiasse, pois Ele viria como vem o ladrão. O saudoso pastor Antonio Gilberto mencionou algumas características de como age um malfeitor, circunstâncias que revelam como será a vinda de Cristo:

1. O ladrão age com muita rapidez. 2. O ladrão leva só o melhor e deixa o pior (algo melhor nem sempre é o mesmo que algo maior). 3. O ladrão não leva tudo que encontra no momento. 4. O ladrão não vem para demorar. 5. O ladrão não avisa a hora que vem. 6. Somente quando o ladrão vai embora é que se nota a ausência do que ele levou. 7. O ladrão costuma agir quando a escuridão é maior. O ladrão costuma agir quando ninguém imagina.¹

Essas observações de um dos maiores teólogos do Brasil, com a sua perspicácia habitual, demonstram, à sociedade, nossa obrigação de esperar Jesus para hoje, um dos tempos mais escuros, do ponto de vista moral, da história da humanidade; por isso, mantenhamos atenção total de como vai nossa comunhão diária com Deus, guardando “as vestes, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas” (Ap 16.15), pois a sua vinda acontecerá com tanta rapidez que não dará tempo para ajustes derradeiros. Então, Ele arrebatará, nesse retorno fugaz, somente os que estiverem preparados para subir — o melhor do rebanho —, e

isso pode acontecer a qualquer momento. Tenhamos cuidado, pois as paixões carnis (nisso aí, incluído “o orgulho nosso de cada dia”), o anelo por dinheiro e poder, as distrações da vida, bem como as terríveis hostes infernais que povoam este mundo tenebroso, são inimigos que, cotidianamente, querem afastar-nos do Céu. Assim, amemos a volta de Jesus, busquemos a sua suficiência e vivamos debaixo da graça, esperando todos os dias por nossa bem-aventurada esperança!

I – A EXPECTATIVA DA VOLTA DO SENHOR

1. A Promessa do Rapto da Noiva

O Senhor Jesus, na noite em que foi traído, deixou claro para os discípulos que aquele momento de despedida não seria um “adeus”, mas um “até breve”, ao mencionar que voltaria para levar a Igreja para estar com Ele. Menos de dois meses após, na ascensão, anjos disseram aos discípulos que, naquele lugar e daquele modo, o Senhor voltaria (gloriosamente) para restaurar o Reino a Israel.

O Eterno, dessa forma, desejava que a sua Igreja estivesse pronta, apta, para este tão esperado reencontro: o rapto da Noiva. A. W. Tozer, no livro *Preparando-se para a Volta de Jesus*, inicia o primeiro capítulo com a seguinte oração:

Pai celeste, prostro-me humildemente diante de Ti na expectativa de obter Tua graça e bondade. Que meu coração esteja preparado em justiça e santidade para Te

receber quando vieres. Vivo a cada dia na expectativa do Teu breve retorno. Que dia a dia eu possa viver a bem-aventurada esperança. Amém.²

Esse sentimento expresso por Tozer, ao dizer que vivia cada dia na expectativa do retorno do Senhor, faz coro com aquilo que está no coração de Deus. Todo aquele que vive com Deus tem como o seu maior prazer estar com Ele. Certamente, Moisés, tão acostumado com a glória de Deus, tinha os momentos no Tabernáculo, ou no cume do Monte Sinai, como o seu maior contentamento.

Nos dias de Jesus, mesmo com o casamento marcado, a hora em que o Noivo compareceria para “raptar” a Noiva da casa do pai dela não era agendada. O Senhor Jesus, igualmente, prometeu voltar, mencionando os sinais da sua vinda, porém, disse que ninguém sabe daquele dia e hora. Jesus reafirmou a promessa do arrebatamento, em que Ele virá num piscar de olhos, como um ladrão.

2. O Compromisso com a Santidade

Uma noiva prende a sua atenção integralmente e volve-se completamente a estar com o seu amado. Esse é o seu projeto de vida, o seu sonho, o seu destino. Enquanto espera, a Noiva de Cristo, igualmente, deveria manter o compromisso de fidelidade conjugal; por isso, o Noivo lembra que é “[...] bem-aventurado

aquele que guarda as palavras da profecia deste livro” (Ap 22.7). O pacto formalmente assumido exigia reciprocidade de responsabilidades. A Noiva de Cristo deveria adornar-se como “[...] igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5.37).

Com o uso dessa linguagem do amor, a Igreja consegue apreender o significado especial, a importância do compromisso com o Senhor e da consequente necessidade de santificação para estarmos preparados para o encontro festivo com o Esposo: “Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e nunca falte o óleo sobre a tua cabeça” (Ec 9.8).

3. As Obras Serão Recompensadas

Nesse momento de despedida (Ap 22), conforme se vê, o Senhor lembra que trará com Ele, quando do seu retorno, o galardão de cada um daqueles que se esforçaram pela causa do Reino de Deus na Terra: “[...] para dar a cada um segundo a sua obra” (Ap 22.12). A Igreja, por dedicar-se intensamente ao Senhor, preparando-se para o encontro com Ele, receberá a tão almejada recompensa que está nas suas mãos, conforme o desempenho individual de cada discípulo — uma retribuição pelos atos de amor praticados em nome de Cristo. Deus não fica devendo nada a ninguém.

II — PRUDÊNCIA E FIDELIDADE: CARACTERÍSTICAS DE QUEM ESPERA POR

CRISTO

1. Fidelidade ao Esposo

Cumprindo o papel da escatologia bíblica — de glorificar o nome do Senhor Jesus no fim de tudo — após falar sobre o galardão, o Noivo chama a atenção para a sua pessoa: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o derradeiro” (Ap 22.13). Ele, que criou todas as coisas que estão registradas no livro de Gênesis, agora, em Apocalipse, demonstra que tem domínio sobre tudo, cabendo a Ele “desatar os selos” e abrir o livro que apresenta os destinos de todos os homens, bem como ser glorificado nas manifestações dos seres celestiais (Ap 5.8), nos cânticos (5.9,12,13) e ao longo dos eventos no fim dos tempos.

Ele nunca perde o controle dos fatos. Surgem os inimigos ferozes, mas eles não são rivais — ninguém está à altura de ser considerado assim; afinal, o Senhor é o Todo-poderoso (Ap 16.14), que vence os inimigos em todas as guerras, galardoando os justos e julgando os maus, sendo Rei dos Reis e Senhor dos senhores, com toda a autoridade no Céu e na Terra (Mt 28.18).

Dessa forma, os crentes podem ter a firme esperança do futuro glorioso que lhes está reservado. Ele é fiel e estará com a sua Noiva todos os dias até a consumação dos séculos. Quanto aos incrédulos, devem ficar advertidos sobre o fim lamentável que lhes aguarda. Entretanto, nem tudo está perdido para eles, pois não

existe “livro da morte”; ou seja, pode haver esperança para eles, haja vista que a porta da salvação continua aberta.

2. A Bem-aventurança da Salvação

A Bíblia diz que a salvação é grande a ponto de afirmar “como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação [...]?”. Essa salvação, que tantas vezes foi menosprezada pelos homens na Terra, terá grande valor no Céu, pois será a credencial para a entrada na Nova Jerusalém. João, inclusive, menciona a bem-aventurança para quem lavou as suas roupas no sangue do Cordeiro, pois terá o “direito à árvore da vida” e poderá “[...] entrar na cidade pelas portas” (Ap 22.14).

Naquela cidade bendita, não haverá acepção de pessoas. O passaporte não é o cartão de membro de uma igreja evangélica, praticar boas obras, aderir a ideologias corretas, possuir bom grau de instrução espiritual, ser moralista, etc., mas haver sido salvo por Cristo Jesus e não andar segundo a carne, mas segundo o Espírito (Rm 8.1,2).

3. As Características que os Discípulos Devem Evitar

Em confronto com a felicidade e os benefícios que aqueles que entraram na Nova Jerusalém receberam, o Espírito Santo mostra-nos as características das pessoas que não terão acesso a esse lar

bendito. Indivíduos que viveram fazendo a vontade da carne e dos pensamentos estarão impedidos de entrar na Cidade Celestial: “Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira” (Ap 22.15). No Livro da Vida do Cordeiro, não haverá nomes de pessoas que realizaram esses atos descritos, as quais serão lançadas no lago que arde com fogo e enxofre.

O apóstolo Paulo diz que “todo aquele que luta de tudo se abstém [...]” (1 Co 9.25). Assim, como anelamos viver naquela cidade que se chama “o SENHOR Está Ali” (Ez 48.35b), precisamos esmurrar nosso corpo e reduzi-lo à servidão pelo Espírito (1 Co 9.27) para não perdermos tão magnífica recompensa.

III – TIPOS DE ATITUDES DIANTE DA VOLTA DE JESUS

1. Amar a Vinda de Cristo

Um diálogo entre Cristo, a sua Esposa e o Espírito Santo aparece no fim do livro de Apocalipse, sendo intercalado com algumas observações do apóstolo João, onde, mais uma vez, o tema é a volta de Jesus. O tom é intimista, afetivo, conjugal, porém, cheio de advertências diante dos riscos do futuro. A volta de Jesus, por essa conversa, é uma promessa do Noivo e um anelo intenso da Noiva. Matthew Henry, acerca dessa “despedida” bendita, comenta:

A despedida de Cristo à sua igreja. Parece que agora, depois de ter revelado essas coisas ao seu povo na terra, Ele está abandonando o seu povo, voltando ao céu; mas Ele se despede deles com grande ternura, e lhes dá a garantia de que não vai demorar muito para que volte novamente para eles: “Certamente, cedo venho”. Como quando subiu ao céu, depois da sua ressurreição, Ele partiu deixando a promessa da sua bondosa presença, assim aqui Ele partiu com a promessa da volta breve. Se alguns dizem: “Onde está a promessa da sua vinda, se tantas gerações passaram desde que isso foi escrito?”, que fiquem sabendo que Ele não é negligente com o seu povo, mas paciente para com os seus inimigos. Sua vinda será mais repentina do que eles imaginam, mas repentina do que o preparo deles, mais repentina do que o seu desejo por ela; e para o seu povo, será no tempo oportuno. A visão é clara para um tempo designado, e não vai tardar. “Certamente, cedo venho”. Que essas palavras ressoem sempre nos nossos ouvidos, e que sejamos sempre diligentes para sermos encontrados por Ele em paz “[...] imaculados e irrepreensíveis” (2 Pe 3.14).³

Após Jesus informar sobre o desejo de vir buscar a Igreja brevemente (Ap 22.7,12), o Espírito e a Esposa respondem à declaração de amor do Esposo com a seguinte mensagem: “Vem” (Ap 22.17). Trata-se de algo que significa, em linguagem coloquial hodierna: “Venha, meu amor, estou lhe esperando”, no que aquiesce Fausset, citado no *Comentário Beacon*, aduzindo que “Vem” é uma oração do Espírito e da Igreja em resposta ao chamado de Cristo: “Eis que cedo venho”.⁴ Champlin, por seu turno, arrazoa:

A Noiva diz: vem! Isso expressa o anseio da Noiva pelo aparecimento do Noivo, o qual esteve ausente por tanto tempo. É o anelo pela concretização das bodas ou festa de casamento. Para a donzela que está prestes a casar-se, a vida inteira se concretiza na preparação de seu casamento, e sua própria vida revolve em torno de seu futuro marido. Não é sem razão que esse simbolismo foi aqui escolhido para representar qual deve ser o anelo da igreja pelo retorno de Cristo. A noiva tem supremamente, em sua mente e em sua vida, a pessoa do noivo, nada fica fora de seu encantamento. Assim também o ideal do cristão é aquele encantamento e aquela beleza de Cristo, que transforma a vida. E, de nós, é esperado que desejemos ansiosamente por sua volta, e isso a nos purificar; e essa santificação, por sua vez, nos transformará segundo a própria imagem de Cristo.⁵

Seguindo o diálogo, depois de um breve comentário do escritor João (Ap 22.18,19), o Esposo responde, encerrando aquela conversa: “Certamente, cedo venho” (Ap 22.20). Uma declaração de amor jamais pode ficar sem resposta!

2. Desfrutar da Suficiência de Cristo

Os que anelam a vinda de Cristo devem ter nEle a sua total suficiência. Nenhum prazer deve ser maior; nenhum presente deve ser mais precioso; nenhuma esperança deve ser mais alvissareira. Essa verdade pode ser expressa na frase “[...] quem tem sede venha; e quem quiser tome de graça da água da vida” (Ap 22.17).

Somente Cristo pode dessedentar a necessidade daqueles que o amam. Este é o requisito indispensável para ser arrebatado: amar ao Senhor acima de todas as coisas e ter nEle, somente nEle, a fonte de todo o prazer (Sl 73.25; 87.7). Cristo precisa ser o nosso tudo, a nossa vida (Fl 1.21).

3. Viver debaixo da Graça

Só existe um jeito de esperar Cristo para hoje, e esse é “vivendo debaixo da graça”. A inclinação da natureza humana distancia-nos do Criador dia após dia, mas a graça de Deus leva-nos para perto da cruz de Cristo. Essa verdade fica evidente na bênção apostólica impetrada no fim do livro de Apocalipse: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém!” (Ap 22.21). O próprio Senhor Jesus dissera a Paulo que a graça dEle era suficiente (2 Co 12.9). Matthew Henry arremata:

Nada deve ser mais desejado por nós do que o anseio para que a graça de Cristo esteja conosco neste mundo, para nos preparar para glória de Cristo no outro mundo. É por meio da graça dele que devemos ser guardados numa expectativa jubilante da sua glória, preparados para ela e preservados para ela. E sua gloriosa aparição será bem-vinda e feliz para aqueles que são participantes da sua graça e favor aqui; e por isso, todos deveríamos acrescentar a oração tão ampla o nosso amém sincero, desejando ardentemente as medidas maiores das influências bondosas do abençoado Jesus em nossa alma,

e sua presença bondosa conosco, até que a glória tenha aperfeiçoado toda a sua graça para conosco.⁶

Nesta vida, jamais conseguiremos ser suficientemente bons para herdar o Reino dos céus. Só existe um bom: Deus. A graça, todavia, torna-nos dignos de participar da primeira ressurreição pelos méritos de Cristo na cruz do Calvário.

CONCLUSÃO

O Senhor, que tem o controle do tempo e dos fatos da História nas suas mãos, sabe quando será o fim, porém, não marca esse evento em nosso calendário; só no dEle. A advertência para que vigiemos para a sua vinda é veemente em toda a Bíblia: “E as coisas que vos digo digo-as a todos: Vigiai” (Mc 13.37). Por isso, ao concluir o Apocalipse, o Senhor disse três vezes: “cedo venho” (22.7,10,20). Que estejamos preparados enquanto esperamos Jesus para hoje. O fim vem! Maranata!

¹ **Bíblia com comentários de Antonio Gilberto.** 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 2135.

² TOZER, A. W.. **Preparando-se para a Volta de Jesus.** 1.ed., Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2018, p. 13.

³ HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico do Novo Testamento.** Vol. 5,6, Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 1011.

⁴ TAYLOR, Richard S.; HARPER, A. F.; NICHOLSON, Roy S.; FUHRMAN, Eldon R.; BLANEY, Harvey J.S.; ROSE, EARLE, Ralph. **Comentário Bíblico Beacon**. 1.ed., vol. 10, Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 501.

⁵ CHAMPLIN, R. N.. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. 1.ed., vol. 1, 6, São Paulo: Hagnos, 2014, p. 859.

⁶ HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico do Novo Testamento**. Vol. 5,6, Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 1012.



BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Abraão de. **Manual da Profecia Bíblica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal**. 2.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

Bíblia com Comentários de Antonio Gilberto. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 2135.

Bíblia Jeffrey – Estudos Proféticos. 1.ed., BV Films Editora Eireli. Niterói: 2020.

CHAMPLIN, R. N.. **O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. 2.ed., vol. 5, São Paulo: Hagnos, 2001.

_____. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. 1.ed., vol. 1, 6, São Paulo: Hagnos, 2014.

LIVINGSTON, George Herbert et al; **Comentário Bíblico Beacon**. 1.ed., vol. 1, 2, 6, 8, 10, Rio de Janeiro: CPAD, 2015. 6, 10, Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

FOX, John. **O Livro dos Mártires (iBook)**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

GILBERTO, Antonio. **Daniel e Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

_____. **Manual da Escola Dominical.** Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

_____. **O Calendário da Profecia.** Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico do Novo Testamento.** Vol. 5,6, Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

HORTON, Stanley M. **Apocalipse.** Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

JONES, Timothy Paul. **Guia Profético para o Fim dos Tempos.** Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

LAHAYE, Tim; HINDSON, Ed. **Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica.** 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

LEWIS, C. S.. **Cartas de um Diabo a seu Aprendiz (iBook).** 1.ed., Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

_____. **Cristianismo Puro e Simples.** 1.ed., Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

_____. **O Grande Abismo.** 1.ed., São Paulo: Editora Vida, 2014.

LIMA, Elinaldo Renovato. **O Final de Todas as Coisas (iBook).** Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

McGRATH, Alister. **Conversando com C. S. Lewis**. 1.ed., São Paulo: Planeta, 2014.

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário Wycliffe**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

SILVA, Severino Pedro da. **Escatologia – Doutrina das Últimas Coisas**. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.

SOARES, Esequias (Organizador). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

SOARES, Reynaldo O. Martins. **Tempo para todas as Coisas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

TOZER, A. W.. **Preparando-se para a Volta de Jesus**. 1.ed., Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2018.

YAMAUCHI, Edwin M.; WILSON, Marvin R.. **Dicionário da Vida Diária na Antiguidade Bíblica e Pós-Bíblica**. 1.ed., Rio de Janeiro: CPAD, 2020.



TEMPO PARA TODAS AS COISAS



REYNALDO ODILO

Tempo para todas as coisas

Odilo, Reynaldo

9788526314849

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

De forma objetiva, usando de toda a sua desenvoltura bíblica e filosófica, Reynaldo Odilo Martins apresenta um estudo completo sobre um dos eventos naturais que mais inquietam o ser humano: O tempo. Com uma linguagem objetiva e com amplo material bibliográfico, o texto de Odilo abrange aspectos da vida cristã, apologética e escatologia que ajudarão o leitor a tirar o melhor proveito do fenômeno tempo. Este livro é um ótimo aliado para os que querem entender e se afastar dos males deste século e desejam viver no centro da vontade de Deus, entendendo que o tempo Dele é O Perfeito.

[Compre agora e leia](#)



Claiton Ivan Pommerening

O Plano de Deus para Israel em meio à Infidelidade da Nação

As Correções e os Ensinamentos
Divinos no Período dos Reis de Israel



O Plano de Deus para Israel em meio à Infidelidade da Nação

Pommering, Claiton Ivan

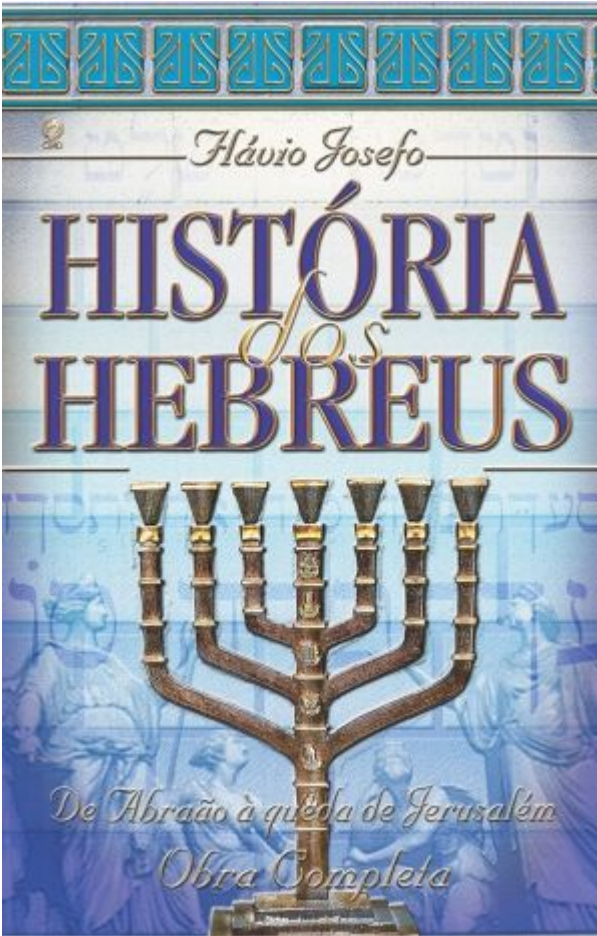
9786559680146

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nesta obra, Claiton Ivan Pommerening apresenta uma introdução ao estudo dos livros de Reis. Nela, o autor alia o conteúdo bíblico devocional ao conteúdo acadêmico, criando um conteúdo leve e acessível que ajudará o leitor a extrair ensinamentos riquíssimos para a vida diária.

[Compre agora e leia](#)



História dos Hebreus

Josefo, Flávio

9788526313491

1568 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em História dos Hebreus o autor escreve com detalhes os grandes movimentos históricos judaicos e romanos. Qualquer estudante da Bíblia terá em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens do Novo Testamento (Evangelhos e Atos), tais como: Pilatos, os Agripas, os Herodes e inúmeros outros pormenores do mundo greco-romano, tornando esta obra, depois da Bíblia, a maior fonte de informação sobre o povo Judeu. Um produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)

Mais de um milhão de cópias vendidas

Como ter o Coração de **Maria** no Mundo de **Marta**



Fortalecendo a Comunhão
com Deus em uma
Vida Atarefada

JOANNA WEAVER

Autora do Best-Seller Tendo um Espírito como o de Maria

Como ter o Coração de Maria no Mundo de Marta

Weaver, Joanna

9788526312302

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um convite para toda mulher que sente que não é piedosa o suficiente ... não está amando o suficiente ... não está fazendo o suficiente. A vida de uma mulher hoje não é realmente tão diferente da de Maria e Marta no Novo Testamento. Como Maria, você deseja se sentar aos pés do Senhor ... mas as demandas diárias de um mundo ocupado simplesmente não o deixam em paz. Como Marta, você ama Jesus e realmente quer servi-lo ... mas luta com cansaço, ressentimento e sentimentos de inadequação. Então vem Jesus, bem no meio de sua movimentada vida Maria / Marta - e ele estende o mesmo convite que fez há muito tempo às duas

irmãs de Betânia. Com ternura, ele convida você a escolher "a melhor parte" - uma vida alegre de intimidade na "sala de estar" com ele, que flui naturalmente para o "serviço de cozinha" para ele. Como você pode fazer essa escolha? Com sua nova abordagem à história familiar da Bíblia e suas estratégias criativas e práticas, Joanna mostra como todos nós - Maria e Marta - podemos nos aproximar de nosso Senhor, aprofundando nossa devoção, fortalecendo nosso serviço e fazendo as duas coisas com menos estresse e maior alegria.

[Compre agora e leia](#)



HERÓIS DA FÉ

VINTE HOMENS
EXTRAORDINÁRIOS
QUE INCENDIARAM
O MUNDO

ORLANDO BOYER

Heróis da fé

Boyer, Orlando

9788526311954

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mais de 300.000 livros vendidos! Um dos maiores clássicos da literatura evangélica. Homens extraordinários que incendiaram o mundo. A cada capítulo uma história diferente, uma nova biografia. As verdadeiras histórias de alguns dos maiores vultos da Igreja de Cristo. Heróis como: Lutero, Finney, Wesley e Moody, dentre outros que resolveram viver uma vida de plenitude do evangelho. "O soluço de um bilhão de almas na terra me soa aos ouvidos e comove o coração: esforço-me, pelo auxílio de Deus, para avaliar, ao menos em parte, as densas trevas, a extrema miséria e o indescritível desespero desses mil milhões de almas sem Cristo. Medita, irmão, sobre o amor do Mestre,

amor profundo como o mar, contempla o horripilante espetáculo do desespero dos povos perdidos, até não poderes censurar, até não poderes descansar, até não poderes dormir." (Carlos Inwood). Esta obra contém as biografias de grandes servos de Jesus. Conheça a vida de pessoas verdadeiramente transformadas por Deus e que, por isso, servem-nos como exemplos de vida. Um estímulo para também buscarmos ser reconhecidos como verdadeiros Heróis da Fé. Um produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)